



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS**

ANDREZA APARECIDA OLIVEIRA PEREIRA

***SE LIGA NA LÍNGUA: VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO LIVRO
DIDÁTICO DE PORTUGUÊS***

MONTEIRO – PB

2023

ANDREZA APARECIDA OLIVEIRA PEREIRA

***SE LIGA NA LÍNGUA: VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO LIVRO
DIDÁTICO DE PORTUGUÊS***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras - Português do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras - Português.

Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos

MONTEIRO – PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P436s Pereira, Andreza Aparecida Oliveira.
Se liga na língua [manuscrito] : variação e preconceito linguístico no livro didático de português / Andreza Aparecida Oliveira Pereira. - 2023.
96 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2023.
"Orientação : Profa. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos , Coordenação do Curso de Letras - CCHE. "

1. Variação linguística. 2. Preconceito linguístico. 3. Livro didático. 4. Ensino de língua portuguesa. I. Título

21. ed. CDD 410

ANDREZA APARECIDA OLIVEIRA PEREIRA

*SE LIGA NA LÍNGUA: VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO LIVRO
DIDÁTICO DE PORTUGUÊS*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras - Português do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras - Português.

Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 01/06/2023.

BANCA EXAMINADORA

Noelma Cristina F. dos Santos

Profa. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Jéssica Rodrigues Silva

Profa. Ma. Jéssica Rodrigues Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Jordão Joanes Dantas da Silva

Prof. Dr. Jordão Joanes Dantas da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus e aos meus pais, Aparecida e Antônio,
por me amarem incondicionalmente e me
impulsionarem a alcançar meus sonhos.

A Andreiton, meu irmão, por me aconselhar,
incentivar e ser meu maior apoio.

Ao meu avô Manoel (In memoriam), pelo
exemplo de paciência e bondade, além da
herança que me deixou: o amor aos livros,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Eis aqui o trabalho que encabeça o final desta trilha tão sonhada, mas também, como todo percurso, que conta com dificuldades e desafios, entretanto, posso dizer que a riqueza que esta graduação me trouxe foi imensa, que jamais serei a mesma em termos de conhecimento e visão de mundo, sou agora uma profissional e ser humano mais completo, sendo assim, todos os desafios foram necessários para meu crescimento e aprimoramento.

Nada disto seria possível, primeiramente, sem Deus como guia de meus caminhos, minha fortaleza, aquele que ouviu e amparou meus choros e me deu força e capacidade para continuar apesar de tudo, para vencer cada novo capítulo desta graduação, assim como na vida. Agradeço-Te, Meu Pai Amado, por iluminar-me e nunca abandonar-me, fazendo-me assim uma vitoriosa.

Agradeço a minha mãe, Aparecida Oliveira, minha primeira professora, aquela que me ensinou a maior parte daquilo que sei em termos de educação como: ler, escrever, ter respeito, mas, principalmente, sobre o amor. Sempre me incentivou a gostar de estudar, e a respeitar e admirar o caminho da docência, mesmo sem se dar conta, foi e na verdade é meu espelho nesta vida. É também minha melhor amiga, quem sempre se preocupou em saber se eu estava bem, e proporcionou condições para que eu pudesse seguir nos estudos do curso. Obrigada, minha mãe, por ser exatamente como és, uma mulher batalhadora, amorosa e uma eterna professora de vida, que nunca mediu esforços para nos criar e educar.

Ao meu pai, Antônio de Oliveira, um homem simples, que vive rodeado de professores na família e, mesmo assim, possui tantos conhecimentos valiosos quanto eles. Meu pai é alguém que sempre me ensinou sobre honestidade, respeito às pessoas, e que a dedicação ao que se faz, com fé em Deus, te leva às realizações e à certeza de que podes deixar o melhor para aqueles que amas, tuas boas atitudes e o mínimo para sobreviveres em paz. Obrigada, meu pai, por mesmo sem entender tanto sobre graduação, ter orgulho dos meus passos como “professorinha” e por se preocupar tanto, à sua maneira, com seus filhos, estaremos sempre ao seu lado.

Ao meu irmão, Andreiton Oliveira, que mais que um irmão, é um pai, amigo, exemplo de vida, inspiração, alguém que cuidou e cuida de mim todos os dias, que me ajudou e esteve comigo desde o Enem, na matrícula do curso e até estes momentos finais, bem como sei que estará presente em tudo o que eu fizer nesta vida. Foi meu apoio maior nesta jornada acadêmica, foi quem ouviu minhas descobertas, aprendizados, alegrias e angústias, quem me tirou muitas dúvidas com sua experiência, me incentivou a perseverar para produzir a pesquisa mesmo em

meio a insegurança, quem acreditou que eu conseguiria chegar até aqui e até onde eu quiser chegar. Obrigada eternamente por tudo.

Ao meu irmão de quatro patas, que ao longo dos seus treze anos de vida foi a maior alegria de nossas vidas e meu sonho realizado, que veio para unir mais a família e que participava de minha caminhada estudantil na infância, literalmente indo à escola comigo e com meus colegas, deixando o percurso mais leve. Saudades!

A Jerfesson Johan, que caminhou comigo desde o tempo da escola, alguém que cresceu ao meu lado, alguém que acreditou em mim e esteve sempre pronto para me ajudar. Minha gratidão a essa parceria e apoio tão especiais em minha vida.

Gratidão à minha prima/irmã Rosanne Oliveira, que além dos laços sanguíneos e de amizade, foi uma grande parceira no curso, tanto nos momentos nos quais nos encontramos nas disciplinas, trabalhos e decisões, quanto nos momentos em que precisei de um ombro e palavras amigas, foi ela que sempre esteve ao meu lado e sua ajuda e apoio foram essenciais nesta jornada. Enfim, gratidão a toda minha família por ser minha base, por acreditar em mim e pelas energias e palavras boas que me mandaram durante estes cinco anos de curso.

Sou grata aos meus amigos, aos meus colegas de universidade e à minha turma, no geral, por serem sempre presentes e prontos para ouvir, ajudar, ensinar e torcer uns pelos outros, foi assim que aprendi a gostar e respeitar a história de cada um. Agradeço em especial à Raquel, Alícia, Rita, Marta, Alderi, Débora Silva, Raiane, Micaele, Núbia, Simony, Débora Nunes, Taniele, Paulo, Frederico, Renan, Daiana e Sávio Tiago, pelas trocas mais profundas e especiais que pude ter, vocês foram pontos de luz nesta caminhada e estarão sempre em meu coração.

Quero agradecer à minha ilustre orientadora, Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos, por ter aceitado me ajudar a construir esta pesquisa, com toda sua atenção, seu carinho, paciência e suas riquíssimas contribuições, quero externar aqui minha admiração pelo ser humano e pela excelente professora que ela é, admiração que vem desde as disciplinas que tive a oportunidade de tê-la como ministrante, e que só aumentou com esta orientação. Foi uma honra ser sua orientanda, muito obrigada.

Agradeço a mim mesma. Sim, a mim que desde o início desta caminhada acadêmica me esforcei, na medida em que eu pude e também às vezes quando achei que não mais podia, e mesmo assim não desisti, venci minhas limitações, meus medos, e consegui chegar até aqui.

Agradeço aos demais professores do CCHE dos quais tive a honra de ser aluna, em nome dos queridos, humanos e sensíveis professores Adriana Gregório e Paulo Ávila, minha eterna gratidão pelos ensinamentos, jamais poderei mensurar o tamanho da valia que estes tiveram em meu percurso acadêmico, profissional e de vida.

Deixo ainda meus agradecimentos aos colegas de ônibus, que durante cinco anos preencheram os longos e cansativos momentos de viagem com alegria, e aos motoristas pela responsabilidade de nos levar aos destinos sempre em segurança.

A todos funcionários do CCHE/UEPB, nas funções de direção, coordenação, secretaria, biblioteca, limpeza e vigilância, pela atenção e gentileza.

Às escolas de minha cidade, Congo – PB, em nome das diretoras e professoras, que sempre me receberam tão bem, seja nos estágios, seja quando necessitei de livros didáticos para minhas pesquisas, tal qual esta pesquisa que aqui se segue. Aos meus queridos colegas de trabalho da EMEI, pelos constantes incentivos, pela compreensão e por me cederem espaços para concluir esta monografia.

A todos que contribuíram de forma direta e indireta para esta minha caminhada, meus sinceros agradecimentos, tudo que vivi nesta graduação foi de suma importância para minha vida e carreira, a semente que foi plantada desde o ensino infantil, foi adubada e será por mim cultivada em muitos outros, enquanto Licenciada em Letras – Português.

“Para construir uma sociedade tolerante com as diferenças é preciso exigir que as diversidades nos comportamentos lingüísticos sejam respeitadas e valorizadas.”

Marcos Bagno.

RESUMO

Este trabalho tem como enfoque principal o estudo da variação linguística no livro didático, uma temática muito relevante no contexto educacional que pode contribuir para aprimorar a competência linguística dos alunos/falantes e combater o preconceito linguístico dentro e fora de sala de aula. Nesse sentido, o objetivo geral é analisar o tratamento da variação linguística e do preconceito linguístico no livro didático de Língua Portuguesa do 6º ano, intitulado: “Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem”, de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi (2020-2023), adotado pela Escola Municipal de Ensino Fundamental do Congo – PB. Os objetivos específicos são: apresentar as atividades propostas no livro didático, identificar os tipos e níveis de variação linguística presentes e analisar se o material busca combater o preconceito linguístico. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que, segundo Silveira e Córdova (2009), se pauta na descrição, explicação e compreensão dos fenômenos reais estudados e é também documental, pois, conforme Gil (2002) ela se vale de materiais que não receberam tratamento analítico. Fundamenta-se teoricamente em Bagno (1999, 2006, 2021), BNCC (2018), BRASIL (1998, 2001), Faraco (2008, 2015, 2019), Freitas (2007), González (2015), Lima (2021), Martins, Vieira e Tavares (2021) e Oliveira (2017), que debatem sobre língua, variação linguística, preconceito linguístico, ensino de variação e utilização do livro didático, uma discussão voltada para concepções da Sociolinguística educacional. Os resultados obtidos mostram que o livro didático busca trabalhar, em seção própria e ao longo dos capítulos, a variação linguística e o preconceito linguístico por meio de conceitos, exemplos e exercícios, trazendo os tipos e níveis de variação e buscando combater o preconceito linguístico. Com isso, concluímos que os autores se esforçam em trabalhar a temática e que este livro didático serve positivamente de apoio à prática do professor e ao aprendizado do aluno, mas ainda ressaltamos a importância de que seja utilizado com criticidade e de que não seja o único material usado nas aulas de Língua Portuguesa.

Palavras-Chave: Variação Linguística. Preconceito Linguístico. Livro Didático. Ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

The main focus of this work is the study of linguistic variation in textbooks, a very relevant theme in the educational context that can contribute to improving the linguistic competence of students/speakers and combat linguistic prejudice inside and outside the classroom. In this sense, the general objective is to analyze the treatment of linguistic variation and linguistic prejudice in the Portuguese Language textbook for the 6th grade, entitled: "Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem", by Wilton Ormundo and Cristiane Siniscalchi (2020-2023), adopted by the Municipal Elementary School of Congo - PB. The specific objectives are: to present the activities proposed in the textbook, identify the types and levels of linguistic variation present, and analyze whether the material seeks to combat linguistic prejudice. This is a qualitative research, which, according to Silveira and Córdova (2009), is based on the description, explanation, and understanding of the studied real phenomena and is also documental, because, according to Gil (2002) it is based on materials that have not received analytical treatment. It is theoretically based on Bagno (1999, 2006, 2021), BNCC (2018), BRASIL (1998, 2001), Faraco (2008, 2015, 2019), Freitas (2007), González (2015), Lima (2021), Martins, Vieira, and Tavares (2021), and Oliveira (2017), who discuss about language, linguistic variation, linguistic prejudice, teaching variation, and textbook use, a discussion focused on conceptions of educational Sociolinguistics. The results obtained show that the textbook seeks to work, in its own section and throughout the chapters, the linguistic variation and linguistic prejudice through concepts, examples, and exercises, bringing the types and levels of variation and seeking to combat linguistic prejudice. Thus, we conclude that the authors make an effort to work on the theme and that this textbook serves positively to support the teacher's practice and the student's learning, but we also emphasize the importance of its critical use and that it should not be the only material used in Portuguese Language classes.

Key-words: Linguistic Variation. Linguistic Prejudice. Textbook. Portuguese Language Teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Variação linguística em Anúncio Publicitário.....	43
Figura 02 – O português e suas variedades.....	46
Figura 03 – Variação linguística, norma-padrão e preconceito linguístico.....	48
Figura 04 – Valor das variedades.....	52
Figura 05 – A evolução da língua.....	53
Figura 06 – Variedade dos surfistas.....	55
Figura 07 – Variedades dos anos 60.....	57
Figura 08 – Gírias.....	57
Figura 09 – Conceituação de gíria e variação regional.....	59
Figura 10 – Variedades do Brasil e entre o português brasileiro e o de Portugal.....	61
Figura 11 – Exercício sobre variedades do Brasil e de Portugal.....	62
Figura 12 – Adequação linguística do gênero Diário.....	64
Figura 13 – Monitoramento da língua no Diário.....	65
Figura 14 – Adequação da língua ao contexto.....	66
Figura 15 – Diversidade da linguagem.....	67
Figura 16 – Língua: cultura, história, identidade, variação.....	69
Figura 17 – Variação no gênero textual Verbete.....	71
Figura 18 – Formalidade e informalidade no gênero Verbete.....	73
Figura 19 – Variação no gênero textual Entrevista.....	75
Figura 20 – Fala e escrita e o monitoramento da língua.....	76
Figura 21 – Usos formais e informais da língua falada e da língua escrita.....	77
Figura 22 – Variação no gênero textual Reportagem.....	78
Figura 23 – Atividade sobre variação fonético-fonológica.....	79
Figura 24 – Regras para escrita e variação na pronúncia das palavras.....	80
Figura 25 – Variedade popular e preconceito linguístico.....	82
Figura 26 – Fragmento de Notícia.....	85
Figura 27 – Flexão de palavras e a norma-padrão.....	85
Figura 28 – Gênero Tirinha.....	86
Figura 29 – Variedade popular e variedade urbana de prestígio.....	87
Figura 30 – Concordância do sujeito.....	88
Figura 31 – Regras de concordância.....	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Abordagens diretas e indiretas da Variação Linguística no LD.....	38
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
LD	Livro Didático
MEC	Ministério da Educação
PB	Paraíba
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	A DINAMICIDADE DA LÍNGUA	18
2.1	Variação Linguística, Norma e Preconceito Linguístico: conceitos teóricos.....	20
2.2	Ensino de Variação Linguística.....	26
3	O LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS COMO INSTRUMENTO DE ENSINO	31
3.1	Variação Linguística no Livro Didático.....	33
4	DISCUSSÕES E RESULTADOS.....	36
4.1	Organização estrutural do Livro Didático do 6º ano.....	36
4.2	O tratamento direto da Variação e do Preconceito Linguístico no Livro Didático	42
4.3	O tratamento indireto da Variação e do Preconceito Linguístico no Livro Didático.....	64
4.3.1	Antes da seção específica.....	64
4.3.2	Após a seção específica.....	74
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
	REFERÊNCIAS	95

1 INTRODUÇÃO

A língua não é um fenômeno expresso de forma única, existem variações linguísticas ligadas a aspectos históricos, sociais, culturais e políticos. No entanto, em nossa sociedade, figura muitas vezes o desconhecimento destes aspectos, destas variedades, o que desencadeia o preconceito linguístico a tudo o que é “diferente” ou fora dos padrões esperados e/ou impostos.

Neste sentido, pensar e fazer a Língua Portuguesa como objeto de ensino é um ato que exige a compreensão da língua como viva, heterogênea e contextualizada. É urgente e necessário pensarmos em uma formação mais ampla do aluno, abraçando o entendimento de que a multiplicidade dos falares é algo natural e não há “falares errados” ou “crimes à Língua Portuguesa”. Na verdade, ocorre que a língua, muitas vezes, é confundida com gramática normativa, esta, sim, coloca as variações no lugar de erro em relação a “falas corretas”, devido exatamente ao seu teor normativo. Assim, cabe ao professor passar ao aluno essa compreensão da diversidade da língua, inclusive trabalhando com as variedades que se encontram na própria sala de aula, usadas pelos alunos, e que servem para sua identificação com o estudo da língua.

Os docentes e a própria instituição devem ter o discernimento na hora da escolha dos livros didáticos e fazer um uso consciente deles pois, muitas vezes, o livro é concebido como suporte único para o ensino, o que não deve ser tomado como verdade absoluta. Devemos observar a importância desses instrumentos para o ensino, mas compreendermos igualmente que há lacunas a serem preenchidas, que necessitarão de criticidade na escolha e na busca de outras fontes complementares ao ensino de língua.

O ensino de língua e o uso do Livro Didático (LD), até mesmo como material principal das aulas, muitas vezes, não se dá de forma reflexivo-produtiva em relação à língua e suas variedades, cerceando a atuação em relação à linguagem dos alunos e contribuindo para a conceituação das mesmas como “erros”, como já citamos. Dessa maneira, esse ensino não se configura como um trabalho adequado à construção das compreensões e aprimoramentos linguísticos do alunado.

Pensando neste trabalho com a língua e na análise do tratamento da variação linguística no Ensino Fundamental, por meio do livro didático do 6º ano, trazemos as seguintes questões-problema: Como está organizada a abordagem sobre a variação e o preconceito linguístico no LD “Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem”, de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi (2020 – 2023)? Como são desenvolvidas as atividades que envolvem a variação linguística neste LD do 6º ano? Elas contribuem para um estudo esclarecedor da temática? Neste sentido, temos as seguintes hipóteses: O livro didático colabora para a compreensão da

temática, se tratar do assunto de forma conceitual e com exemplos; o livro didático possui um número considerável de atividades que abordam a variação linguística.

Para a análise deste trabalho, foram observadas as atividades que continham a temática da variação linguística, dessa forma, o objetivo geral foi analisar o tratamento dado à variação linguística e ao preconceito linguístico no Livro Didático de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, utilizado como ferramenta de ensino de língua. Já os objetivos específicos, foram:

1. Apresentar as atividades propostas no livro didático;
2. Identificar os tipos e níveis de variação linguística presentes;
3. Analisar se o material busca combater o preconceito linguístico.

Neste viés, foi selecionado o livro didático do 6º ano: “Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem”, de autoria de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi (2020 – 2023), adotado pela Escola Municipal de Ensino Fundamental do Congo – PB. Este exemplar foi escolhido por ser de uma coleção com abordagem da língua mais clara, atual, que conta com linguagem acessível e um trabalho de mais amplitude com a variação linguística, além de ser um importante material de apoio aos docentes da instituição de Ensino Fundamental da cidade do Congo, Paraíba, na qual atuei como professora durante o ano de 2021.

A escolha da série - 6º ano - se deu por ser a série inicial do ciclo do Ensino Fundamental Anos Finais, na qual os alunos começam a ter mais autonomia e compreensão de aspectos importantes de uso da língua e da convivência social. Faz-se necessário que, desde cedo, o aluno tenha o entendimento apropriado de sua linguagem, vendo-a como diversa, e que não faça parte de episódios de discriminação, nem enquanto vítima nem enquanto praticante do preconceito linguístico.

Assim, o presente trabalho se faz relevante, porque se coloca como um campo de diálogo sobre o processo de ensino-aprendizagem que se reflete nas práticas e experiências na sala de aula. Além disso, pode contribuir nos debates e possibilitar a busca por mudanças em relação ao preconceito às particularidades linguísticas das pessoas, trazendo maior valorização e respeito às variedades de fala existentes e incentivando um trabalho cada vez mais proficiente com a língua e suas variedades, em sala de aula, que é um dos locais de mudanças sociais mais fortes, considerando a educação como pilar maior dessa evolução.

Sabemos que o ensino de Língua Portuguesa objetiva formar falantes que façam bom uso dessa língua, no sentido de se fazerem entender - e entenderem o outro - nas diversas situações de comunicação, bem como serem conscientes de que sua prática linguageira pode favorecer melhoria, enriquecimento e respeito a outras formas e variedades de uso. O livro didático, enquanto aliado desse ensino, torna-se objeto de análise desse trabalho, por trazer

concepções de língua que vão influenciar diretamente na compreensão e na forma dos alunos de se portar em relação a ela, o exemplar merece ser também problematizado e não ser usado como único suporte, mas, quando utilizado, que seja de forma positiva para este ensino-aprendizagem.

Pensando neste sentido, se faz necessário no ambiente escolar a veiculação e a discussão da temática da variação linguística e do preconceito existente em relação às variedades. Pensando no livro didático como esse instrumento bastante usado pelos professores em suas aulas para mediação do conhecimento, surge o interesse da pesquisadora e também enquanto professora em formação que já atuou em sala de aula, em revisar o ensino do tema a partir deste material.

Visando assim debates sobre a temática dentro e fora de sala de aula, esta pesquisa, pautada na área de estudos da Sociolinguística educacional, propõe refletirmos sobre a importância de se trabalhar e pensar sobre a variação linguística e o preconceito linguístico existente, por meio do LD, que é material principal de apoio para o professor. Para tal discussão da temática, nos baseamos nos pressupostos teóricos de Bagno (1999, 2006, 2021), BNCC (2018), BRASIL (1998, 2001), Faraco (2008, 2015, 2019), Freitas (2007), González (2015), Lima (2021), Martins, Vieira e Tavares (2021) e Oliveira (2017), que tratam da língua, da variação linguística, preconceito linguístico, ensino de variação e utilização do livro didático.

Para obtenção dos resultados, procuramos descrever, examinar e compreender o Livro Didático (LD), portanto, tratamos aqui de uma pesquisa qualitativa, que, segundo Silveira e Córdova (2009, p. 32), é uma abordagem diversa, interativa e se pauta na descrição, explicação e compreensão dos fenômenos reais estudados, sem pensar no fator de quantificação.

Esta é também uma pesquisa de caráter documental, pois, conforme Gil (2002, p. 45) “a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”, como é o caso do livro didático aqui utilizado, que não havia sido analisado antes e vêm, a partir desta pesquisa, ser tomado como fonte documental para exame, refletindo o contexto de ensino atual. Gil (2002, p. 46) ainda ressalta que tais documentos são uma fonte rica e estável de dados, o que se percebe no manuseio e apropriação analítica do LD.

Elaboramos também uma pesquisa tanto descritiva, quanto explicativa, como trazido por Silveira e Córdova (2009), os quais, citando Triviños (1987), esclarecem que a primeira está ligada a um estudo que descreve os fatos e fenômenos de uma realidade e a segunda, conforme Gil (2007) também citado pelas autoras, vem remeter à questão de identificar e

esclarecer os fatores que contribuem para o acontecimento dos fenômenos, e isto se dá por meio dos resultados angariados na pesquisa.

Dessa forma, o *corpus* analisado a partir das concepções teóricas sobre variação linguística, ensino de Língua Portuguesa e livro didático, será o LD do 6º do ensino fundamental, intitulado: “Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem”, de autoria de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, utilizado na rede pública de ensino do Estado da Paraíba e disponibilizado pelo MEC, referente aos anos 2020, 2021, 2022 e 2023.

O trabalho encontra-se organizado da seguinte maneira: esta Introdução que contextualiza o tema e apresenta a proposta do trabalho, explica o caráter da pesquisa, como se deu o levantamento dos dados e quais os instrumentos utilizados para a obtenção dos resultados; a Fundamentação Teórica, que traz os pressupostos teóricos sobre língua, norma e variação linguística para uma melhor compreensão de sua abordagem em sala de aula, sobre o livro didático enquanto material utilizado para promover o ensino-aprendizagem e sobre o ensino de variação linguística como um todo, visando sua maior proficiência. Em seguida, se encontra a análise do LD, que consiste no exame do tratamento direto e indireto da variação linguística e do preconceito linguístico presente neste (na seção específica *Mais da Língua* e nos demais capítulos do LD), apresentando as atividades e identificando os tipos e níveis de variações abordadas, além da análise acerca da abordagem sobre o preconceito; por fim, estão as considerações finais e as referências utilizadas para embasar o trabalho.

2 A DINAMICIDADE DA LÍNGUA

Como sabemos, a chegada da Língua Portuguesa no território brasileiro não foi um processo simples, pois ela veio através dos colonizadores, em sua maioria, portugueses, que vieram ao país explorar suas riquezas e impuseram sua cultura, costumes e sua língua acima da cultura, costumes e línguas dos povos originários que aqui já habitavam. Desse modo, com o passar do tempo e da vinda de mais e mais povos ao Brasil, da mistura de línguas, foi se moldando o português até chegar ao que conhecemos hoje, e que, certamente, ainda mudará no percurso da história.

No que se refere aos estudos linguísticos, é importante compreendermos que a língua foi concebida de várias maneiras ao longo da história: a partir dos estudos linguísticos iniciais, com autores como Ferdinand de Saussure, Edward Sapir, Roman Jakobson, foi vista como estrutura, um sistema homogêneo e separado do uso que faz o falante, portanto sendo estudados os textos estruturalmente; ela passou ainda pelos estudos gerativistas, encabeçados por Noam Chomsky, nos quais, igualmente, deixava-se de lado o uso da língua e pensava-se mais nas suas estruturas universais. Posteriormente, com o estudioso André Martinet, foram enfatizados estudos funcionalistas, que passaram a pensar este uso funcional da língua pelos sujeitos falantes, já influenciados pelo aspecto social (ILARI, 2011). Seguindo este viés, cada vez mais foi sendo vista a nuance social da língua, pela sociolinguística, pelo sociofuncionalismo e pelo sacionteracionismo, com precursores como Lev Vygotsky e Mikhail Bakhtin, pensando assim a atividade linguística com relação à interação falante/ouvinte e todas as condições de produção dos discursos e seus contextos sociais, históricos e ideológicos (KOCH, 2017).

Todas as concepções têm sua colaboração para o entendimento sobre a língua, no entanto, apoiamo-nos nos conceitos da Sociolinguística educacional, entendendo que esta concepção esclarece sobre o uso baseado em interações que fazemos da língua no dia a dia em todos os tipos de ocasiões. Dentro de um pensamento contextualizado da língua e de suas propriedades de mudança, passamos a pensar, conforme indica Bagno (1999, p. 117), que: “A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento”, pensamento que é também confirmado por Oliveira (2017, p. 15) influenciado pela perspectiva de Labov, que traz o caráter heterogêneo e social da língua, isto é, a língua é usada para comunicação entre os indivíduos e a sociedade, e cada qual destes indivíduos tendo suas particularidades econômicas, geográficas, históricas, culturais, entre outras, faz-se assim a língua ordenada, mas diversa a depender da situação de prática.

Desta maneira, conforme assinalam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's -

BRASIL, 1998, 29):

A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre o que se deve e o que não se deve falar e escrever, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua.

Reitera-se assim que a noção de língua única, homogênea e pautada na normatividade padrão, não deve persistir, pois, dita-se com ela a forma de se comunicar das pessoas, que acaba sendo diferente de como ela realmente acontece e, termina-se por gerar a dicotomia “errado” x “certo”, que cerceia a atuação dos falantes/alunos. Estes alunos tornam-se inibidos por achar que não têm domínio de sua própria língua materna, o que é uma inverdade, pois, conforme Bagno (1999, p. 35): “Todo falante nativo de uma língua sabe essa língua. Saber uma língua, no sentido científico do verbo saber, significa conhecer intuitivamente e empregar com naturalidade as regras básicas de funcionamento dela.”, sendo assim, a estigmatização que surge a partir dessa visão de língua una e de “formas de falar erradas” não se fundamenta, pois todos os falantes fazem o uso da língua como conhecedores que são dela desde a infância, podendo assim, à sua maneira, empregá-la de forma inteligível nas diversas ocasiões comunicativas.

Desta forma, pensando na maneira variada destes empregos linguísticos, é importante compreendermos também a diversidade de normas da língua e não reduzi-las a uma em detrimento das demais, ou simplesmente compará-las negativamente, como ressalta Faraco (2008, p. 36):

Se um enunciado é previsto por uma norma, não se pode condená-lo como erro com base na organização estrutural de uma outra norma. Desse modo, o linguista não pode escapar da tarefa de desenvolver instrumentos descritivos adequados para dar conta das diferenças de organização estrutural entre as muitas normas de uma língua. Os fatos não lhe autorizam optar pela solução simples do conceito de erro.

Portanto, faz-se necessário observarmos todo o contexto linguístico do falante e considerá-lo, entendendo-o, valorizando-o, e não apenas nos pautarmos em apontar erros baseados em normas mais prestigiadas ou de recorrências distintas.

É necessário reconhecermos a língua como o instrumento ativo que realmente é, tal como é utilizada nos diferentes contextos e práticas diárias, e para tal, não nos basearmos em visões retrógradas, que levam ainda à persistência no preconceito e que não trazem evolução nos estudos e, tampouco, no uso da língua, que é o principal fator. Assim, não se faz lógico sustentarmos práticas que não sejam adequadas à vivacidade da língua e de seus usuários.

Neste sentido, visando ampliar os conhecimentos e usos competentes da língua pelos indivíduos, é relevante considerarmos o que dizem os documentos oficiais. Como postula a BNCC (2018, p. 87), em suas competências, devemos: “compreender a língua como fenômeno

cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.”, assim, entendemos que a língua surge e renova-se de acordo com tais aspectos vividos na sociedade, de acordo com a cultura, a história e as singularidades das comunidades de falantes, por meio da qual os mesmos reconhecem tudo ao seu redor e fundamentam quem são, o que fazem e o lugar em que estão.

Reforçam ainda este pensamento os PCNs (BRASIL, 2001, p. 24):

a língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas.

Dessa forma, a língua vai além de meras palavras reproduzidas oralmente ou de forma escrita, ou de um compêndio de regras que alimenta a discriminação dos falantes, mas um sistema vivo utilizado para a interação e a ação social, cheio de significados e importância para cada agente linguístico, que se utiliza dela para entender seu lugar no mundo e exercer bem o seu papel, entender o lugar do outro e também compreender o funcionamento da vida como um todo, o que está (ou deveria estar) definitivamente distante das crenças e práticas linguísticas imobilizadoras.

Em vista do que foi discutido acima, na próxima seção explanaremos sobre alguns conceitos importantes relacionados à Variação Linguística, conteúdo pertencente à língua e focalizado nesta pesquisa. Com estas conceituações, compreenderemos melhor como se dá o fenômeno da Variação e poderemos identificar suas características, abordadas no livro didático.

2.1 Variação Linguística, Norma e Preconceito Linguístico: conceitos teóricos

Nesta reflexão sobre a língua, ao pensarmos em seu uso para a comunicação dos indivíduos, compreendemos que suas expressões acontecem manifestando as chamadas variedades linguísticas, que são, muitas vezes, discriminadas ou tocadas pela já conhecida noção de erro. A variação é entendida aqui enquanto diferentes formas de se expressar (LIMA, 2021, p. 117) e é, de acordo com os PCN's (BRASIL, 1998, p. 29):

[...] constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade lingüística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes

de comunidades lingüísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala.

Ainda neste sentido, também ratifica Oliveira (2017, p. 6), pautado em Labov, dizendo que essas variedades ocorrem em todos os níveis da língua, mas não são imprevistas e sujeitas à desorganização, ao contrário, se configuram com organização e são condicionadas por fatores internos e externos à língua. Visto isso, percebemos a importância de negar que as variedades sejam erros, que sejam alheias à língua e se deem de qualquer forma, assim, devemos vê-las como o processo natural da língua, em seus diversos aspectos, organizações particulares e influências do contexto (historicizado) de uso.

Para entender o que significa a afirmação de que a variação ocorre em todos os níveis da língua (sintático, lexical, morfológico, fonético-fonológico, semântico e pragmático), pensaremos conforme Bagno (2006, p. 19) explica: a *variação sintática* refere-se ao modo de organização das partes que compõem as frases e orações, por exemplo os brasileiros usam “estou falando com você”, os portugueses, “estou a falar consigo”; já a *variação lexical*, liga-se a diferentes palavras utilizadas dependendo de fatores como a região de quem fala etc, exemplo: os portugueses chamam a pessoa do campo de “saloi”, os brasileiros chamam de “matuto”.

Ainda conforme Bagno (2006, p. 19), a *variação fonético-fonológica*, por sua vez, significa a diferença no modo de pronúncia das palavras, dos sons da língua, por exemplo: os brasileiros falam “eu sei”, portugueses: “eu sâi”. Na *variação semântica*, temos a diferença no sentido das palavras, exemplo os portugueses chamam de “cuecas” as calcinhas, peças de roupa íntima feminina, já os brasileiros denominam de “cuecas” a peça de roupa íntima masculina. Enquanto isso, a *variação pragmática*, está relacionada à diferença no uso da língua em termos contextuais e discursivos, por exemplo os portugueses costumam convidar alguém assim: “A Sílvia janta conosco?”, enquanto os brasileiros falam: “Sílvia, você quer jantar com a gente?”.

Sobre o nível de *variação morfológico*, que nos remete à morfologia das palavras, ou seja, se refere à variação na estruturação e formação das palavras, González (2015, p. 234) nos dá exemplos de variação em fenômenos como a concordância verbal e nominal. Um exemplo simples seria: “Estou”, “Tô”.

Agora, nos voltamos para compreendermos melhor outras formas de variação linguística presentes na língua, para isso, é essencial pensarmos nos conceitos de *norma* atrelados à variação. Para Martins, Vieira e Tavares (2021, p. 11), devemos entender a norma em duas concepções: uma que se serve como modelo para os usuários da língua, ou seja, é uma

idealização da língua, a conhecida “norma-padrão”, que é, conforme os autores ressaltam, uma maneira de controlar o comportamento linguístico escrito e falado pela sociedade. A outra é a norma ligada aos usos concretos e recorrentes da língua, o uso comum e “normal” da língua pelos falantes de uma comunidade, que comporta as variedades linguísticas, em suma, os usos efetivos e preferenciais da língua pelos indivíduos.

Salientam ainda os autores que dentro desta nuance de norma usualmente concreta, encontram-se as variedades chamadas de “normas cultas” ou “variedades cultas”, que são dominadas por falantes urbanizados e escolarizados, que detém o conhecimento da escrita e maior grau de letramento, estas são variedades mais bem aceitas e prestigiadas socialmente, (MARTINS; VIEIRA; TAVARES, 2021). Ainda segundo Martins, Vieira e Tavares (2021), as variedades utilizadas pelos sujeitos que não passaram pelo processo de escolarização são as chamadas “normas populares” ou “variedades populares”, estas, por sua vez, não possuem o prestígio das anteriores, além de serem estigmatizadas e, muitas vezes, segregadas pela idealização da norma-padrão. Sabemos que não apenas as normas são prestigiadas ou o contrário, mas de fato seus falantes é que são prestigiados ou estigmatizados, tão forte é a marca deixada pela língua na sociedade, e a falta de conhecimento sobre este importante aspecto humano/social.

Assim, é importante termos em mente a noção de diversidade, como reafirma Faraco (2008, p. 40, 41), segundo ele, em nossa sociedade brasileira, diversa como é, há estas múltiplas normas linguísticas, a exemplo das normas do meio rural, tanto as normas típicas de comunidades com etnia própria ou as normas das comunidades mais tradicionais, como as normas urbanizadas ligadas aos grupos de jovens e também aquelas faladas nas regiões periféricas. Todas estas normas convivem em nosso território e devem ser assumidas, reconhecidas, aceitas, trabalhadas e valorizadas, dentro e fora da sala de aula.

Para um melhor entendimento do teor da temática da variação, é importante (re)conhecermos seus tipos e alguns de seus aspectos. Adentrando este viés, conforme compreende-se em Bagno (2021), a variação é dependente do sexo, da região em que as pessoas vivem, da sua faixa etária, etnia, grau de escolaridade, renda, etc. Ao refletirmos rapidamente sobre estas nuances, é possível obtermos a lembrança de variadas formas de uso da língua, entre mulheres e homens jovens ou mais velhos, com poder aquisitivo maior ou menor, sendo deste ou daquele lugar de vivência, que tenham frequentado ou não a escola. Notamos, com isso, que a variação não há como ser negada, e tais fatores influenciam inegavelmente a língua, sendo fatores ligados normalmente aos seres humanos, portanto, não conferem erros às falas/escritas das pessoas, apenas as diferenciam na execução, mas não no entendimento e serventia da

comunicação.

Bagno (2021) pensa, a partir deste tipo de variação, nas comunidades de fala ou grupos sociais (distintos) de pessoas, que engendram variedades, o que ele vai chamar de *variação social*. Estas variedades são reconhecidas tecnicamente por Faraco (2019, p. 38) como variedades “diastráticas (variedades usadas por diferentes segmentos/estratos sociais – português chamado ‘culto’ e português popular)”. Como já é entendido, os grupos sociais com mais condições de vida e níveis de escolaridade mais alto costumam ter a variação social ligada ao âmbito culto, enquanto os estratos sociais menos escolarizados ligam-se a uma variação social com língua portuguesa mais popular.

Faraco (2008, p. 41) explica ainda que os usuários da língua adaptam-se ao contexto de uso, escolhendo uma norma entre as várias que conhecem para fazer um uso adequado às suas necessidades, ao que Bagno (2021) vai chamar de *variação estilística ou diafásica*, relacionada ao grau de formalidade que cada falante utiliza de acordo com cada situação de fala, portanto, não há indivíduo que tenha apenas um estilo de fala ou escrita, mas estes também variam sua expressão estilisticamente. Podemos ter facilmente esta percepção ao pensarmos no professor em sala de aula: este adequa seu estilo tanto ao ambiente escolar, quanto também ao seu alunado, mais ou menos avançado, para se fazer entendível. Da mesma forma, uma pessoa com pouco ou nenhum estudo tenta usar uma variação que julga mais culta ou “melhor”, para falar com alguém de fora de seu convívio, ou mesmo alguma autoridade ou atendente de algum serviço que este necessite. Assim, apreendemos que todos os indivíduos podem ou utilizam-se de fato desta variação linguística.

Outro tipo de variação, é a *variação histórica ou diacrônica*, conforme Faraco (2019, p. 38), são variedades que distinguem-se no eixo do tempo. Bagno (2006, p. 22) reafirma, neste sentido, que: “— [...] toda língua [...] também muda com o tempo. A língua que falamos hoje no Brasil é diferente da que era falada aqui mesmo no início da colonização, e também é diferente da língua que será falada aqui mesmo dentro de trezentos ou quatrocentos anos!”, assim podemos ver, por mais que não se perceba muitas vezes as mudanças de forma imediata, que elas seguem gradualmente, apesar de um processo relativamente lento, o tempo traz as variedades e continuará trazendo ao longo do percurso de existência e comunicação da humanidade.

Bagno (2006, p. 22) continua, em relação à variação: — [...] nós lingüistas dizemos que toda língua muda e varia. Quer dizer, muda com o tempo e varia no espaço. [...] A variação geográfica se chama variação diatópica”. Esta última é um tipo de variação muito conhecida e tratada, seja de forma leiga ou não: a *variação regional*, pois, trata-se das diferentes variedades

faladas nas regiões territoriais: como o português paulista, o português carioca, português baiano, português paraibano, entre outros. O Brasil, país de grande extensão territorial como é, comporta indiscutivelmente muitas variedades, facilmente notadas nas conversações veiculadas seja na mídia, entre turistas, entre famílias, entre outros.

É possível pensarmos ainda, de acordo com Faraco (2019, p. 38), nas *variações diamésicas*, que estão ligadas aos meios que veiculam a língua, como os gêneros textuais da fala ou oralidade e os gêneros textuais da escrita. É importante entendermos, como explica Bagno (2021), que os gêneros se encontram em um *continuum*, dessa maneira, a oralidade, diferente do que às vezes pode se pensar, não é tão somente informal e a escrita tão somente formal – ideia que favorece a escrita em detrimento da fala. Há gêneros tanto orais como escritos que são mais monitorados e comportam variedade formal, como outros gêneros de ambas as modalidades que se dão na informalidade, é o que se pode tomar como exemplo de oralidade formal: um discurso presidencial, e oralidade informal: um recado de um irmão ao outro; escrita formal: um artigo acadêmico, escrita informal: um bilhete.

Diante do exposto, há como refletirmos sobre a ideia de norma, buscando separar a norma imposta para um uso “padronizado”, daquela que é o uso corriqueiro da língua pelas comunidades de falantes, da mesma maneira, compreendermos a imensa gama de variedades presentes na língua destes falantes, dentro das próprias “normas cultas” e “normas populares”. Trabalhar com as formas de variação linguística, em suma, facilita a identificação e aceitação das diversidades de fala que são, como foi visto, intrínsecas aos seres humanos em suas vivências cotidianas configuradas de maneiras distintas.

Refletindo sobre a variação linguística no ambiente escolar, ao qual se dirige este trabalho, percebemos que até mesmo na sala de aula, que é tida como lugar de acolhimento das diferenças, apresenta-se, muitas vezes, uma abordagem de ensino que estigmatiza essas variedades, pois, como apreendemos em Bagno (1999, p. 9): “O preconceito lingüístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. [...]”, assim, tendo-as como se fossem a mesma coisa, a norma-padrão (molde padronizador) por meio da gramática tradicional é o ensinado e aceito e ainda confundido com a norma culta, em detrimento da língua não-padrão com suas variedades populares, sempre tomadas como incorretas e pelo viés do desprezo.

Neste sentido, quando os alunos chegam à escola com suas variedades, o que vemos, muitas vezes, são correções ácidas e que pouco contribuem ao aprendizado dos discentes, pois estas considerações indicam que eles possuem uma língua cheia de defeitos, que não é propícia ou mesmo válida para suas expressões de fala ou produções textuais escritas. O ensino de língua

fica prejudicado, tanto para o próprio professor, pois sua aula não flui totalmente e não se obtém os resultados esperados, quanto e muito, para os alunos, cerceados linguisticamente. Ambos levam o sentimento de não poder (e não querer) aprender e não poder, não ter estímulos para ensinar. Isso acaba se refletindo fora das salas de aula, com jovens e adultos que desistem da escola, ou mesmo saem dela embora formados, mas com a tendência a pensar que não utilizam bem a língua, bem como reproduzem o preconceito linguístico com brincadeiras e comentários errôneos em relação ao falar dos indivíduos de seu ciclo de convivência.

Faraco (2015) aborda o fato de que o sistema escolar brasileiro também se utiliza, em seu ensino, do que ele chama de “norma curta”, que seria: “[...] um conjunto de preceitos dogmáticos que não encontram respaldo nem nos fatos, nem nos bons instrumentos normativos, mas que se sustentam na cultura do erro e a sustentam, contribuindo para sua reprodução.” (p. 24)

Podemos compreender assim que o preconceito linguístico em sala de aula (e refletido fora dela) já conta com fatores além da confusão entre norma-padrão e norma culta, mas com a crença arraigada em uma norma rígida, reforçada por vários professores e outros profissionais dentro e fora da escola. O mesmo autor completa: “A norma curta não passa de uma súmula grosseira e rasteira de preceitos normativos saídos, em geral, do exacerbado pseudopurismo que, infelizmente para nossa cultura linguística e nossas práticas de ensino, se alastrou entre nós desde as últimas décadas do século XIX.” (FARACO, 2015, p. 25).

Assim, esta norma curta vai se aplicar neste sentido de obrigatoriedade de um uso da língua “correto”, puro, sem variação, seguindo o projeto padronizador da língua que se deu naquele século, visando acabar com as variedades populares, sem levar em conta a realidade social e linguística do português do nosso país. Faraco (2008) também considera esta norma curta como uma forma de ensinar inflexível, tentando seguir uma suposta preservação da língua que na verdade desqualifica a língua portuguesa e os que a falam. O autor ressalta que a norma é tida como precedente à língua, por isso tais perspectivas de controle sobre ela, entretanto, explica que a língua é que precede as normas e estas últimas devem estar e se dar de acordo com ela.

Nesta mesma obra, Faraco (2008, p. 91) argumenta sobre alguns prejuízos das práticas condenatórias e discriminadoras aliadas à noção de norma curta:

Muitas pessoas sofrem constrangimentos públicos e até discriminação, são humilhadas, são recriminadas ou perdem pontos em exames e têm sua classificação prejudicada em concursos públicos pelo fato de usarem uma forma que alguns – sem qualquer fundamento filológico e linguístico – consideram errada.

Percebemos a gravidade da defesa desta norma enquanto forma de estabelecer “o correto” e tudo o mais que não seguir seus ditames ser errado, a ponto de excluir e rechaçar o outro, sem ao menos uma base do que seja o funcionamento real da língua. Desse modo, Faraco (2008, p. 100) deixa claro que não há entidades que possam controlar a língua, a única autoridade em língua só pode ser o uso que se faz dela, a maneira normal de fala e escrita dos indivíduos, que é o que pode ser observado e indicar os caminhos da mesma.

Assim, conforme a discussão apresentada, entendemos e reiteramos que há a necessidade de erradicar esta confusão na abordagem da norma-padrão e da norma culta, lembrando que ambas não são sinônimas: a primeira não é uma variedade com usos efetivos, é um constructo social, uma espécie de molde, enquanto a segunda é uma variedade urbana utilizada e prestigiada. É importante que a última não seja vista como a única variedade válida em detrimento das demais, menos prestigiadas, mas que não são menos importantes, como aprendemos nas falas de Bagno (2021).

Pensa-se também no cuidado que se deve ter com o ensino de língua no sentido de não reproduzir um ensino de norma curta, que, como sabemos, viabiliza o engessamento da língua, desclassifica as variedades e as novas concepções sobre a variação, contribuindo apenas para disseminar a aversão à escola, o atraso na aprendizagem, e a perpetuação das práticas de preconceito linguístico, que podem causar malefícios à vida das pessoas desde a escola, perpassando o mercado de trabalho e a vida em sociedade como um todo.

2.2 Ensino de Variação Linguística

Documentos oficiais como os PCN's, que tratam do ensino escolar, orientam a respeito do ensino de Língua Portuguesa:

[...] Considerando os diferentes níveis de conhecimento prévio, cabe à escola promover a sua ampliação de forma que, progressivamente, [...] cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações. (BRASIL, 2001, p. 23)

Compreendemos que o trabalho escolar com a língua valide a bagagem de conhecimento dos discentes, de leitura, escrita, seu domínio linguístico próprio, entretanto, que busque melhoria para tais conhecimentos, formando alunos cada vez mais conscientes e capazes de entender e produzir textos, adequando sua linguagem para todas as trocas de comunicação em todo e qualquer ambiente e época de sua vida. Isto requer todo desprendimento das instituições de educação de formas de tratamento da língua preconceituosas ou negligentes com as

demandas dos alunos.

Abrindo um parêntese para a questão da adequação linguística, é importante que haja o entendimento de que essa adequação não deve ser usada como um martelo para indicar o certo ou errado em questões de uso, para dizer se um texto está ou não adequado, há de se prestar atenção ao contexto de comunicação e às intenções dos falantes ao empregar as formas linguísticas, como ressalta González (2015, p. 235):

A adequação é uma função entre as formas linguísticas e os objetivos pretendidos diante de determinado público. Não se pode determinar que uma forma linguística seja aprioristicamente inadequada. É na interação concreta que as escolhas linguísticas fazem sentido e são inadequadas ou não.

Assim, os educadores precisam ensinar sobre a adequação, ao mesmo tempo que devem tomar cuidado ao explicá-la ou mesmo apontar uma fala como simplesmente inadequada, pois, muitas vezes, embora faça o uso de certas palavras, mesmo em uma situação que exigiria outras formas linguísticas, a construção poderá ser entendida como o falante almejou em sua comunicação. Assim, com este cuidado, compreendemos que é possível um ensino não só sobre o uso de variedades, mas a partir delas, mais completo em relação à aprendizagem, aos interesses linguísticos e a valorização dos falantes.

Ainda no sentido do ensino de língua, a BNCC (2018, p. 67, 68) também concorda com a importância de que ele seja expansor, que leve o aluno a ampliar suas possibilidades linguísticas:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens.

Conforme visto, as aulas de língua devem levar o aluno a ser crítico, ter sua voz e produções consideradas, ao mesmo tempo que deve ser levado a crescer enquanto falante. Entretanto, como é debatido nos cursos de Letras, encontros educacionais e, muitas vezes, por aqueles que pensam na educação linguística como um todo, na prática, o ensino de língua materna ainda não se dá de forma tão atuante e ampliadora. Este ensino ainda é, na verdade, bastante voltado ao trabalho de ordem gramatical, e quase não há espaço para um trabalho que considere de fato os conhecimentos e características dos alunos, por exemplo, como nos interessa aqui tratar, da variação linguística.

Entendemos que, mesmo quando há espaço, esta abordagem da variação se dá de forma superficial, pois ainda está disseminada em muitas escolas e profissionais a concepção da língua una, da não atenção à língua não-padrão e da focalização do estudo de textos visando a

gramática tradicional.

Dessa forma, não há aberturas para as diferentes formas de expressão, para as mudanças da língua, o que leva a uma prática de ensino frágil e exclusora, que não segue o pressuposto a que se serve. Forma-se, com ela, alunos que não conseguem usufruir do domínio mais letrado de sua língua, isto é, aprimorar o uso de gêneros textuais mais monitorados e de todos os tipos de gênero de acordo com as ocasiões, e nem entender e apreciar suas próprias variedades.

Bagno (1999, p. 18, 19) esclarece a respeito da necessidade de planejar ações de ensino de língua que contribuam para o ensino de variação linguística, para isso, é importante considerar a língua real dos alunos, que conta com variedades não-padrão:

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não-padrão. O reconhecimento da existência de muitas normas linguísticas diferentes é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja conseqüente com o fato comprovado de que a norma linguística ensinada em sala de aula é, em muitas situações, uma verdadeira “língua estrangeira” para o aluno que chega à escola proveniente de ambientes sociais onde a norma linguística empregada no cotidiano é uma variedade de português não-padrão.

Assim, entendendo que um ensino que não seja aberto às variedades da língua leva o aluno a não compreender as nuances de sua própria língua quando trabalha com ela, é necessário de fato recorrer a mudanças de abordagens em sala de aula. A BNCC (2018, p. 81), enquanto instrumento norteador atual, considera para as abordagens da língua em sala que:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado.

Nesse sentido de reflexão e aprendizado em sala de aula, a BNCC (2018) defende as habilidades que devem ser dominadas pelos alunos de 6º a 9º anos do Ensino Fundamental Anos Finais, em relação à variação linguística, as quais podemos citar:

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais [...] os efeitos de sentido decorrentes [...] das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados [...] (p. 159);
 (EF69LP50) Elaborar texto teatral, [...] explicitando as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) e retextualizando o tratamento da temática. (p. 159);
 (EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico. (p. 161);
 (EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada. (p. 161);
 (EF89LP09) Produzir reportagem impressa, [...] tendo em vista [...] adequação à norma-padrão. (p. 179);

- (EF09LP07) Comparar o uso de regência verbal e regência nominal na norma-padrão com seu uso no português brasileiro coloquial oral. (p. 189);
 (EF09LP10) Comparar as regras de colocação pronominal na norma-padrão com o seu uso no português brasileiro coloquial. (p. 191);
 (EF09LP12) Identificar estrangeirismos, caracterizando-os segundo a conservação, ou não, de sua forma gráfica de origem, avaliando a pertinência, ou não, de seu uso. (p. 191).

Desta maneira, apreendemos a importância da análise sobre a variação linguística, sobre a capacidade de mutação da língua e da exploração dos tipos de variedades. É relevante também, como citado acima, compreendermos de forma aprofundada como as variedades são apreciadas ou não na sociedade, por meio de diferenciações que não se dão meramente pelo fator linguístico, mas por fatores extralinguísticos. Esta diferenciação de valor tanto advém como culmina em preconceitos de muitas ordens, que devem ser, portanto, trabalhados de forma crítica para sua erradicação e para que os alunos tenham uma conduta de entendimento, naturalização e aceitação das variedades.

Voltando à questão trazida há pouco sobre ensino de língua baseado na norma curta, que cerceia as variedades da língua, Faraco (2008) trata da flexibilização que vem ocorrendo por parte de alguns escritores de dicionários, de alguns linguistas e gramáticos contemporâneos, que trabalham com o que pode se chamar de “norma gramatical”. Esta norma seria, segundo o autor, os fenômenos da língua culta real utilizada pelas pessoas, entretanto não deixando de lado a organização da norma-padrão, mas afastando seu artificialismo e o poder que lhe foi dado de ditar os usos da língua e culminar com isto em discriminação.

Desta forma, o trabalho com a língua não se daria de forma tão rígida e sem nexos com a realidade, mas conciliando as duas, de forma a contribuir mais positivamente com o ensino de língua, prevendo as ocorrências da norma comum aos falantes. Mesmo assim, como sabemos e o autor também explica, essa nova forma mais flexível ainda se dá de forma lenta e muito criticada pelos puristas que insistem em observar a norma-padrão como o único caminho aceitável.

No entanto, diante das formações, estudos e debates contemporâneos, pode-se tornar possível desmistificar a cada dia este conservadorismo linguístico, com profissionais e instituições que pensem sobre a riqueza da língua e a importância de sua exploração em sala de aula de forma a pontencializar o uso desta pelos alunos.

Nesse sentido, é relevante pensar o papel do professor e da escola, Bagno (1999, p. 168) defende que:

Ensinar bem é ensinar para o bem. Ensinar para o bem significa respeitar o conhecimento intuitivo do aluno, valorizar o que ele já sabe do mundo, da vida, reconhecer na língua que ele fala sua própria identidade como ser humano. Ensinar para o bem é acrescentar e não suprimir, é elevar e não rebaixar a auto-estima do

indivíduo [...]. (BAGNO, 1999, p.168)

Bagno (1999) toca assim no ponto crucial, que é examinarmos como a prática educacional está pensando o ser humano, se está reconhecendo seus conhecimentos, aqui destacados os linguísticos, mas que são concomitantes a todos os outros. Podemos assim refletir que quando se diz “isto está errado, é assim que se fala, você deve falar assim”, muitas vezes até despreziosamente, está sendo apagado, e no caso da escola, está se cerceando a vivência e a bagagem do aluno, o que o afasta da escola e o impossibilita muitas vezes na vida de seguir caminhos melhores.

É necessário, assim, que seja repensada a noção de língua levada para a sala de aula, que haja uma melhor compreensão do que são as variedades linguísticas e maior respeito às falas dos alunos. Tendo isso em vista, e como propomos nesta pesquisa, podemos pensar para tal nos materiais que embasam este ensino de língua, aqui como objeto de estudo/ensino, o livro didático, que traz o apoio às discussões destas temáticas. Deve-se, no entanto, como defendemos, haver a investigação de como estes instrumentos concebem essa temática da variação, para que não se continue abrindo margem ao preconceito linguístico nas escolas e na vida das pessoas.

3 O LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS COMO INSTRUMENTO DE ENSINO

O livro didático ainda é um dos materiais mais utilizados em sala de aula pelos professores, sendo assim um instrumento importante para o ensino - aqui fazendo referência ao ensino de Língua Portuguesa - pois o mesmo traz, a partir de seus saberes elencados, sua contribuição ao aprendizado dos alunos somando e aprimorando seus conhecimentos. Como verificamos na fala de Freitas (2007, p. 90), o LD serve como um importante apoio ao aluno e sua prática como estudante: “Além disso [O LD], favorece a autonomia do aluno em relação à sua aprendizagem, permitindo consultas rápidas e continuadas, individuais e diretas, especialmente quando o exemplar é de uso pessoal [...]”.

O livro didático, também por sua possibilidade de distribuição aos alunos que, muitas vezes, não têm condições de acesso a outros materiais, é, incontestavelmente, importante para o processo de ensino-aprendizagem, como cita Freitas (2007, p. 90): “Essas características, aliadas aos programas de distribuição desenvolvidos pelos entes públicos, contribuem para que o livro seja elemento-chave para o entendimento e a transformação da realidade educacional brasileira.”

Neste sentido, é inegável que esse material atua como um agente que incentiva e impulsiona mudanças e melhorias para a educação do país, pois coloca os alunos em contato com inúmeros assuntos, novos saberes, no caso do ensino de língua, com diferentes gêneros textuais, de uma forma que muitos não teriam a oportunidade, sem ele.

O LD é assim também uma grande ferramenta de apoio à prática do professor, entretanto, frisamos aqui a importância de que ele não seja o único material utilizado na sala de aula para mediar o conhecimento aos alunos, conforme afirma Freitas (2007, p. 89): “Embora o livro seja um excelente recurso didático, se usado de maneira inadequada ou como único instrumento de mediação da aprendizagem, o ‘feitiço pode virar contra o feiticeiro’, isto é, o livro pode trabalhar contra a aprendizagem, contra o ensino.”

Podemos, neste sentido, observar fatores como as concepções teóricas que embasam o livro, muitas vezes um maior trabalho gramatical em detrimento dos outros, a incompletude de textos, sendo mostrados apenas trechos deles, ou informações não tão precisas ou incompatíveis ao alunado, que mais lhes dificulta a compreensão do assunto do que seu entendimento, entre outros pontos. Dessa forma, faz-se necessário, principalmente, dois passos que cabem ao professor, o primeiro deles seria, como já citamos, não tomar o LD como único material de ensino, e o segundo, selecioná-lo e usá-lo com criticidade, como ressalta também os PCN's (BRASIL, 1998, p. 67):

[...] É preciso que os professores estejam atentos à qualidade, à coerência e a eventuais restrições que apresentem em relação aos objetivos educacionais propostos. Além disso, é importante considerar que o livro didático não deve ser o único material a ser utilizado, pois a variedade de fontes de informação é que contribuirá para o aluno ter uma visão ampla do conhecimento.

Corroborando essa fala, afirma também Freitas (2007, p. 90):

Assim sendo, é necessário escolher, da forma mais qualificada possível, os livros didáticos que irão participar da vida escolar de seus estudantes. Devemos utilizá-los de forma crítica, de modo que atuem como apoios didáticos e não como condutores do processo de ensino-aprendizagem e fazendo-o interagir com os demais materiais e equipamentos didáticos relacionados aos temas em curso.

Pensando nessa escolha dos livros didáticos, há um processo que se realiza desde 1985 com a criação do PNLD. Como explica González (2015, p. 226, 227), houve por meio desse programa a possibilidade de que os professores escolhessem os livros para a distribuição, através do Estado, para as escolas do país. É importante dizermos que primeiro os próprios professores escolhiam os materiais e o Estado não os avaliava, mas foi constatada a importância dessa avaliação do Estado para esse fim, dessa forma, a partir de 1995, para adequar os livros aos pressupostos dos parâmetros, o PNLD se responsabilizou pela avaliação deles:

[...] Funciona assim: a iniciativa privada elabora os livros didáticos e os submete à avaliação do PNLD. Por meio de professores universitários, que prestam serviços como consultores especializados, avaliam-se os livros, que, frente aos critérios do Programa, podem vir aprovados ou não. Os livros aprovados são resenhados e se elabora o *Guia de livros didáticos*. Professores da escola básica leem o *Guia*, discutem com seus colegas e escolhem o título com que querem trabalhar. O MEC negocia preços com as editoras e faz a compra. Finalmente, os livros são distribuídos às escolas. (GONZÁLEZ, 2015, p. 227)

Essa escolha, no entanto, nem sempre é algo simples, como continua González (2015, p. 227), ao dizer que, muitas vezes, os professores acabam não lendo o *Guia de livros didáticos* ou mesmo discutindo sobre os LDs com os demais profissionais, por causa dos prazos curtos que são dados para a escolha dos livros. Outros fatores segundo o autor, como a vinda dos livros mais escolhidos na região visando a baixa dos preços, em detrimento do livro escolhido pelo professor de uma determinada escola, como também o fato de os livros acabarem não sendo utilizados em sala de aula e esquecidos em depósitos ou mesmo descartados, configurando desperdício de recursos, são marcas que demonstram que as escolhas dos LDs ainda passam por dificuldades e problemáticas.

Dessa forma, entendemos como funciona o processo para escolha dos livros, que, na teoria, seria bem criterioso, todavia pudemos perceber a diversidade dos fatores que podem levar a escolhas não tão boas ou mesmo ao não uso do material, pois cada realidade regional e escolar possui suas demandas que culminam em dar certo ou não o que é planejado para o

ensino.

Assim, é importante recomendarmos que o professor, dentro das possibilidades que têm, deve continuar com seu papel de observador da eficiência dos materiais que utiliza, como também pesquisador e elaborador de novos materiais, que apoiem os bons resultados dos livros e que os sobressaiam, quando for necessário, pensando no aprendizado efetivo dos alunos.

Nesse sentido, os PCN's (BRASIL, 1998, p. 67) indicam em relação à utilização de outros materiais:

Materiais de uso social freqüente são ótimos recursos de trabalho, pois os alunos aprendem sobre algo que tem função social real e se mantêm atualizados sobre o que acontece no mundo, estabelecendo o vínculo necessário entre o que é aprendido na escola e o conhecimento extra-escolar. A utilização de materiais diversificados como jornais, revistas, folhetos, propagandas, computadores, calculadoras, filmes, faz o aluno sentir-se inserido no mundo à sua volta.

É indicado que os alunos tenham uma aprendizagem pautada no uso real daquilo que estudam, principalmente no ensino em Língua Portuguesa com as práticas textuais, dessa forma, enfatiza-se a diversificação dos materiais, que possa proporcionar tal aprendizado aos discentes. Dessa maneira, devemos compreender, enquanto profissionais da educação, a validade e relevância do livro didático, no entanto entendendo também a importância de seu uso consciente e aberto a experiências diferentes, de forma que o ensino se torne didático e o livro possa ampliar os conhecimentos dos alunos, não engessá-los.

3.1 Variação Linguística no Livro Didático

Entendendo o lugar que o livro didático ainda possui em sala de aula, é importante pensarmos se este, enquanto instrumento norteador do ensino de língua, vem trabalhando a variação de nossa língua portuguesa e como isto ocorre.

Conforme Lima (2021, p. 116) discorre, como uma das indicações do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para estar presente nos livros didáticos, está o tema da variação linguística, por meio da exigência do estudo da *heterogeneidade*, ou seja, do conhecimento e respeito às distintas formas de ser. A variação linguística é assim assinalada para ser abordada na vida escolar permeada pelos exemplares didáticos, além disso, reforça-se que ela não seja apenas tematizada, mas trabalhada de fato, com discussões e com sua defesa que, como se sabe, é de suma importância, embora nem sempre seja assim que ocorre, podendo o tema da variação surgir, por vezes, como paliativo superficial não abrangido e fomentado de forma suficiente ao ensino e à aprendizagem.

Entretanto, o autor também nos lembra que:

[...] Nos livros/materiais/manuais didáticos, não há necessidade de se justificar temas como sintaxe/texto/leitura etc., no entanto, parece que precisamos fazê-lo quanto à variação linguística. E isso faz com que esse tema seja visto como mais um conteúdo que deva ter seu próprio capítulo, quando já sabemos que a variação linguística deve estar inserida no ensino dos temas referidos anteriormente. (LIMA, 2021, p. 117)

Percebemos facilmente, ao trabalharmos com livros didáticos que, muitas vezes, a variação linguística aparece como algo novo, distante e ainda costuma se dar de forma separada no estudo da língua, como se não estivesse em conjunto com os demais assuntos e como se não ocorresse nos gêneros textuais trabalhados ao longo dos livros, desta maneira, ela pode funcionar como algo à parte no estudo, até mesmo como se tivesse menor importância em relação aos trabalhos de leitura e com as questões gramaticais da língua.

Ainda neste estudo da variação, como explica Bagno (2021), muitas vezes são usados textos genéricos que nada tem a ver com a variação linguística real utilizada, como a apresentação de poemas e letras de músicas de cantores nordestinos, tirinhas de caipiras etc, que não se dão como variedades usadas de forma autêntica, são “estilizações de variedades” ligadas à produções artísticas, portanto, não teriam serventia como material de estudo de variação. Para tal estudo, o autor indica que sejam usadas gravações de conversações de pessoas reais, em documentários, por exemplo. Dessa maneira, o pensamento de Bagno (2021) vai no sentido de uma reflexão sobre os usos reais - e diversos - da língua, não apenas sobre nomenclaturas e usos (ou não usos) estereotipados.

A respeito do preconceito linguístico no LD, Lima (2021, p. 129) ressalta, considerando o que dizem as diretrizes do PNL, sobre o fato de que os livros não devem apresentar preconceitos, inclusive linguísticos, de forma que estimulem esta prática, mas devem utilizar-se de discussões críticas a seu respeito. Assim, ele defende que o tema do preconceito linguístico deve ser apresentado de forma enfatizada, porém cuidadosa para sua não reprodução, de maneira a demonstrar o dever de todos de não excluir ou menosprezar seus semelhantes por sua linguagem ou quaisquer outros aspectos.

Neste viés, compreendemos a necessidade de uma abordagem ampla do preconceito linguístico enquanto nuance ligada ao tema da variação linguística, partindo do pressuposto de que deve haver este cuidado com a disposição do assunto, que além de clareza e propriedade, deve ajudar a combater o preconceito, e não deixar o tema implícito ou vago, ou mesmo contribuir para sua disseminação.

Em suma, pensando no conteúdo dos livros, trazemos González (2015, p. 245) que, em seu artigo sobre variação em livros didáticos, diz:

Livros didáticos que se quiserem informativos e produtivos não devem deixar de pensar sobre a variação linguística positivamente. É necessário refletir sistematicamente sobre a variação, discutir suas contribuições para a construção de sentidos, percebê-la atuando em todos os níveis linguísticos e em todas as interações, entendê-la como sinal de riqueza da língua. Muito disso ainda está por fazer e, certamente, não há caminhos dados a percorrer. Os caminhos ainda estão por se construir, e o livro didático pode ajudar nisso.

Com isso, reiteramos, por hora, que a variação linguística e preconceito sobre ela não devem estar abordados nos livros apenas como uma forma de seguir encaminhamentos dos manuais, mas devem ser tratados de forma séria, embasada e pensada para ser eficaz ao ensino e aprendizagem dos alunos/falantes da língua. Os falantes devem entender a fundo a língua diversa que compartilhamos com maestria e usá-la em seu benefício e de todos, inclusive na construção de um mundo melhor.

Diante do exposto, no próximo capítulo será abordada a análise do livro didático de língua portuguesa do 6º ano do ensino fundamental, “Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem”, de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi utilizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental do Congo – PB, entre os anos de 2020 a 2023, e compreenderemos melhor como se dá a abordagem das temáticas defendidas neste trabalho.

4 DISCUSSÕES E RESULTADOS

4.1 Organização estrutural do Livro Didático do 6º ano

Nesta seção, apresentaremos a organização do livro didático “Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem”, do 6º ano do Ensino Fundamental, de Ormundo e Siniscalchi (2018) e o levantamento das partes em que está contemplado o tema da variação linguística.

Para início de conversa, refletiremos sobre o título principal do LD analisado, ao qual aludimos ao nomear esta pesquisa: “Se liga na língua”. Compreendemos que este título é capaz de carregar em si um chamado aos professores e alunos, no sentido de que eles se voltem mais amplamente ao estudo da língua, percebendo com mais atenção suas nuances, a exemplo da variação linguística.

A própria expressão “Se liga” já é um exemplo de variedade linguística: é uma gíria, que permite enfatizar uma carga de atenção ao que se refere, neste caso, à língua. Seu uso demonstra a naturalidade da variação e impõe respeito a essa condição da língua, bem como incentiva que fiquemos “ligados”: utilizar a língua é mais do que decorar normas gramaticais ou “falar corretamente”, é comunicar-se de maneira produtiva, por meio de um sistema vivo e sempre aberto a mudanças.

Entendemos assim que a reflexão sobre o título e o trabalho ao longo do LD, que faz jus a este título pela riqueza de informações, deverá servir como uma espécie de “virada de chave” na disposição dos indivíduos leitores do exemplar, que poderão, dentro da gama de conceituações e aplicações da língua - e da variação linguística -, apreendê-la com mais clareza e aplicá-la com mais zelo, em consideração à sua própria prática e a do outro.

Sobre o LD em si, este é uma obra aprovada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), e adotada entre os anos de 2020 a 2023 na Escola Municipal de Ensino Fundamental do Congo, na cidade de Congo, Paraíba, bem como distribuída nas escolas do Brasil, com um contingente de 661.045 exemplares para uso do alunado e 13.415 manuais do professor, conforme indica o Ministério da Educação (MEC, 2020), nos números do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) no ano de 2020.

O livro está estruturado em quatro unidades, equivalentes aos quatro bimestres do ano letivo conforme é explicado nas orientações gerais, e em cada uma destas unidades estão contidos dois capítulos, sendo ao todo oito capítulos. Nestes referidos capítulos, que trazem em si o estudo de determinados gêneros textuais, tendo sempre um gênero como principal e outros complementares, há a ocorrência de seções para estudos, sendo elas denominadas:

- *Leitura 1*
- *Leitura 2*
- *Se eu quiser aprender mais*
- *Meu (nome do gênero) na prática¹*
- *Textos em conversa*
- *Transformando (nome do gênero) em (nome do gênero)*
- *Mais da língua*
- *Isso eu já vi/Isso eu ainda não vi*

Além delas, há seções especiais, como:

- *Minha canção*
- *Conversa com arte*
- *Expresse-se*
- *Leitura puxa leitura*
- *Biblioteca cultural em expansão,*
- *Entre saberes*

Há ainda boxes ao longo dos estudos, que conceituam assuntos, orientam tanto os professores quanto os alunos, e os convidam a ampliar seu conhecimento diante dos temas trabalhados, como:

- *Biblioteca cultural*
- *Investigue em*
- *Fala aí*
- *Se esse (gênero) fosse meu/minha*
- *A língua nas ruas*
- *Abuse da língua*
- *Sabia?*
- *Lembra?*
- *Boxes-conceito*
- *Boxes informativos*

¹ Principais gêneros textuais trabalhados por capítulo: Capítulo 1: Diário; Capítulo 2: Verbetes; Capítulo 3: História em Quadrinhos; Capítulo 4: Relato de Experiência; Capítulo 5: Poema; Capítulo 6: Anúncio Publicitário; Capítulo 7: Comentário de Leitor; Capítulo 8: Conto.

- *Da observação para a teoria*
- *Dica de professor*
- *De quem é*

É importante ressaltarmos que a obra demonstra a preocupação em trabalhar os eixos de leitura, produção textual, análise linguística/semiótica e oralidade, e esta última nuance da língua não é deixada de lado, como sabemos que acontece em muitos exemplares.

Neste sentido, pensando o tema da variação linguística refletida na fala dos indivíduos, conforme visto em Bagno (2021), o uso dos textos no livro deve ser cuidadoso, seria importante a utilização ou o trabalho com textos que condizem com falas autênticas dos indivíduos, culminando em um contato maior e mais embasado com as variedades dos diversos falantes da sociedade ou mesmo com as variedades dos próprios alunos. Estas variedades podem ser trabalhadas por meio de gravações de entrevistas, conversações, documentários, entre outros, que tragam reflexões sobre os usos da língua e a construção dos sentidos por meio das variedades linguísticas, desenvolvendo assim de forma mais produtiva o trabalho com as realidades de fala.

Para efeito de organização dos dados, a presente análise está dividida em duas subseções: a primeira refere-se aos dados que contemplam o tratamento direto da variação e do preconceito linguístico no LD, isto é, quando estas temáticas aparecem como principais nos textos ou atividades trabalhadas (neste livro há uma seção específica para esse tratamento, intitulada *Mais da Língua*); a segunda subseção, por sua vez, refere-se ao tratamento indireto da variação e do preconceito linguístico no LD, ou seja, quando as temáticas aparecem nas atividades, mas não como o foco principal delas. Essa categorização dos dados pode ser contemplada no quadro abaixo:

Quadro 01: Abordagens diretas e indiretas da Variação Linguística no LD

CAPÍTULO	TRATAMENTO DIRETO DA VARIAÇÃO E DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO	TRATAMENTO INDIRETO DA VARIAÇÃO E DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO
Capítulo 1		Adequação da língua ao contexto e intenção da comunicação/ variação estilística (p. 22, 28, 32, 37);

		<p>Menção aos conceitos de linguagem monitorada, normas e variedades urbanas de prestígio (p. 28);</p> <p>Diversidade da língua (p. 33, 37).</p>
Capítulo 2	<p>Variabilidade da língua nos gêneros textuais a depender do contexto (p. 63);</p> <p>Variação da língua em todos os seus aspectos: pronúncia, vocabulário, morfologia e sintaxe (p. 63)</p> <p>Variação diafásica (p. 63);</p> <p>Variação diatópica ou regional, variação lexical, variação morfossintática, variação pragmática (p. 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71);</p> <p>Variação diamésica e variação diafásica ou estilística (p. 64, 65);</p> <p>Compreensão da língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, contextual (p. 64, 65);</p> <p>Variedades urbanas de prestígio (p. 65, 66)</p> <p>Norma-padrão como modelo de uso (p. 65)</p> <p>Tratamento do preconceito: Noções de adequação da língua, variação regional, valor e respeito às variedades (p. 65)</p> <p>Preconceito linguístico como incorreto e falta de compreensão do funcionamento da língua (p. 66);</p> <p>Variação histórica ou diacrônica (p. 66, 68, 69)</p>	<p>Varição semântica e variação fonético-fonológica (p. 50)</p> <p>Adequação da língua/ variação estilística, variação social/diastrática e variação lexical (p. 50, 56);</p> <p>Varição regional/diatópica e variação histórica (p. 50);</p> <p>Observação do respeito e inclusão das normas dos diversos usuários (p. 50);</p> <p>Varição pragmática e variação lexical (p. 56)</p> <p>Variedades cultas e variedades populares, reflexão sobre “desvio” (p. 56).</p>

	<p>Variedade popular (p. 67)</p> <p>Varição social ou diastrática (p. 67, 68, 69)</p> <p>Varição semântica (p. 69)</p> <p>Reflexão com mais ênfase sobre as gírias e expressões nordestinas para evitar preconceito (p. 69)</p> <p>Varição fonético-fonológica (p. 70)</p> <p>Possibilidade de mais ênfase no material de estudo e do trabalho com o preconceito (p. 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71).</p>	
Capítulo 3		<p>Varição pragmática (p. 91)</p> <p>Adequação/monitoramento da língua, variedades populares, reflexão sobre “desvios do uso recomendado da língua”: norma-padrão/norma curta (p. 91, 92, 93, 95);</p> <p>Varição estilística, variação diamésica, variação lexical, variação sintática (p. 91, 92, 93, 95);</p> <p>Varição fonético-fonológica (p. 97, 98);</p> <p>Possível reflexão sobre preconceito linguístico com estrangeiros (p. 97);</p>
Capítulo 4		Varição semântica (p. 131)

		<p>Respeito às variedades populares (p. 131);</p> <p>Norma-padrão, falta de reflexão sobre ela e sobre os “equivocos de flexão” das palavras (p. 132, 133);</p> <p>Variação morfológica (p. 132, 133).</p>
Capítulo 5		<p>Variedades culta e popular, variação lexical, variação morfológica, variação social (p. 157, 158);</p> <p>Variedades urbanas de prestígio (p. 158);</p> <p>Adequação da língua (p. 158).</p>
Capítulo 6		<p>Flexões verbais e adequação linguística à comunicação (p. 193)</p>
Capítulo 7		<p>Usos formais e informais da língua, adequação linguística (p. 208, 210, 214, 215, 216, 218, 223, 225);</p> <p>Variação diamésica (p. 210, 217);</p> <p>Explicação sobre objetivo de tratar variedade e estilo de linguagem apropriados às comunicações jornalísticas e digitais (p. 212);</p>
Capítulo 8		<p>Variação morfossintática (p. 253);</p> <p>Uso monitorado da língua (p. 253);</p> <p>Possível reflexão sobre “equivocos na construção linguística”, norma-padrão e norma culta (p.253, 256).</p>

Fonte: Elaboração própria.

Como dito acima e confirmado no quadro 01, o exemplar dedica, exclusivamente no capítulo dois, a seção *Mais da Língua*, à temática da variação linguística propriamente dita. A abordagem se dá através do tópico intitulado: *A língua varia*, reafirmando a noção dos PCNs de que a língua não é una (BRASIL, 1998). A seção, iniciada a partir da página 63, conta com nove páginas que trabalham a temática, a partir de gêneros textuais, conceitos e exercícios.

Além dessa seção específica, há outros pontos de ocorrência da temática no livro, como é possível também ver no quadro 01, lembrando o que referencia Lima (2021) sobre a exigência do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para que o livro didático assegure o trabalho com a variação linguística e a defesa, a discuta amplamente, não reservando apenas um capítulo estanque por mera obrigação. No caso específico do livro em análise, percebemos que a temática é recorrente em todos os capítulos. Dessa forma, podemos afirmar que o LD caminha de acordo a essa exigência do PNLD, ou seja, aprofunda o assunto em uma seção, mas busca introduzir e trabalhar a variação em uma quantidade considerável de momentos, tentando encaixar e naturalizar o tratamento da temática junto com as demais, afinal, a língua funciona com suas partes de forma indissociável.

A seguir, voltamos nossa atenção para a análise da seção específica sobre variação e preconceito linguístico, presente no capítulo dois no livro.

4.2 O tratamento direto da Variação e do Preconceito Linguístico no Livro Didático

Para iniciarmos nossa análise, observaremos agora as atividades da seção específica ao tratamento da variação, começando pela página 63:

Figura 01: Variação linguística em Anúncio Publicitário

Mais da língua

A língua varia

Como você estudou, os verbetes são textos que divulgam conhecimento e quase sempre sua linguagem é formal. Entretanto, podemos encontrar alguns verbetes e outros gêneros com esse mesmo objetivo que optam por uma linguagem mais descontraída, como alguns *podcasts* com conteúdo científico, por exemplo, que se comunicam com o público mais jovem.

A variação da linguagem será estudada na seção que começa agora.

Pra começar

Você já viu um anúncio publicitário de outro país? Acha que conseguiria ler um que tenha sido publicado em Moçambique, por exemplo? Tente fazer essa experiência. Os moçambicanos, assim como os brasileiros, falam a língua portuguesa.



A presença de aparente propaganda na seção se justifica de acordo com o Parecer CNE/CEB nº 15/2000, que diz que "o uso didático de imagens comerciais identificadas pode ser pertinente desde que faça parte de um contexto pedagógico mais amplo, conducente à apropriação crítica das múltiplas formas de linguagens presentes em nossa sociedade, submetido às determinações gerais da legislação nacional e às específicas da educação brasileira, com comparecimento médico e variado".

Agora, responda a estas questões.

- 1** Esse anúncio faz parte de uma campanha que incentiva os moçambicanos a aproveitar o verão. Que elementos da imagem relacionam essa estação à sensação de bem-estar e descontração? *As pessoas juntas e alegres indo para a praia, as roupas leves, os equipamentos para a prática de esportes e brincadeiras, a companhia do cachorro etc.*
- 2** De que modo a sensação de calor, característica do verão, é representada na imagem? E no título da campanha "Verão Amarelo"? *A forte iluminação na imagem e o termo amarelo, no título, sugerem a sensação de calor.*
- 3** Em "Malta reunida", que aparece em destaque, ocorre uma palavra que praticamente não é usada no Brasil. Você conseguiu deduzir seu sentido? Como fez isso? *3. Resposta pessoal. Malta é um grupo de pessoas reunidas, equivalente, no Brasil, a turma. É possível deduzir o sentido pela imagem e pelo uso do adjetivo reunida. Se julgar conveniente, explique aos alunos que, em nosso país, a palavra malta é mais usada como coletivo de pessoas de má fama ou má índole.*
- 4** Suponha que essa campanha também fosse veiculada no Brasil. Que adaptações você faria no texto para que ficasse de acordo com a linguagem que os brasileiros costumam usar? Reescreva as frases no caderno. *Resposta pessoal. Sugestão: Turma (pessoal, galera) reunida(o). Tudo isso e muito mais você encontra no Verão Amarelo.*

Assuntos trabalhados na parte de linguagem deste capítulo:

- Variações da língua;
- Preconceito linguístico;
- Parônimos (revisão).

Mais da língua e Isso eu já vi
CG: 1, 2, 3, 4, 5, 6
CEL: 1, 2, 4, 5
CELP: 1, 3, 4, 5, 7, 10
Habilidades: EF67LP08, EF69LP02, EF69LP04, EF69LP17, EF69LP44, EF69LP47, EF69LP55

Os tópicos "A língua varia" e "Preconceito linguístico" exigirão uma exposição teórica detalhada. Sugerimos que você leia o texto parando em alguns pontos para esclarecer o que foi dito e desenvolver, por meio de novos exemplos, os conceitos observados. Oriente os alunos a tomar nota das ideias principais ao longo da exposição. Ajude-os, alertando-os sempre que uma informação for importante. Ao final, peça a dois deles que leiam as informações selecionadas.

Para iniciar, faça uma atividade de aquecimento. Peça aos alunos que mandem mensagens pelo WhatsApp entre si combinando um passeio. Se forem poucos os que têm *smartphone*, a atividade deve ser feita em grupo. Após o envio, pergunte-lhes se usaram algum elemento linguístico que não empregariam para produzir, por exemplo, uma notícia para um jornal da escola: abreviações, palavras sem acento, desconsideração da concordância, uso de *emojicons* etc. Se sim, pergunte o motivo, que provavelmente estará ligado à intimidade com o receptor, à informalidade da situação e ao uso da internet. Se não, questione igualmente o motivo: é possível que tenham evitado alguns recursos em razão de a mensagem ter sido produzida em contexto escolar. Os dois casos permitem a introdução da ideia de que a língua varia para se adequar às situações de comunicação.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 63)

O texto inicial começa chamando a atenção para os gêneros textuais, fazendo uma ponte com outros gêneros já vistos anteriormente no capítulo, especialmente os que têm intuito de divulgar conhecimentos, como os verbetes e os *podcasts*, pensando sua linguagem: o grau de formalidade ou informalidade que possuem. Assim, Ormundo e Siniscalchi (2018) defendem por meio desse exemplo a variabilidade da língua nos gêneros, a depender de quem os produz, das intenções e do público a que são destinados, o que vai se assemelhar a aspectos do gênero anúncio publicitário estudado na seção.

A partir dessa analogia da variabilidade dos gêneros, dando seguimento ao assunto, o LD traz um anúncio publicitário do país africano Moçambique, país esse que possui como língua majoritária o português, como no nosso Brasil. É possível percebermos que se trata de uma forma didática de explicar que a mesma língua pode conter variadas formas de ocorrer, como visto na diferença entre países e como enfatiza-se na terceira e quarta questões. As questões um e dois têm cunho mais exploratório do teor do anúncio: a primeira ressalta o intuito do anúncio sobre o aproveitamento do verão e das características do país como coisas boas para se usufruir, o que no cartaz assemelha-se ao Brasil, com as pessoas felizes e descontraídas indo à praia. A segunda trata da sensação de calor da estação, representada pelas cores, iluminação e título. A partir de uma reflexão podemos pensar: contextos parecidos, no entanto, mudam pela região, pelos falantes e pelo público receptor, trazendo as variedades do português.

Nas demais questões, apresentam-se temáticas linguísticas que demonstram a variação: a terceira questão indaga os alunos sobre o sentido da palavra “malta”, que é equivalente à “turma” no português do Brasil, como vemos na sugestão de resposta ao lado, tratando-se assim de uma variação do nível *lexical ou de vocabulário*. A quarta questão, por sua vez, vai atentar para a forma de organização da escrita, pois pede para que o aluno reescreva o texto do anúncio (“Malta reunida. Isto e muito mais tu encontras no Verão Amarelo”) de forma a acordar com a linguagem utilizada no Brasil. Embora a resposta seja pessoal, nas orientações aos professores, há uma sugestão de reescrita que contempla a substituição por palavras e expressões comumente usadas no Português do Brasil. Malta poderia ser substituída por “turma, pessoal ou galera” e o restante do anúncio ficaria: “Tudo isso e muito mais você encontra no Verão Amarelo”. Apesar de ser uma atividade simples, pode abrir espaço para boas discussões em sala de aula e o professor pode explorar diferentes formas de dizer a mesma coisa, instigando os alunos a reescreverem da forma como eles falariam. Acrescente-se a isso a reflexão sobre o uso dos pronomes demonstrativos “isto/isso” e também dos pronomes pessoais “tu/você”, bem como a adequação para a concordância entre as palavras. Essas diferenças de organização levam ao tratamento da variação nos níveis *sintático e lexical*.

A diferença da língua de acordo com os países, trata-se da *variação diatópica, geográfica ou regional*, como visto em Bagno (2006, p. 22), uma variação da língua no espaço territorial. É também um ponto positivo a escolha de um gênero que foi feito visando uma comunicação real, com divulgação real no país de origem, que traz a língua e suas variedades como elas realmente ocorrem e com uma finalidade.

Dessa maneira, os autores trabalham na perspectiva que condiz com o que foi esclarecido nos PCNs e que se revela, como vimos, não apenas no Português do Brasil, mas no

Português como um todo: “o português é uma unidade constituída por muitas variedades, em que se notam distinções na pronúncia, no vocabulário, na morfologia e nas construções sintáticas.” (BRASIL, 1998, p. 29), por isso, atividades como essa são importantes para o melhor entendimento da língua como variável em todos os seus aspectos.

Além disso, Ormundo e Siniscalchi (2018), na nota adjacente à atividade, mostram preocupação em sugerir ao professor formas de enfatizar esse estudo, demonstrando a importância do tema que, conforme dizem, exige uma “exposição detalhada”, assim, os autores indicam que o professor lance mão de esclarecimentos sobre os conceitos e traga também novos exemplos, além de buscar subsídios para a atividade por meio de notas e por meio de ferramentas como o WhatsApp do aparelho celular, o que vai de acordo com o que propõe os PCNs (BRASIL, 1998), ao sugerir a interação com materiais que podem ligar-se ao assunto trabalhado.

Essa mesma atividade também propõe a reflexão sobre a escrita das mensagens de WhatsApp, para que os alunos pensem sobre a linguagem que usaram, se seria a mesma que usariam para escrever um exemplar de notícia jornalística, tentando fazê-los compreenderem pontos importantes para a variação linguística, como a adequação e a dependência do contexto de uso, pontos ressaltados como importantes para a aprendizagem pela BNCC (2018). Aqui temos a abordagem da *variação estilística* ou *diafásica*.

Como podemos perceber, temos, neste início, um bom material para estudo e que está de acordo com o que é defendido nos PCN's, no entanto, consideramos que há muitas informações de uma só vez, em uma única atividade, que é ainda a primeira atividade da seção da temática, agora trabalhada mais a fundo. Entendemos que o professor deverá se organizar quanto à dinâmica de ensino a partir de todas essas informações, para que não haja sobrecarga ou falha na assimilação dos alunos sobre a temática.

Continuemos agora a observar o estudo na página seguinte da seção sobre variação:

Figura 02: O português e suas variedades

A abordagem da formação da língua portuguesa no Brasil ocorrerá no volume do 9º ano, mas é interessante que os alunos já se familiarizem com alguns dos aspectos que explicam essas diferenças. Verifique se eles compreenderam, com base no texto, como o português levado pelos colonizadores para Brasil e Moçambique foi se modificando em cada território.

Certamente, um brasileiro tem mais facilidade para compreender esse anúncio do que teria um alemão ou um japonês. Entretanto, apesar de falarmos a mesma língua, percebemos que o português do Brasil e o de Moçambique diferem entre si pelas palavras usadas, pelo sentido que damos a elas, pela maneira como as pronunciamos (sotaque) e pela própria construção das frases.

Você reparou no pronome *tu* na frase "Isto e muito mais tu encontra no Verão Amarelo"? As propagandas dirigidas aos brasileiros costumam usar *você*, muito mais comum em nosso território. Essas formas diferentes de empregar a língua são chamadas de **variedades linguísticas**.

Moçambique é um país da África que, como o Brasil, também foi colonizado por Portugal. Todavia, nossos falares se diferenciaram porque, quando os portugueses chegaram lá e aqui, já havia outros povos nativos em ambos os territórios, e as línguas faladas por eles interagiram com o português, criando variações dele. Além disso, ao longo dos anos, ocorreram contatos com outras línguas, pela presença de estrangeiros ou pelos meios de comunicação, e elas também influenciaram o português local.

Essa diferença, no entanto, não ocorre apenas porque os falantes são de países diferentes. Mesmo dentro do território brasileiro podemos perceber variedades linguísticas motivadas por fatores diversos: as várias regiões, áreas urbanas e rurais, idade do falante, escolaridade, situações em que emprega a língua etc. Observe as particularidades da linguagem nas várias situações de comunicação que envolvem o personagem nas ilustrações a seguir.



Explore, com os alunos, as situações de comunicação representadas em cada quadrinho. Analise a situação de interlocução e relacione-a ao uso mais formal ou menos formal da língua. Concentre-se em aspectos mais evidentes, como a escolha vocabular.

64

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 64)

Na página 64, está a continuidade da explicação da página 63, destacando a reflexão que fizemos anteriormente, as diferentes formas de utilizar a língua chamam-se variedades linguísticas e essas diferenças estão presentes em todos os níveis estudáveis da língua. Assim, os autores seguem com uma importante explicação sobre a Língua Portuguesa em países como o Brasil e Moçambique, remetente à sua formação, embora não se prolongue, propicia o debate que consideramos importante para o alunado do 6º ano: a colonização portuguesa e seu contato com os povos nativos, além do curso dos anos com novos contatos com estrangeiros, fez

acontecer uma mistura de línguas, elegendo assim um português cheio de variedades, tal como o utilizamos hoje.

Da mesma forma, continuam os autores, isso se dá também no Brasil em termos de regiões, além de culturas diferentes, elas carregam variedades diversas em sua língua, como explicam, por fatores diferenciais, como: “regiões, áreas urbanas e rurais, idade do falante, escolaridade, situação de emprego da língua etc”. Ressaltamos que tais reflexões fazem parte do que defende a BNCC (2018, p. 87) como competência a serem adquiridas pelos alunos: “compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.”, portanto, sendo oportuna a abordagem nesse momento do LD, para uma compreensão mais ampla de como a língua portuguesa se formou no Brasil, de como serviu, serve, influencia e depende da vivência das pessoas.

Ao fim da página 64, há a exposição de quadros com diversificadas situações comunicativas nas quais o personagem interage com outros e, mesmo não sendo situações reais, são representações de situações bastante corriqueiras no dia-a-dia. Como é possível observarmos, cada quadro demonstra o uso da língua baseado em formas de expressão mais ou menos formais, dependendo do contexto e de quem é o interlocutor, configurando *variação pragmática*. Quando se trata da mãe, namorada ou colega do personagem, ele utiliza oralmente palavras menos formais, mais simples, condizentes com a *variação lexical* muito recorrente em lugares do Nordeste: “aperreado”, “mainha”, “fala”, bem como utiliza termos que variam *morfossintaticamente*, como: “Tô”, “cara”, “tava”, “deixei ela”. Já em situações de maior formalidade, que representam o personagem como funcionário, ou sendo avaliado, e ainda usando gêneros escritos, esse utiliza termos formais em sua expressão, como vemos nas *variedades morfossintáticas*: “Sente-se”, “Envio-lhe”, ou *lexicais*: “Caro” “Sr.”.

Dessa forma, podemos encontrar a *variação diatópica ou regional*, ligada às diferenças linguísticas de cada região, como vemos no caso a região Nordeste, como explicou Bagno (2006). Encontramos também a *variação diafásica*, que conforme Faraco (2019) é relacionada aos meios de veiculação da língua, como os gêneros textuais orais ou escritos, entretanto, é importante deixarmos claro, à luz de Bagno (2021), que os gêneros orais e escritos podem ser cada um ora formal, ora informal, como vemos nos quadros em que oralmente, o personagem conversa informalmente com sua mãe e depois conversa formalmente com outro personagem na empresa. Essa variação entre formalidade e informalidade é também outro tipo de variação linguística, chamada de *variação diafásica ou estilística*, como conceituam Faraco (2008) e Bagno (2021).

Trata-se da adaptação que o falante faz com a língua de acordo com o contexto de uso e suas necessidades, escolhendo o tipo de variedade que irá usar em determinada situação de comunicação, assim, cada falante não teria apenas um estilo de expressão, e varia estilisticamente suas normas em mais formalidade ou mais informalidade.


Observemos agora a continuação do estudo de variação na página 65, momento em que o LD introduz a noção de preconceito linguístico:

Figura 03: Variação linguística, norma-padrão e preconceito linguístico

A **variação linguística** é um fenômeno que ocorre em todas as línguas. A língua sofre mudanças conforme o tempo passa e em razão do contato com outras línguas. As particularidades de cada falante, como sua idade e nível de escolaridade, também fazem com que a língua não seja sempre a mesma. Além disso, a língua também é empregada de modo diferente em situações que exigem maior ou menor formalidade.

Preconceito linguístico

Leia este cartum do ilustrador paulista Roberto Kroll.



Roberto Kroll

Abuse da língua

É muito comum reconhecermos particularidades na fala de moradores de outras regiões. Você conseguiria imitar um falante de uma região distante da sua? E um de sua própria região? Quando alguém imita uma pessoa de sua região, que palavras ou sotaque ele usa?

Resposta pessoal.

O humor da ilustração é criado pela inadequação de um dos personagens: ele se veste e fala de uma maneira que não é esperada para a ocasião. Sua linguagem muito formal contrasta com o espírito descontraído que caracteriza a prática do surfe.

Como você já viu, a língua apresenta variações. Todos falam diversas "línguas" dentro de sua língua, escolhendo a **variedade linguística mais adequada** para cada situação comunicativa.

Desde que começamos a falar, fomos naturalmente aprendendo as palavras e o contexto de seu uso, assim como as principais regras de seleção e combinação delas para formar frases em nossa língua. Fomos nos familiarizando também com as características dos vários gêneros. Por isso, conseguimos nos comunicar uns com os outros. Cabe à escola, entretanto, ampliar esse uso da linguagem, criando oportunidade para que conheçamos a fala e a escrita de maior prestígio social.

As variedades linguísticas empregadas pelas pessoas que usufruem de maior prestígio cultural e social são chamadas **variedades urbanas de prestígio**.

Você já ouviu falar de norma-padrão? Essa expressão identifica um modelo de uso da língua descrito nas gramáticas e nos dicionários. Ela é apenas uma referência, já que, no uso cotidiano da língua, ninguém segue rigorosamente todas as orientações gramaticais. Até mesmo os falantes das variedades urbanas de prestígio, que têm mais contato com essa norma, optam por outras construções em situações informais.

Abuse da língua – Mostre aos alunos que a caracterização de uma pessoa muitas vezes passa pelo uso da variedade linguística regional e que esse é um recurso válido, desde que não implique a ridicularização do grupo retratado, como fazem alguns programas de humor, por exemplo.

Boxe sobre norma-padrão – Retome os quadrinhos da p. 64 para mostrar como o personagem Pedro prefere construções que não seguem a norma-padrão em situações mais informais, como revela, na conversa com a mãe, o uso de "ela" em "Não deixei ela aí?" (em lugar de "Não a deixei aí?") ou, na conversa com a namorada, a escolha de "cara" em lugar de "cliente".

65

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 65)

Aqui, Ormundo e Siniscalchi (2018) sintetizam o conceito de variação linguística no box inicial da página, reafirmando o conceito da BNCC (2018), explorado anteriormente, que

defende a variação como fenômeno histórico, social, contextual e também indo de acordo com o que diz Bagno (2021) sobre variação, vendo-a como dependente das particularidades dos falantes, em relação aos fatores de faixa etária, grau de escolaridade, bem como sexo, região em que habita, renda, etnia, entre outros, e também enfatiza a questão do emprego da formalidade/informalidade, ligada ao estilo escolhido de variedade.

A seguir, os autores adentram à questão do preconceito linguístico, podemos pontuar inicialmente que, com base na situação apresentada no gênero Cartum usado no estudo, que traz uma inadequação por parte do personagem por suas vestimentas e sua fala formais em ambiente informal, amplia-se o debate sobre a variação linguística, tomando a *variação estilística* como base, pensando a questão da adequação às situações comunicativas, o que deve ser feito de maneira cuidadosa, pois como visto em González (2015, p. 235):

A adequação é uma função entre as formas linguísticas e os objetivos pretendidos diante de determinado público. Não se pode determinar que uma forma linguística seja aprioristicamente inadequada. É na interação concreta que as escolhas linguísticas fazem sentido e são inadequadas ou não.

Assim, seria necessário compreendermos as intenções do falante do Cartum ao se portar de tal maneira na praia e o entendimento do seu interlocutor, para dizermos se a fala é de fato inadequada. No cartum, pelo semblante, parece que o interlocutor acha estranha a postura do colega, mas, como não se trata de uma situação comunicativa real, não há como, a priori, identificarmos certamente se realmente a fala não foi entendida. Considerando, no entanto, o nível da discussão pensada para o 6º ano, entendemos que, pensando em algo que deva ser mais simples, entendível, o exemplo não é de todo mau, pois proporciona a noção mais simples de adequação, que como o próprio texto ressalta, “desde que começamos a falar, aprendemos palavras e o contexto de uso, as principais regras, e familiarização com os gêneros, assim conseguindo nos comunicar”, sendo, dessa forma, um estudo válido.

Como visto a pouco, para a introdução do tema do preconceito, Ormundo e Siniscalchi (2018) buscam, através do Cartum, mostrar como o personagem estaria em inadequação com o ambiente, em destaque para sua fala, muito rebuscada para a ocasião, o texto que segue o cartum explica sobre variação e a necessidade da adequação da língua, entendendo a variação apresentada como uma “linguagem formal”, mais ligada às variedades urbanas de prestígio, como visto em Martins, Vieira e Tavares (2021, p. 11); esta seria então mais adequada em ocasiões de maior formalidade, embora ainda possamos compreender o que o falante quer dizer e que não seja adequado discriminá-lo por tal uso. É trazido ainda, neste estudo, um box ao lado, intitulado *Abuse da língua*, no qual propõe questões a respeito das variações linguísticas

existentes nas regiões do país, o que chamam de “particularidades na fala de moradores de outras regiões”, tratando assim da variação do tipo *diatópica ou regional*.

As questões indagam sobre imitações de falantes de regiões distintas da região do aluno e também de falantes próprios de sua região, enfatizando a questão de palavras e sotaques utilizados pelos falantes. É importante sabermos que essas questões devem ser observadas e realizadas de maneira cuidadosa, para que não alimentem o próprio preconceito, através de imitações, ou repetições de falas de formas má intencionadas e discriminadoras.

Neste sentido, o quadro acompanha uma dica para o professor, para que esse oriente os alunos quanto a atividade, fazendo-os compreender o valor da variedade das pessoas de acordo com sua região, como são diferentes, entretanto ricas e devem ser respeitadas, apontando o erro cometido muitas vezes quando se trata dessas variações com desdém, com piadas de teor preconceituoso, levando nome de “humor”, no entanto, ferindo as pessoas por uma condição normal em suas formas de praticar a língua. Como sabemos, a língua comporta variedades que fazem parte do uso efetivo, normal e preferencial pelos diferentes conjuntos de pessoas (Martins, Vieira e Tavares, 2021).

Assim, observamos que os autores do LD se preocupam com os alunos, no ato de ensino que não vem em viés de norma curta, pois presa por não buscar desqualificar o falante de certas variedades, mas faz com que os alunos possam refletir sobre as variedades, no sentido de fazê-los trocarem conhecimentos sobre elas, bem como não cair, praticar, conforme indica Faraco (2008), a recriminação e os constrangimentos públicos às pessoas e suas diferentes formas de se expressar.

Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 65) continuam defendendo a ampliação do uso da linguagem e acrescentam que isso deve ser fomentado pela escola, criando “[...] oportunidades para que conheçamos a fala e a escrita de maior prestígio social”.

Logo abaixo, em um quadro, explicam que as variedades usadas pelas pessoas que podem usufruir mais da cultura do letramento, e participar do fluxo social mais “alto”, são denominadas de *variedades urbanas de prestígio*, confirmando o que diz Martins, Vieira e Tavares (2021, p. 11) sobre as *variedades cultas*, rotuladas assim por advir de pessoas com prestígio social, por terem contato com o meio urbano e a escolarização, dominando a escrita e maior grau de letramento. Essas variedades seriam assim importantes de serem introduzidas aos falantes/alunos que não teriam contato direto com elas, além de suas *variedades populares*, para que os mesmos possam interagir nas diferentes comunicações que necessitarem.

Nesse sentido, o LD está de acordo com a BNCC (2018) e os PCNs (BRASIL, 2001) que indicam a ampliação dos conhecimentos de letramento, visando a participação dos alunos nas diversas situações de comunicação orais e escritas.

Vamos nos atentar agora ao *box sobre norma-padrão*, que vemos ao lado do texto base. Esse box se faz muito pertinente no sentido de que conceitua a *norma-padrão* como “um modelo de uso da língua”, “apenas uma referência, já que no uso cotidiano da língua, ninguém segue rigorosamente todas as orientações gramaticais” e diz que os falantes das variedades de prestígio também optam por outras formas em situações informais, o que é confirmado por Martins, Vieira e Tavares (2021, p. 11): a norma padrão é uma idealização da língua, usada como modelo para os falantes, uma forma de controlar o comportamento linguístico das pessoas. Assim, essa conceituação atua diferenciando a norma-padrão da chamada *norma culta*, ou *variedades cultas*, pois como visto no LD e que está também de acordo com os pressupostos vistos em Martins, Vieira e Tavares (2021, p. 11) as variedades cultas são ligadas a um tipo de norma que significa o uso normal, comum, efetivo da língua pelos falantes.

Essa diferenciação é de grande importância pois pode evitar os casos de ensino-aprendizagem pautados na confusão entre norma-padrão e norma culta, que culmina no ensino engessado e preconceituoso de *norma curta*, visando um purismo da língua inexistente e que discrimina alunos/falantes da língua. Ninguém fala norma-padrão, falam normas ou variedades cultas e populares, que também são diversas por si mesmas, e devem ser respeitadas.

No geral, é importante registrarmos também que nesta exposição da página 65, o livro acaba trazendo muitas conceituações ao mesmo tempo (adequação, variedades regionais, variedades de prestígio, norma-padrão), como vimos, cada uma delas é importante no processo de aprendizagem sobre variação, entretanto, há muitos assuntos abordados de uma só vez, o que talvez possa ser denso ou dificultar o entendimento do alunado e que exigiria um estudo mais compassado, minucioso e distribuído em outras atividades, ao longo do LD.

Nessa linha, segue a continuação do assunto na página 66:

Figura 04: Valor das variedades

As variedades urbanas de prestígio são usadas em livros, jornais, revistas, entrevistas de emprego e discursos políticos, entre outras situações de comunicação importantes para nossa prática social. Portanto, é necessário dominá-las para que possamos participar de todas as atividades de nossa sociedade.

Isso não significa, porém, que apenas tais variedades devem ser vistas como “certas”. Não existe um modo único de uso da língua e, por isso, não é correto desvalorizar as variedades usadas por outros grupos. Considerá-las “erradas” revela incompreensão de como funciona a língua e resulta em preconceito linguístico.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 66)

Nesses parágrafos, os autores demonstram a importância das variedades urbanas de prestígio, nesse caso, as variedades cultas, que são necessárias a várias situações da vida dos indivíduos. Como sabemos, indicado por documentos como a BNCC (2018) e os PCNs (BRASIL, 2001), o ensino de Língua Portuguesa deve levar os alunos a ampliar seus letramentos, seus conhecimentos linguísticos, isso perpassa as diversas variedades. Reconhecendo que as variedades cultas têm esse uso amplo, elas devem ser um artigo trabalhado nas aulas de língua, sobre o qual o aluno deve ter domínio, assim como têm de suas próprias variedades, para que possa utilizar a seu favor quando necessário na dinâmica social.

Entretanto, como continuam os autores, as variedades urbanas de prestígio não devem ser tidas como superiores às demais, todas as variedades têm sua validade em cada realidade e situação de comunicação. Assim, Ormundo e Siniscalchi (2018) trazem o debate sobre as variedades, como propôs a BNCC (2018), no qual essas devem ser refletidas, pensando-se o valor atribuído a cada uma delas, e em relação ao preconceito que pode existir a partir desse valor (o “valor menor” conforme preconceituosamente se tem sobre as variedades populares). Conforme a BNCC defende, e também os autores do LD, esse preconceito de valor não deve ser disseminado, pois não é correto e se trata de falta de conhecimento, o que é prejudicial aos falantes da língua com suas variedades.

Dessa forma, pensando conforme Bagno (1999), sabemos que o ensino, muitas vezes, foca em uma “unidade da Língua Portuguesa brasileira”, que engessa e dificulta a vida do aluno falante das variedades populares, o autor defende que isto deva ser ultrapassado por um reconhecimento da diversidade linguística que temos, angariando melhorar este ensino, que deve ser voltado a essa diversidade. Baseados nisso, compreendemos que os autores do LD apoiam o estudo da variação linguística, de forma que seja possível desmistificar este

“português único”, compreender que a estigmatização das variedades não é correta, possibilitando assim uma reflexão sobre sua riqueza e o distanciamento ao preconceito.

Ainda na página 66, temos o exercício prático *A língua varia na prática*:

Figura 05: A evolução da língua

A língua varia NA PRÁTICA

1 Veja um anúncio de creme dental divulgado nos anos 1940. Ele exemplifica a **variação histórica** da língua, ou seja, as mudanças que ocorrem com a passagem do tempo.



REPRODUÇÃO

REPRODUÇÃO proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

a) Que termo também era usado naquela época para *creme dental*? **Dentifrício.**

b) Identifique no anúncio as palavras que antigamente eram escritas de maneira diferente da de hoje e atualize-as. **Dentifrício, econômico, centímetro, seca.**

c) Que qualidades do produto foram destacadas? **O anúncio destacou a qualidade de limpar e dar brilho aos dentes com pouco gasto do produto.**

d) Esse anúncio revela que a passagem do tempo não altera apenas a língua. Que outros aspectos também sofreram mudança? **A imagem do anúncio mostra diferenças nos tipos de roupa, penteado e maquiagem usados pela modelo, além de destacar a questão da economia, um aspecto que não é mais explorado nos anúncios desse tipo de produto.**

66

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 66)

Nessa primeira questão do exercício, logo de início, já identificamos que irá tratar da *variação histórica ou diacrônica*, a qual o LD explica como sendo ligada às “mudanças que ocorrem com a passagem do tempo”, o que está de acordo com o que postulam Faraco (2019, p. 38) e Bagno (2006, p. 22): a língua e suas variedades mudam/distinguem-se com o tempo.

A respeito das questões, podemos observar que são simples, mas demonstram com clareza exemplos de mudanças que ocorreram na língua, tendo em vista que se passaram 82

anos da veiculação desse anúncio. Vemos a variação dos níveis *lexical e morfológico* com a palavra “dentífricio”, que nos é a mais “estranha” em relação ao que falamos hoje em dia, e que era usada com o mesmo significado de creme dental como apontado na primeira questão, caiu em desuso e também ganhou um acento segundo “í”; bem como a *variação morfológica* com as palavras “econômico”, “centímetro” e “secca”, em que as duas primeiras ganharam acentuação: “econômico”, “centímetro” e a última perdeu uma das letras “c”.

Dessa maneira, o exercício se faz importante pelo fato de que paramos para observar que, assim como os demais fatores da vida (vestimentas, concepções, modos de ser, etc) a língua faz parte da nossa vivência, evolui traduzindo e manifestando os costumes do homem ao longo dos tempos: “[...] é viva, dinâmica, está em constante movimento” (Bagnó, 1999, p. 117), esse movimento é relevante, mesmo que aconteça de forma sutil e de certa forma “a passos lentos”. Com isso, é vital o entendimento e o respeito às diferentes formas de expressão com as quais entramos em contato e que produzimos todos os dias.

Passemos agora à questão dois do exercício, na página 67:

Figura 06: Variedade dos surfistas

- 2** A animação *Tá dando onda* conta a história do pinguim Cadu, que deixa a Antártida para participar de um torneio de surfe em busca de fama. A seguir, você vai ler a transcrição de um trecho da animação em que Cadu, após se arriscar em uma onda enorme, é resgatado, recebe autorização para participar do torneio e conhece João Frango, que se tornará um grande amigo. Leia o diálogo, prestando atenção à linguagem utilizada pelos personagens.

João Frango: Te pegamos, te pegamos. Tu é mais pesado que boi na ladeira, hein? U-hu! Nada como trabalho em equipe. Prazer! João Frango, brou!

Cadu: Valeu, João.

[...]

Cadu: Meu nome é Cadu Maverick, do Frio de Janeiro. E tu?

João Frango: Não. Não sou do Frio de Janeiro, não.

Cadu: Ah... Tu é de onde?

João Frango: Eu sou do Pantanal Mato-grossense, lá do Brasil. É lá que eu surfo. Eu era o único que surfava na região, e as pessoas me achavam meio doido, mas eu me acostumei.

Cadu: Eu sei como é isso, cara.

João Frango: Sabe?

Cadu: Sei.

João Frango: Irado!

(*João Frango é arremessado ao alto por uma onda*)

João Frango: U-hu-hu! Mó visual, maninho!

[...]



Cena da animação *Tá dando onda*, direção de Chris Buck e Ash Brannon, EUA, 2007.

Tá dando onda. Direção: Chris Buck e Ash Brannon.

Columbia Pictures, Sony Pictures Animation. EUA, 2007. DVD (85 min).

- A amizade entre Cadu e João Frango nasce de uma experiência de vida que ambos tiveram. Qual? *Ambos vieram de regiões em que o surfe não é praticado e, por isso, não eram bem aceitos pelas pessoas.*
- O nome "Frio de Janeiro" é uma brincadeira. Por que a palavra *Rio* foi trocada por *Frio*? *A escolha do termo Frio tem a ver com as áreas de onde costumam vir os pinguins, geralmente frias.*
- A caracterização dos personagens como surfistas inclui o uso de muitas gírias utilizadas por esse grupo social. Transcreva exemplos usados para fazer referência ao interlocutor. "*Brou*," "*cara*," "*maninho*".
- Em que situações costuma ser empregada a expressão *u-hu*? Que outra palavra do texto tem o mesmo sentido dela? *A expressão costuma ser usada em situações prazerosas e, nesse contexto, equivale a irado.*

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 67)

Nessa questão, está disposta a transcrição de um trecho da animação "Tá dando onda", com a conversação sobre o surfe entre os personagens Cadu (pinguim) e João Frango (galo), para que seja observada a linguagem utilizada por eles. Nesse caso, os autores optaram mais uma vez por uma conversação não real, mas uma reprodução de variedades linguísticas.

Poderíamos pensar que a questão trataria de forma mais enfatizada de *variação regional ou diatópica*, entretanto, pelo que revela a transcrição, mesmo que indique que Cadu vem das terras frias do hemisfério sul e João Frango do Pantanal Matogrossense brasileiro, o que vemos

não são linguagens tão distintas, é claro, trata-se de uma ficção e está traduzida para o português, mesmo assim, o que podemos entender é que seria uma variedade ligada às regiões brasileiras que são famosas por práticas de surfe, a que mais se aproxima, seria o Rio de Janeiro, pela referência com “Frio de Janeiro”.

Entretanto, vemos mais acentuadamente a *variação* do tipo *social ou diastrática*, revelada pela caracterização dos personagens como participantes do grupo social dos surfistas, assim, conforme Faraco (2019, p. 38) o grupo social é possuidor de determinada variedade, nesse caso, uma variedade mais popular, com bastantes gírias, como podemos citar: “Brou”, “cara”, “maninho”, “U-hu”, “irado”, sendo todas essas variedades do tipo *lexical*, as três primeiras com o mesmo sentido de referência ao ouvinte e as duas últimas equivalendo a coisas legais, prazerosas. Ressaltamos também as construções “mó visual” e “tu é”, que podem ser tomadas como variedades do tipo *morfossintática*, pois variam sua organização frasal e perdem partes: a primeira seria uma variação de “maior visual”, referindo-se à visão de um lugar bonito, e a segunda seria uma variação de “tu és”, escrita conforme a normatividade, mas nem sempre utilizada por certos grupos sociais. Podemos considerar também a *variação pragmática*, pois os personagens fazem um uso da língua que se apoia no ambiente e no grau de intimidade rapidamente já estabelecido por eles.

Passando agora a análise da terceira questão, nas páginas 68 e 69, observemos:

Figura 07: Variedades dos anos 60

- 3** Leia uma letra de canção que também usa a linguagem de um grupo social jovem. O texto, porém, foi escrito há bastante tempo, na década de 1960.

Broto legal

Ô que broto legal
Garota fenomenal
Fez um sucesso total
E abafou no festival
Eu logo que entrei
O broto focalizei
Ela olhou eu pisquei
E pra dançar logo tirei
O broto então se revelou
Mostrou ser maioral
A turma toda até parou
E no *rock and roll* nós dois
demos um *show*

Puxei o broto pra cá
Virei o broto pra lá
A turma toda gritou
Rock and roll
E o *rock* continuou
[repete a letra toda até aqui]
E o *rock* terminou
E o *rock* terminou

H. EARNHART; versão: RENATO CORTE REAL.
Broto legal (I'm in love). Intérprete: SÉRGIO MURILO. *Broto legal*.
São Paulo: Editora Importadora Musical Fermata Brasil,
1976. 1 LP vinil, compacto, 45 rpm.

Biblioteca cultural
Procure na internet e ouça essa canção na voz de Celly Campello.



Jovens dançando *twist* no clube Régine, em Paris, França, década de 1960.

68

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 68)

Figura 08: Gírias

- Um festival ou uma festa com dança.
- A letra da canção trata de um evento envolvendo jovens. Qual é ele?
 - No contexto dessa canção, a palavra *broto* é uma gíria. O que ela significa? *Uma pessoa jovem, geralmente bonita.*
 - Qual é o sentido comum de *broto*? Existe alguma semelhança entre esse sentido e o da gíria?
 - A gíria *broto*, que já foi muito utilizada pelos jovens, hoje está em desuso. Que outra gíria tem sido usada no lugar dela? *Mina, gata etc.*

3c. A noção de algo novo é a ideia comum aos dois sentidos de *broto*: na canção, indica uma garota jovem; fora dela, costuma significar o estágio inicial de uma planta.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 69)

Nessa questão, temos uma expressão da língua mais ligada ao real, pois canções costumam ser usadas tanto por quem compõe quanto por quem aprecia como um meio de expressar sentimentos, mensagens. Logo de início, no enunciado, também identificamos que irá se tratar do tipo de *variação social ou diastrática*, por trazer o que os autores chamam de “linguagem de um grupo social jovem”, e do tipo de *variação histórica ou diacrônica*, por se tratar de um texto com uma linguagem que contém variação ocorrida através do tempo.

Ao observarmos o título e a letra da música, percebemos construções em desuso ou pouco uso, como: “broto”, “abafou”, “maioral”. As questões da atividade sugerem os sentidos da palavra broto, tomando-a como uma gíria dos anos 60, nesse viés, ela se liga “a uma pessoa jovem e bonita”, substituível hoje por “gata” e, já como nos é mais familiar, conforme explicado na sugestão de resposta, o broto seria “o estágio inicial da planta”, assim, podemos perceber a variação no nível *semântico*, com relação ao apontamento da questão *c* sobre os diferentes sentidos da palavra broto. Dessa mesma forma, “abafou”, na canção, teria o sentido de “arrasou”, palavra mais usada atualmente; nos dias atuais, a palavra “abafou” seria mais ligada a “escondeu”, ou seja, “abafar algo = esconder algo”.

Vemos assim também casos de variação no nível *lexical*, pois daquele tempo para os tempos atuais, para o sentido usado, foram consideravelmente substituídas na linguagem dos jovens. Com relação a “maioral”, não se usa muito essa palavra, mas ainda a compreendemos como referindo-se a alguém que se mostra superior.

Vejamos agora uma questão selecionada do exercício prático sobre o assunto, ainda no capítulo dois, na seção *Mais da língua*, na página 69:

Figura 09: Conceituação de gíria e variação regional

As **gírias** pertencem ao vocabulário típico de certos grupos, como os surfistas ou os roqueiros. Como ocorre com as demais palavras, o conjunto de gírias se altera com o passar do tempo. Nos anos 1960, por exemplo, uma turma era chamada de *patota*, e um sujeito legal, de *batuta*, termos que hoje provocariam nosso riso.

- 4** Leia um cartum produzido pelo ilustrador gaúcho Gilmar Luiz Tatsch, conhecido como Tacho.



- a) O cartum chama a atenção do leitor para um importante problema da humanidade. Qual? **O aquecimento global.**
- b) Para falar sobre o tema, o cartunista associou duas imagens que costumam contrastar. Explique essa oposição.
- c) Que importância tem a legenda *Polo Norte 2100*, no canto superior esquerdo do cartum?
- d) Que sentido a palavra *oxente* exprime nesse contexto?
- e) Em que região do Brasil essa palavra costuma ser usada?
- f) O uso dessa palavra por um pinguim reforça o contraste entre a situação que ele está vivendo e a que deveria viver ou afirma a possibilidade de fácil adaptação à nova situação?
- g) **DESAFIO DE ESCRITA** Nesta atividade, você vai produzir um parágrafo de análise do cartum. Em seu caderno, copie e complete o texto a seguir.

O cartum de Tacho chama a atenção do leitor para []. Para fazer isso, ele mostra o Polo Norte transformado em [], que lembra []. A fala "Oxente", de um dos pinguins da cena, é típica da [] e produz humor porque [].

4b. O cartunista associou os pinguins, animais que vivem em áreas geladas, a um ambiente seco e quente, como sugerem os desenhos do sol escaldante e do cacto.

4c. A legenda localiza a cena no espaço e no tempo, favorecendo a compreensão do contexto.

4d. Surpresa, espanto.

4e. Na região Nordeste.

4f. Reforça o contraste.

4g. Sugestão de resposta: o problema do aquecimento global; uma área desértica e quente; o sertão nordestino; variedade linguística nordestina; mostra a ave em uma situação anormal.

Pesquise em Ciências

O cartum faz uma relação entre os pinguins e o Polo Norte. Por que essa relação não é correta?

Porque os pinguins concentram-se no hemisfério sul; eles não vivem no Polo Norte. **69**

Desafio da escrita – A atividade deve ser feita após a correção dos itens anteriores para que possam ser corrigidos eventuais equívocos na leitura. Sugerimos uma correção em trios, com os alunos se responsabilizando por verificar a coerência das informações introduzidas. Circule pela sala para esclarecer dúvidas e aproveite para escolher um ou dois textos interessantes, que serão compartilhados com a turma.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, 69)

Aqui, podemos pensar inicialmente sobre o box acima da questão, em que está posta uma explicação sobre “gírias”, colocadas, como podemos entender, como palavras contidas em determinados vocabulários utilizados por diferentes grupos de pessoas para se comunicarem entre si e com as demais pessoas, salienta-se ainda que as gírias mudam com as passagens

temporais. Essa definição se faz importante, pois as gírias são ainda alvo de críticas por parte da sociedade, bem como, muitas vezes, de desconsideração como elemento comunicativo válido ou mesmo são discriminadas, isto é, não tão somente as gírias, como também seus falantes, estereotipados por seus usos.

O livro traz o exemplo de gírias usadas nos anos 1960, no entanto, para demonstrar o caráter de mudança destas com o passar do tempo, os autores apresentam que esses termos nos dias atuais “provocariam nosso riso”. Essa frase, embora seja de certa forma uma verdade, pois acontece muitas vezes este riso com certas gírias, seja pelo não entendimento das mesmas ou por serem tidas como ultrapassadas, deve ser cuidadosa no sentido de que pode dar margem para algum preconceito, sem nenhuma explicação a mais de que essa situação de riso não deveria fazer sentido, pois são termos normais e ainda utilizados por muitas pessoas que viveram nesses tempos. Da mesma forma, poderia abrir margem para se pensar que é normal rir ou talvez fazer chacota com as gírias utilizadas atualmente por muitos grupos, tais quais os marginalizados, já estigmatizados por muitos fatores, e também por seus falares. Assim, compreendemos que seria necessário uma melhor explicação para um melhor entendimento por parte dos alunos.

Voltando-nos agora para a questão quatro, vemos que ela traz a *variação linguística regional ou geográfica*, utilizada nas diferentes regiões territoriais (Bagno, 2006). Nesse caso, temos a variação que ocorre no Nordeste do país, como vemos citada a palavra “Oxente”, que também configura variação no nível *lexical*.

A partir do gênero textual Cartum, vemos que os dois pinguins estariam demonstrando como o hemisfério sul, seu lugar de origem, estaria ficando seco tal qual a região nordestina por causa da ação do homem, para assim chamar atenção para a temática do aquecimento global e para a própria variedade linguística da região. Sobre esse trabalho com a variação, entendemos ainda como uma forma descontextualizada, pois, como aponta Bagno (2021), muitas vezes são utilizados textos genéricos que não trazem o uso real da variação, mas apenas estilizações de variedades.

Assim, concordamos com o autor que o LD poderia trazer um exemplo real, como uma transcrição de conversação de nordestinos, para uma reflexão menos sintética e estereotipada; além disso, ao lermos a questão, podemos notar que o gênero também busca trazer humor, como é de sua finalidade, no entanto, apesar de entendermos que o humor refere-se ao lugar da cena, notamos também que alia-se à fala, assim, mais uma vez isso deve ser observado com atenção, pois pode se atrelar ao preconceito: a expressão nordestina tomada pelo humor, replicando a

possibilidade de “riso” sobre o uso dessa variedade, como acontece em muitas situações por falantes de outras regiões.

Atentemos agora para as últimas questões do exercício nas páginas 70 e 71 e, também, os últimos debates da seção *Mais da língua*, dedicada ao estudo da variação linguística:

Figura 10: Variedades do Brasil e entre o português brasileiro e o de Portugal

- 5** Leia uma tirinha do Urbanoide (rapaz de barbicha). Essa tira evidencia a **variação regional** do português usado no Brasil ao brincar com as diferenças entre as linguagens empregadas por paulistanos e cariocas.
- 5a.** É uma tentativa de reproduzir a forma como os cariocas pronunciam a letra *s* (quando não é seguida por vogal). Ressalte aos alunos que os cariocas costumam chamar os paulistanos de “paulistas”.
- 5b.** A imitação da pronúncia é um dos principais recursos para o reconhecimento da origem do personagem carioca e, conseqüentemente, para o estabelecimento do contraste entre ele e o paulistano.
- 5c.** “Mermão”, uma junção de *meu + irmão*, e “ai”, vocábulo usado por falantes cariocas para chamar a atenção de alguém.
- 5d.** Os hábitos alimentares: cariocas estranham o hábito paulistano de pôr purê de batata no *hot dog*, enquanto os paulistanos estranham o dos cariocas de colocar *catchup* na *pizza*.
- 6** Leia agora uma notícia publicada em um *site* de Portugal após a derrota do time português Benfica pelo Zenit, equipe da Rússia.



- a) Por que a palavra *paulista* foi escrita com *x* (“paulixta”) e não com *s*?
- b) Por que essa forma de escrever a palavra *paulista* é fundamental para que o leitor entenda a tira?
- c) Que outras palavras usadas pelo mesmo falante também marcam a variedade regional da cidade do Rio de Janeiro?
- d) Além da língua, que outro aspecto cultural é citado para diferenciar os moradores das duas regiões?
- e) As tiras do Urbanoide são publicadas em jornais da cidade de São Paulo. Que diferença haveria se essa tira circulasse em um jornal carioca? *Nesse caso, algumas marcas típicas da linguagem paulistana é que seriam imitadas.*

Plantel do Benfica agradece aos adeptos

O apoio no final da partida com o Zenit, apesar da derrota, deixou o grupo de trabalho encarnado emocionado

Os adeptos encarnados perdoaram a derrota com o Zenit e nos últimos minutos da partida de abertura da Liga dos Campeões não pararam de aplaudir a equipa, gritando “Benfica, Benfica”. Luís Filipe Vieira e Jorge Jesus já fizeram questão de agradecer pelo apoio, acreditando que servirá de incentivo para melhores resultados no futuro, sendo agora a vez de o plantel, liderado por Luisão, mostrar também a sua gratidão pela atitude dos fãs no final da recepção ao Zenit, através de um vídeo publicado no *facebook* oficial do Benfica.

Disponível em: <<https://www.ojogo.pt/futebol/1a-liga/benfica/noticias/interior/plantel-do-benfica-agradece-aos-adeptos-4134562.html?id=4134562>>. Acesso em: 23 abr. 2018.



Figura 11: Exercício sobre variedades do Brasil e de Portugal

- A notícia trata da recepção positiva que tiveram os jogadores do Benfica apesar da derrota para o Zenit.
- Qual é o assunto noticiado pelo *site*?
 - Já no título são usados dois termos bastante incomuns na língua portuguesa do Brasil quando o tema é futebol: "plantel" e "adeptos". Que palavras seriam empregadas em um *site* brasileiro? "Plantel" seria substituída por *time*, e "adeptos" por *torcedores*.
 - Quais palavras no texto são equivalentes a "plantel" e a "adeptos"? "Equipa" e "fãs", respectivamente.
 - Nesse texto, as diferenças no vocabulário são suficientes para prejudicar a compreensão da notícia portuguesa pelo leitor brasileiro? Justifique sua resposta. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos concluam que pode haver certa dificuldade para a compreensão de algumas palavras, mas que o sentido delas acaba sendo esclarecido pelo contexto.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 71)

A quinta questão inicia já demonstrando que o gênero tirinha abordado irá tratar da *variação regional ou diatópica* da língua portuguesa brasileira, especificamente entre os cariocas, nascidos na cidade do Rio de Janeiro, e os paulistanos, nascidos na cidade de São Paulo. O diálogo entre os personagens se dá em tom de questionamento, ambos estranham os hábitos alimentares da cidade um do outro.

Nesse diálogo, observamos a forma linguística utilizada pelo autor da tira para demonstrar como o carioca se refere ao paulistano: "paulixta", "ái", "mermão", essas palavras fazem parte da *variedade regional* da cidade do Rio de Janeiro, no caso de paulista com x, como a própria questão diz, há uma tentativa de imitação da pronúncia do carioca, que é diferente da pronúncia do paulistano, podemos apontar em "paulixta" a *variedade fonético-fonológica*, pois há mudança nas letras, de s para x, para representar o som ou pronúncia; na palavra "mermão", há as *variedades morfológica e fonético-fonológica*, pois as palavras "meu" e "irmão" se juntam e também há uma elaboração na forma de pronunciar a nova palavra. "Ái", por sua vez, é uma *variedade lexical*, pois significa o mesmo de "Ei", uma forma usada para chamar alguém.

Podemos considerar também que a atividade a partir do diálogo acaba desmistificando um pouco o teor da diferença ser vista como algo ruim, seja ela cultural, seja linguística, pois de certa forma naturaliza que elas existem, sem precisar de questionamentos ou regras rígidas, pode haver diferenças, elas identificam seus falantes (BRASIL, 1998, p. 29) e são válidas para a comunicação, portanto, a língua e suas variedades contribuem para construção da identidade das pessoas e aqui no caso, de suas regiões, como defende a BNCC (2018, p. 87) a visão da língua como fenômeno variável e construtor de identidades das pessoas e comunidades.

Observando agora a sexta e última questão do exercício, nela está sendo abordado o gênero textual notícia, veiculada em um site de Portugal, para tratar sobre o acontecimento da

partida em que o time português, o Benfica, perdeu para seu adversário da Rússia, o Zenit. O texto, escrito em português de Portugal, discorre sobre o apoio dado ao time pelos fãs, mesmo após sua derrota, o que foi de grande importância e incentivo aos jogadores e técnicos. O que chama atenção são certas palavras utilizadas, que não são de uso comum no Brasil, mesmo que ambos os países tenham o português como língua oficial. Nesse viés, os autores optaram por trabalhar, mais uma vez, a *variação regional ou diatópica*, demonstrando a variação de Portugal em contraste com a do Brasil.

As palavras em destaque são “plantel”, “adeptos”, “equipa”, “encarnado”, “receção”. A atividade defende que as mudanças das palavras não prejudicam sua compreensão, pois o contexto da notícia esclarece os significados das mesmas, o que realmente acontece, pois a leitura flui normalmente a maior parte do tempo, o que também acontece no dia-a-dia quando conversamos com pessoas que falam variedades diferentes, se pensarmos no contexto de fala.

Podemos dizer assim que as palavras “plantel”, “adeptos” e “encarnado” variam no nível *lexical* em relação à língua no Brasil, que traz como correspondentes as palavras “time”, “torcedores” e “vermelho”, *encarnado* é uma expressão mais antiga no vocabulário, usada ainda por alguns brasileiros. Enquanto isso, as palavras “equipa” e “receção” seriam casos de *variação morfológica*, pois a primeira troca a letra final de “equipe” por uma letra “a”, e a palavra “receção” perde a letra “p” entre o segundo “e” e o cedilha.

Em suma, com relação à seção sobre variação linguística, entendemos que há um esforço por parte dos autores em buscar trabalhar as variedades, mostrar seus tipos possíveis, diversificando os gêneros textuais e exemplos, embora pudesse haver mais material relativo a conversações reais e questionamentos mais incisivos a respeito da temática, que enfatizassem a reflexão sobre os usos, valor das normas e salientassem ainda mais o combate ao preconceito linguístico, mostrando-o mais palpavelmente como algo implicado de outros preconceitos, como o social, bem como seus maiores prejuízos à vida das pessoas, portanto, algo a ser recusado. Como afirma a BNCC (2018, p. 81), pensar enfaticamente sobre essas temáticas é necessário:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado.

Visto isso, no próximo tópico procuraremos observar como se desenvolve o trabalho com a variação linguística dentro de outros assuntos da língua ao decorrer dos capítulos do livro didático.

4.3 O tratamento indireto da Variação e do Preconceito Linguístico no Livro Didático

Para melhor progressão e entendimento da análise, a presente seção está subdividida em dois tópicos: no primeiro, realiza-se a análise das atividades que tratam da variação linguística e que aparecem “antes da seção específica”, ou seja, antes do capítulo dois e no início deste capítulo, antes da seção específica; no segundo tópico, há a análise das atividades que estão “depois da seção específica”.

4.3.1 Antes da seção específica

Com a observação inicial do livro de Ormundo e Siniscalchi (2018), desde o sumário, notamos que, a partir da página 22 do capítulo um, o livro já ensaia um tratamento da variação linguística a partir do estudo do gênero Diário, trabalhado como principal no capítulo. Separamos o box *Da observação para a teoria*:

Figura 12: Adequação linguística do gênero Diário

Da observação para a teoria

Em geral, o leitor de um **diário** é o próprio autor. Trata-se de um texto particular, íntimo, usado para registro pessoal, por isso a linguagem costuma ser mais descontraída, com palavras e frases simples, embora alguns autores tenham um estilo mais elaborado.

Quando publicados, os diários ganham leitores diversos, e sua linguagem e conteúdo podem sofrer alterações para se adequar a uma comunicação pública.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 22)

No box acima, vemos que os autores exploram a linguagem do gênero textual Diário, dizendo que ela é adaptada para ser descontraída, sendo assim menos monitorada, mas que às vezes também sofre alterações de elaboração quando esses gêneros são publicados. Deste modo, eles já introduzem sobre os gêneros textuais, as suas questões de adequação ao contexto e intenção da comunicação, que são fatores próprios à língua.

Mais à frente, na página 28, há o momento em que se pede a produção do gênero Diário.

Figura 13: Monitoramento da língua no Diário

A maioria dos alunos ainda não foi apresentada às ideias de linguagem monitorada, norma-padrão e variedades urbanas de prestígio, ou o foi de modo incipiente; por isso optamos, neste momento, por uma orientação acessível.

➤ Momento de produzir

Planejando meu diário

Leia, no esquema a seguir, informações e orientações que vão auxiliar você na redação do diário.

Da teoria para a...	... prática
O relato deve permitir ao leitor entender o que se passou. Isso é importante quando o diário é usado para registros que o próprio autor lerá no futuro e também quando se prevê a leitura por outras pessoas.	Apresente as principais informações relativas aos fatos que você quer destacar: quando e onde aconteceram, o que ocorreu e quais pessoas estavam envolvidas.
Os diários apresentam uma visão pessoal dos eventos.	Use a primeira pessoa e empregue palavras que revelem sensações e opiniões.
A linguagem de um diário espelha o estilo do autor . Pode ser mais descontraída ou mais formal.	Não se esqueça de que você está avançando em seus estudos e pode se comunicar com uma linguagem atenta às convenções da ortografia, à divisão dos parágrafos, à concordância etc.
Não há fórmula para compor o diário, mas alguns elementos costumam aparecer: data, vocativo e assinatura .	A referência ao diário como interlocutor pode ocorrer apenas no início e no fechamento ou, ainda, ao longo do texto, como fez Zlata. Se desejar, dê um nome ao diário.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 28)

Para essa produção, é ressaltado que os alunos se atentem ao estilo de escrita, que como dito, por ser um gênero pessoal, vai variar sua formalidade de acordo com o autor, temos então uma noção de *variação estilística*. Entretanto, os autores deixam claro que os alunos devem se atentar às convenções ortográficas, pois uma linguagem descontraída não necessariamente vai deixar de lado esse aspecto, o que é importante salientar, pois os alunos poderão atuar em contato com as variedades e também com o cuidado na organização de sua expressão, sendo assim um ensino mais flexível.

Há também uma explicação para o professor, que indica que essas abordagens iniciais no livro são mais acessíveis, como uma introdução aos alunos que podem ainda não ter tido maior contato com os conceitos de linguagem monitorada, normas e variedades urbanas de prestígio, posto isso, o livro demonstra um cuidado na inserção da temática, fazendo-a presente, entretanto de forma a não confundir ou dar muitas informações de uma só vez aos alunos.

Vejamos as páginas 32 e 33 do capítulo um, na seção *Mais da língua*:

Figura 14: Adequação da língua ao contexto

Mais da língua

Como nos comunicamos?

Como você viu, os diários de Marina e Zlata envolvem situações de comunicação diferentes: o primeiro é um texto íntimo, que a menina fez pensando nela mesma como leitora; o segundo também foi pensado assim a princípio, mas depois foi reorganizado para ser publicado e lido por muitas pessoas.

Nas próximas seções, você estudará o ato de comunicar, isto é, a maneira como interagimos uns com os outros.

Pra começar

Você já foi ao teatro? A foto a seguir mostra uma cena da peça *Pinóquio*, adaptada da obra do escritor italiano Carlo Collodi (1826-1890).



Cena da peça *Pinóquio*, da Cia. Le Plat du Jour, 2011. Direção de Alexandra Golik e Carla Candiotto. Produção de Cintia Abravanel.

Biblioteca cultural

Um novo modo de encenar os clássicos

A companhia teatral **Le Plat du Jour** existe desde 1992 e é conhecida por apresentar versões irreverentes dos clássicos da literatura infantil, como *Pinóquio* e *Chapeuzinho Vermelho*. As peças incluem mímica, dança e malabarismos. Conheça o trabalho das atrizes Alexandra Golik e Carla Candiotto no site oficial da Cia. Le Plat du Jour.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9131/19 de fevereiro de 1998.

- 1 Que objetos você vê na cena? Dois painéis azuis, com detalhes em branco, e um barco feito de madeira, papel e tecido, além dos figurinos dos personagens.
 - 2 Esses objetos levam o público a imaginar qual situação? Pessoas navegando no mar.
 - 3 Os figurinos (as roupas) dos personagens sugerem que eles estão no mundo real ou em um mundo imaginário? Por quê?
 - 4 Pela foto, você diria que é possível o público perceber que um dos personagens está satisfeito e o outro não? Explique.
 - 5 Em sua opinião, qual seria o tipo de público dessa peça? Por quê?
- 32 Provavelmente o público infantil, já que a peça é uma montagem da história de Pinóquio, destinada a crianças, e conta com cenário e figurinos bem coloridos e personagens que remetem ao mundo imaginário dos pequenos.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 32)

De forma simples, na página 32, os autores introduzem a discussão sobre a língua, tratando do tema da comunicação, nesse parágrafo inicial, eles explicam, mais uma vez, a partir da noção de adequação ao contexto e necessidades: a diferença entre escrever para si mesmo e a importância da reorganização para outros tipos de público, o que é um dos aspectos trabalhados na escola, desenvolver textos que sejam adaptados às variadas situações, podendo

assim atuar na troca social com mais êxito. Abaixo há uma fotografia com uma cena de teatro a ser explorada na próxima página, 33:

Figura 15: Diversidade da linguagem

O teatro é uma forma de arte que conta muito com a imaginação do público. Em geral, um cenário teatral não tem como objetivo reproduzir fielmente um espaço, como costuma ocorrer no cinema. Os espectadores precisam "completar" o que veem, imaginando, a partir dos elementos presentes no palco, o que seria uma casa inteira, um prédio, uma paisagem etc.

Na cena da peça fotografada, o **cenógrafo** usa apenas dois painéis azuis e cabe ao público imaginar um imenso mar. O **figurinista** escolhe roupas e acessórios bem coloridos para sugerir a existência de um mundo diferente do nosso. Os atores, por sua vez, exibem expressões faciais e corporais que traduzem sentimentos. Nos três casos, é a **linguagem** que possibilita a comunicação entre os artistas da peça e o público que assiste a ela.

A **comunicação** acontece pela interação dos **interlocutores** – pessoas envolvidas no ato comunicativo. Essa inter-relação ocorre em um **contexto**, nome que damos às circunstâncias que envolvem a interação (momento, lugar, intenções dos interlocutores etc.).

O fato de o público estar em um teatro assistindo a uma peça com uma história determinada cria o contexto necessário para que os painéis, os figurinos, as expressões faciais e os gestos sejam elementos de linguagem e comuniquem ideias específicas. Também o conhecimento prévio do público gera o contexto.


A linguagem nos dá inúmeras possibilidades de apreender e explicar o mundo, além de nos permitir criar outras realidades. É por meio dela que expressamos sentimentos, fazemos pedidos, procuramos convencer alguém a fazer ou a pensar algo, entre tantas outras ações.

A linguagem é diversa

Observe este anúncio publicitário produzido para uma campanha de preservação do meio ambiente.

A presença de aparente propaganda na seção se justifica de acordo com o Parecer CNE/CEB nº 15/2000, que diz que "o uso didático de imagens comerciais identificadas pode ser pertinente desde que faça parte de um contexto pedagógico mais amplo, conducente à apropriação crítica das múltiplas formas de linguagens presentes em nossa sociedade, submetido às determinações gerais da legislação nacional e às específicas da educação brasileira, com comparecimento módico e variado".

Que movimento você vai fazer? GREENPEACE. Filie-se.



Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

GREENPEACE/IMPRESSO

33

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 33)

Aqui, ao tratar sobre o teatro e seu mundo imaginativo, os autores frisam a linguagem como o que possibilita a comunicação, explicam assim como se dá ocorrência da comunicação

pelo processo de interação dos interlocutores e suas circunstâncias, tais como as intenções destes falantes, e explicando isso com base na noção de diversidade da linguagem, trazendo suas formas, como a verbal (falas e escrituras) e a não verbal (imagens, expressões faciais e corporais, movimentos etc). É uma reflexão base sobre a linguagem e a comunicação, a primeira possui a língua, a segunda necessita dela e de seus fatores intrínsecos. Sendo assim, o LD do 6º ano traz uma perspectiva da língua como um recurso de comunicação entre os falantes e a sociedade, que se faz dinâmico e diverso em suas práticas (OLIVEIRA, 2017).

Os autores também defendem que a linguagem serve aos indivíduos como forma de aprender a viver em sociedade, entender o que se vive e também modificar suas próprias realidades, tal é o poder da expressão. Os próprios PCNs (BRASIL, 2001, p. 24) já viam a língua nesse sentido de possibilidade de “significar o mundo e a realidade”.

Abaixo do texto sobre teatro, por um lado há uma pequena quebra de conteúdo, pois há a apresentação de um anúncio publicitário sobre preservação do meio ambiente, no entanto, na continuidade do texto na página seguinte, os autores continuam tratando da diversidade da linguagem, seus aspectos verbais e não verbais. Com isso, passemos à página 37, na qual os autores adentram na abordagem da língua em si.

Figura 16: Língua: cultura, história, identidade, variação

A língua: seleção e combinação

No futebol, o cartão vermelho é um elemento usado para indicar que um jogador foi expulso da partida. Ele é um sinal convencionalizado, isto é, combinado pelos usuários.

A **língua**, que é a maneira como realizamos a linguagem verbal, também envolve uma convenção. Quando ouvimos ou lemos a palavra *estrela*, por exemplo, sabemos que indica um corpo celeste. Em determinados contextos, também sabemos que o termo pode se referir a uma artista de destaque (a estrela da novela, por exemplo). Portanto, estabelecemos uma relação entre a palavra e o elemento representado por ela.

Para ser considerado falante de uma língua, entretanto, não basta conhecer o conjunto de palavras que a compõe e os sentidos que podem expressar. É preciso dominar também sua **gramaticalidade**, isto é, a maneira própria como as palavras são selecionadas e combinadas para formar as frases e os textos.

Veja o que acontece com o personagem desta tirinha do cartunista paraense José Aguiar.



1 Se alguém ouvisse a fala do segundo quadrinho, poderia compreendê-la? Por quê?

Não. As palavras e as sílabas estão embaralhadas.

2 O que causa estranhamento na fala do terceiro quadrinho?

A ordem em que as palavras foram colocadas.

Para criar o humor, o cartunista usou construções que não seguem a gramaticalidade da língua portuguesa e, por isso, expressam o sentimento de confusão.

Quando produzimos um texto, selecionamos, entre os termos da língua, aqueles mais adequados para o sentido que desejamos construir. Além disso, usamos regras de combinação das palavras, valendo-nos de um conhecimento de regras gramaticais que fomos adquirindo conforme aprendemos a falar.

A **língua** é um conjunto de palavras selecionadas e combinadas para formar enunciados, isto é, construções dotadas de sentido. Por se tratar de um recurso de comunicação e de um fenômeno cultural, a língua varia de acordo com o contexto histórico, social e de uso.

Boxe sobre língua – O conceito de língua é complexo, e este apresentado no boxe não pretende ser definitivo. Optamos por colocar o aluno em contato com o conceito gradativamente ao longo dos capítulos, conforme são feitas as relações entre língua e cultura e é apresentado o fenômeno da variação linguística.

37

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 37)

Como vemos, os autores explicam a convenção da língua: para a utilizarmos, é necessário conhecermos seu vocabulário, entretanto, indo de acordo ao que defendem os PCNs, não é necessário conhecermos apenas o vocabulário, mas seus significados (BRASIL, 2001, p. 24). Ormundo e Siniscalchi (2018) vão além e também defendem o conhecimento da gramaticalidade da língua.

Dito isso, segundo eles, o falante seleciona os termos adequados à sua produção textual fazendo combinações entre esses termos de acordo com o domínio das regras que aprendemos em nossos contatos linguísticos desde a infância, o que está de acordo com o pensamento de Bagno (1999), quando diz que o falante conhece e emprega de forma fluente a língua com suas

regras e o faz já desde a tenra idade no processo de aprendizagem, assim construímos com sentido os textos necessários às nossas comunicações.

Ormundo e Siniscalchi (2018) trazem ainda o conceito de língua e arrematam assim o pensamento sobre ela como construção de sentido, além do que introduzem de forma clara o tema da sua variação, em conformidade com a BNCC (2018) que indica a visão da língua como fenômeno da cultura, identitário, histórico, variável e dependente dos contextos de uso para tal.

Ainda nesse sentido, é explicado no livro, salientando-se para o professor, no comentário adjacente, que o conceito de língua é complexo e que não está sendo atribuído de forma definitiva neste box, mas que sua conceituação se dará em outras partes da obra, a fim de uma melhor compreensão dos alunos, bem como já citam que será apresentado o tema da variação linguística, vertente da língua. Vemos assim uma preocupação dos autores em não trazer uma conceituação fechada e concentrada em um só aspecto da língua, além da orientação acerca da variação, dando oportunidade de que os alunos possam ter uma compreensão mais ampla do assunto, ao longo dos gêneros trabalhados, que nada mais são do que exemplares dos usos diversos e variados que fazemos da língua.

Passemos agora ao capítulo dois, que possui como gênero principal a ser estudado o verbete. Na página 50, temos as seguintes questões do exercício *Desvendando o texto*:

Figura 17: Variação no gênero textual Verbetes

Fala aí! – Sugerimos que a atividade seja feita após a resolução e correção das questões de estudo do gênero. Trata-se de uma atividade complementar curta, mas produtiva do ponto de vista das habilidades relativas à oralidade. Reúna os alunos em grupos por cinco minutos para a discussão das respostas. Escolha um aluno para apresentar (sem ler) a conclusão a que chegou a equipe. Alunos de outros grupos devem, quando se encerrar o turno de fala, pedir a palavra para concordar, discordar ou complementar, sendo obrigatória a explicitação dessa relação por meio de formulações como “Discordamos do que foi dito porque...” ou “Gostariamos de complementar a ideia explicando...”. Aproveite para avaliar aspectos relativos às falas públicas: altura da voz e pronúncia, entonação, ritmo, pausas etc. É importante que percebam que um dicionário reúne o máximo de informações, respeitando os diversos usuários da língua. O dicionário precisa recolher palavras e sentidos na cultura de todos os participantes da comunidade linguística, e não apenas focar o grupo socialmente privilegiado.

5 Após a entrada do verbete aparece esta informação: (ca.ra).

a) Que informação é essa? *É a separação das sílabas da palavra.*

b) A entrada *colher* aparece duas vezes no dicionário:
colher (co.lher) *5b. A primeira é um substantivo e indica um tipo de talher; a segunda*
colher (co.lher) /ê/ *é um verbo e significa “coletar”.*
 Qual é a diferença de sentido entre as palavras?

c) O que significa o /ê/ que aparece na segunda entrada?

d) Qual é a importância da informação /ê/ para quem consulta o dicionário à procura do sentido de *colher*? *O leitor poderá reconhecer com mais facilidade a palavra que procura diferenciando o substantivo (som aberto) do verbo (som fechado).*

6 No verbete *cara* há vários exemplos.

a) Que símbolos indicam o início e o final de um exemplo?
Os sinais < (menor) e > (maior).

b) Para que servem os exemplos?
Eles contribuem para uma melhor compreensão do sentido e do uso da palavra.

7 Suponha que alguém que esteja aprendendo a língua portuguesa procure a palavra *cara* no dicionário.

a) Se a pessoa souber ler o dicionário, usará uma frase como “Meu ex-chefe era um cara muito eficiente” em uma entrevista de emprego? Explique sua resposta. *Não. A pessoa encontrará a informação de que cara é usada em contextos informais, como indica a abreviação *infrm.**

b) Essa mesma pessoa vai concluir que a expressão *com a c.* e a *coragem* será compreendida facilmente por alguém que fale o português angolano? Explique sua resposta.
Não. O leitor saberá que a expressão é usada no Brasil e, por isso, não será entendida facilmente por falantes de outros lugares.

5c. É uma indicação de que a letra *e* tem pronúncia fechada na palavra.

Fala aí!
 O sentido das palavras e das locuções é criado pela comunidade de falantes e não é fixo; muda conforme o tempo e o lugar. Qual é, então, a responsabilidade dos especialistas que escrevem dicionários? Reúnam-se em grupos e formulem uma resposta a ser apresentada oralmente.

Resposta pessoal.

Como funciona um verbete?

Agora você vai refletir sobre os dicionários, publicações que contêm os verbetes. Responda às questões.

1 Como as pessoas usam os dicionários? Eles podem ser lidos como se fossem romances ou contos? Explique. *Não; dicionários são usados para consulta. As pessoas não costumam lê-los integralmente e em sequência, como fazem com as narrativas.*

2 Suponha que você precise de dados sobre sapatos. Que tipo de informação poderia ser encontrado no mesmo dicionário em que está o verbete *cara*?
Separação de sílabas, aceções, informações gramaticais, locuções, usos da palavra.

3 Que dados ficam fora de um dicionário como esse?
Algumas informações não aparecem: quem (que povo) inventou o sapato, como o sapato evoluiu com o tempo, quais são os tipos de sapatos, relações do sapato com as demais vestimentas etc.

Da observação para a teoria
 O gênero textual **verbetes** tem função informativa e é usado para consulta. No caso do **verbetes linguístico**, o foco é a palavra: suas aceções, o sentido de locuções, informações gramaticais (pronúncia, classe gramatical, gênero, formação do plural etc.), uso social (formal, informal, regionalismo etc.) e, em alguns casos, mudanças da palavra ao longo do tempo. Os **verbetes enciclopédicos** apresentam informações relativas à “coisa” designada pela palavra: descrição, contextualização histórica, relação com um campo de conhecimento (física, dança, culinária etc.), entre outras.

REPRODUÇÃO AMPLIADA. At. 184 do Código Penal e Lei 9.870 de 19 de fevereiro de 1998.

FERNANDO JOSÉ FERREIRA

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 50)

Focalizaremos inicialmente na questão cinco, letra *b*, que traz a palavra “colher”, e questiona sobre a sua diferença de sentidos, explicando na sugestão de resposta que ela pode significar tanto um tipo de talher, como o verbo que tem o sentido de coletar. Dessa maneira, temos a variação no nível *semântico* sendo explorada. Nas letras *c* e *d*, são tratados os sons da letra “e”, na palavra *colher*, que tanto pode ser aberto, como fechado, o que vai se configurar como um tratamento do nível *fonético-fonológico*.

Passamos à questão sete, que faz referência a alguém que esteja aprendendo a língua portuguesa, pensando no seu uso do dicionário, fazendo a leitura do gênero verbete. A questão

a indaga sobre a palavra “cara”, contextualizada na frase “Meu ex-chefe era um cara muito eficiente”, se seria usada após a pessoa ter tido contato com seu significado, a sugestão de resposta dos autores explica que não, pois haveria no verbete a informação de que cara é para situações de uso informais.

Dessa maneira, ao explicar o gênero verbete, os autores esclarecem também sobre o grau de formalidade e informalidade da língua, sendo assim uma questão de *variação estilística* e de *variação social ou diastrática*, como já vimos, conforme Bagno (2021), as pessoas variam seus estilos de fala de acordo com o contexto e também certos grupos sociais executam variedades mais cultas ou mais populares, como nesse caso, popular. Temos ainda o nível de *variação lexical*, pela variação de “pessoa” ou “homem” por “cara”.

A questão b, por sua vez, continua a pensar na pessoa que estaria lendo o dicionário, e indaga se a expressão “com a c. e coragem” seria entendida facilmente por alguém que fale o português de angola, a sugestão de resposta diz que não, pois a pessoa entenderá que esse uso ocorre no Brasil e para outros falantes seria diferente, portanto mais complexo o seu entendimento, dessa forma, compreendemos que os autores trabalham com a *variação regional ou diatópica*, ao pensar na diferença entre os usos de expressões na mesma língua, de acordo com o lugar de origem dos indivíduos.

Há ainda uma pequena atividade no box *Fala aí!*, que propõe aos alunos que pensem sobre a responsabilidade dos especialistas criadores de dicionários, pelo fato de que o sentido das palavras vai de acordo com os falantes e sempre muda com o tempo e o lugar. Podemos identificar essa fala como uma abordagem à *variação histórica e a variação regional*, pois considera as mudanças nos usos ocorridas através da temporalidade, como vimos anteriormente, palavras que antes eram usadas e tinham um significado, hoje podem não ser mais usadas ou ter um novo sentido, da mesma forma, as variedades regionais comportam muitas vezes as mesmas palavras com sentidos diferentes.

Na dica sobre a atividade, os autores também explanam o respeito dos dicionários aos diversos usuários da língua, trazendo e pensando em palavras das diversas culturas dos falantes, sejam os mais privilegiados, sejam os mais estigmatizados, como sabemos, há que se erradicar essa estigmatização dos falantes e suas variantes, portanto, entendemos que as atividades são de cunho pertinente à reflexão sobre variação e também sobre preconceito linguístico.

Por fim, vemos no box *Da observação para a teoria* a conceituação sobre o gênero verbete, como trabalha com palavras, vai envolver em sua escrita fatores ligados às variedades, como pronúncias, formação do plural, grau de formalidade, regionalismo, contexto usado, etc, demonstrando assim como é amplo esse campo das palavras que formam a língua.


Na página 56, há um novo exercício relativo ao gênero verbete, *Refletindo sobre o texto*, do qual exploraremos alguns pensamentos das questões seis e sete.

Figura 18: Formalidade e informalidade no gênero Verbetes

Questão 6e – Ajude os alunos a notar que os verbetes têm um lugar social muito importante, porque registram e transmitem conhecimentos da sociedade. Estão ligados ao pensamento científico e a uma função instrucional. São contextos que exigem formalidade.

Questão 7e – Incentive os alunos a fazer comparações livremente, enquanto você anota as mais relevantes na lousa. Evidencie que os gêneros não são uma “fôrma” e podem variar para atender a objetivos diversos.

Da observação para teoria – As ideias de norma-padrão, de adequação linguística e de monitoramento da linguagem ainda serão apresentadas aos alunos. Optamos por fazer uma descrição acessível. A ideia de subjetividade foi introduzida na p. 22; verifique se ela foi compreendida.



VICENTE MEDONÇA

6 Releia o início do verbete, prestando atenção na linguagem.

“**Sapato** é a peça do **vestuário** que tem a finalidade de proteger os **pés**. Nos países frios, o **mocassim** e as **botas** servem como protetores e aquecedores para os pés, ao passo que, nos países mais quentes, usa-se mais a **sandália** e o **chinelo**, protegendo o pé, mas sem o abafar. Hoje, esta peça transcendeu sua finalidade inicial e serve como adorno e acessório de **moda**, tendo também uma função **social**.”

a) No primeiro parágrafo foi feita uma comparação. O que está sendo comparado? *A função dos sapatos em países quentes e frios.*

b) Que locução foi usada para indicar que estava sendo feita uma comparação? *Ao passo que.*

c) Na oração “mas sem o abafar”, que palavra é retomada pelo pronome *o*? *Pé.*

d) Observe as palavras usadas para formular a explicação. Em seu caderno, forme pares relacionando o termo menos usual que foi empregado a outro mais comum que tenha o mesmo sentido. Exemplo: *finalidade* – objetivo.
I. **vestuário** – roupa II. **transcendeu** – ultrapassou III. **adorno** – enfeite

e) Considerando as respostas anteriores, conclua: a linguagem usada no texto é formal ou informal? Em sua opinião, por que os produtores de verbetes optam por esse nível de linguagem? *Formal. Resposta pessoal.*

7 Releia o verbete.

a) De que maneira os verbetes enciclopédicos contribuem para os estudos e a pesquisa? *Os verbetes são documentos que registram o conhecimento existente e reúnem várias informações, favorecendo a pesquisa e os estudos.*

b) Nesse verbete, predomina a descrição do objeto, a exposição de conteúdos ou o relato de fatos? *A exposição de conteúdos predomina no verbete.*

c) Releia um trecho do verbete, observando a palavra que acrescentamos em destaque.
*Nesta época os africanos escravizados eram **inacreditavelmente** proibidos de usar sapatos, mas, quando conseguiam a liberdade, compravam um par de calçados como símbolo da nova condição social.*
Qual é o sentido da palavra **inacreditavelmente** nesse contexto?

d) Explique por que a versão original, sem essa nova palavra, é mais adequada.

e) Leia agora este verbete de um dicionário infantil.
Alegria: É a felicidade que se espalha quando conseguimos o que queremos e nos faz bem. Não dá para ficar contente com o que nos faz mal, nem ficar alegre sozinho, por isso a alegria se esparrama, esbanja graça e a todos enlaça.
ADRIANA ROCCO. Dicionário psicológico para crianças. Porto Alegre: AGE, 2013. p. 12.
Que diferenças você observou em relação ao verbete da Wikipédia?

Da observação para a teoria

No **verbetes**, predominam sequências descritivas e expositivas e não são expressos sentimentos e opiniões. Em geral, emprega-se linguagem formal e evitam-se desvios em relação às formulações consideradas cultas. Em algumas situações específicas, como quando se destina ao público infantil ou juvenil, pode se valer de expressões informais e marcas de subjetividade, empregadas como estratégia para se aproximar do leitor.

7c. Inacreditavelmente, inconceivelmente.
7d. A finalidade de um verbete é apresentar informações sem emitir opiniões e impressões.
7e. Resposta pessoal. Sugestões: ele não explora o conteúdo detalhadamente; a linguagem é menos formal, como sugere a expressão “não dá”; há uso de primeira pessoa (“conseguimos”, “queremos” e “nos”); a abordagem é subjetiva, ou seja, está embasada em percepções pessoais.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 56)

A questão seis traz o início do verbete trabalhado, focalizando a sua linguagem. A questão e, aparece com teor de *variação linguística estilística*, mais uma vez abordando o grau de formalidade da linguagem, que, conforme percebemos, tem caráter formal, o que é explicado pela dica ao lado, que defende a maneira geralmente formal dos verbetes, para que repassem o conhecimento linguístico, podemos notar também o olhar para o nível de *variação pragmático*.

Na letra *d*, temos o pedido de observação de palavras usadas na explicação do verbete, para que sejam formuladas palavras com o mesmo sentido delas, como “vestuário – roupa”, tendo assim um estudo sobre o nível de variação *lexical*.

A seguir, na questão sete, a letra *e* traz um trabalho com verbete de dicionário infantil, ressaltando que ele possui menos detalhes no conteúdo e também se dá com linguagem mais informal, a partir de expressões como “não dá” e subjetividade por parte do escritor. Portanto, temos mais um caso de *variação estilística*, visando o público e o contexto dos leitores infantis.

Ao final, temos mais um box *Da observação para a teoria*, no qual se explica mais sobre o gênero verbete, reafirmando seu uso mais frequente da língua formal e que “evita desvios em relação às formulações consideradas cultas”. Entendemos assim que é importante demonstrar que a escrita de certos gêneros necessita ter um cuidado maior, seguir uma variedade culta, mais próxima ao que defende a normatividade gramatical, entretanto, seria importante explicar melhor essa questão de “desvios”, para que não se caia em um conceito que se leve a uma situação de estigmatização ou discriminação das variedades consideradas populares como se fossem desvios ou simplesmente erros, conforme visto em Faraco (2008).

Em seguida, os autores voltam a comentar sobre a flexibilidade da linguagem caso a leitura se destine ao público mais jovem, como uma forma de aproximação a esses leitores, isto é, uma *variação de estilo*, visando a integração ao contexto para se fazer entendível.

4.3.2 Após a seção específica

Agora, observaremos com mais atenção as páginas 91, 92, 93 e 95 no capítulo três, que trabalha o gênero textual História em Quadrinhos.

Figura 19: Variação no gênero textual Entrevista

A escrita e a fala são duas modalidades da língua. Existem particularidades que as diferenciam.

O planejamento da fala e da escrita

O trecho a seguir é a transcrição de parte de uma entrevista concedida pelo animador brasileiro Leo Santos, da Disney/Pixar, ao jornalista Paulo Gustavo Pereira, editor-chefe da BESTV, a respeito do filme *Divertida Mente*.

[...]

Paulo Gustavo Pereira: O que que foi mais di... mais interessante, mais divertido fazer no *Divertida Mente*?

Leo Santos: Eu, eu sempre quis fazer esse filme por causa... basicamente por causa do estilo. Eu gosto do diretor pra caramba. Ele tem um estilo que eu gosto, que é animação dos anos 50, música de jazz e tudo mais... Então, ele traz esse, essa, esse sabor para os filmes dele, que são o *Monstros S.A.* e o *Up!* E... eu sempre gostei muito, então eu, tipo assim, assim que me deram a opção de escolher qual filme que eu ia fazer, eu falei “Eu quero aquele filme”.

PGP: Te deram a opção?

LS: Sim, sim, sim.

PGP: Os caras falaram “Oh, vem cá! Você é do Brasil. Pode escolher o que você quiser”?

LS: Porque tem... é... é... tem muitos filmes em produção agora. Assim... tipo... tem o *Bom dinossauro*, tem o *Procurando Nemo*. Então... tipo... nesse caso aqui apareceu a oportunidade: “Qual é o próximo que você quer fazer?”. Ai eu falei: “Eu quero trabalhar nesse aqui porque é... é... é a minha praia, assim...”.

[...]

Transcrição de vídeo de entrevista com Leo Santos, animador da Disney/Pixar: de 1:37 a 2:20. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FR-Dp43hEGQ>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

Peça à turma que faça a leitura silenciosa para observar as marcas usadas na transcrição. As questões podem ser respondidas de modo oral e coletivo.

As transcrições procuram reproduzir as características da fala, por isso no texto são anotadas as pausas, as repetições, os sons alongados, as palavras ou orações que ficaram incompletas etc.

Situações de interação face a face, com troca de turnos, costumemente exigem um planejamento mais acelerado e podem resultar em um monitoramento imperfeito da língua. Se achar conveniente, comente isso com os alunos, apontando eventuais desvios em relação ao uso recomendado.

91

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 91)

Trata-se de mais uma seção *Mais da língua*, na qual se aborda a escrita e a fala enquanto modalidades da língua que se diferenciam e que exigem planejamento. Como visto, os PCNs defendem que a língua não seja vista como mais próxima da modalidade escrita, devemos saber que ambas as modalidades têm importância e seus estudos devem ser aprimorados (BRASIL, 1998, p. 29). Na página 91, está sendo apresentada uma transcrição de parte de uma entrevista de um animador brasileiro a um jornalista, sobre um dos filmes que animou. Percebemos, por parte dos dois interlocutores, o uso de pausas, variedades de expressões (“é...é...”, “caras”, “tipo assim”, “minha praia”) e descontração, o que apontamos como a presença da variação no nível pragmático e do tipo *diamésico*.

Há uma explicação ao lado que diz que a interação face a face e com troca de turnos como essa entrevista exigem planejamento rápido, por isso o monitoramento pode não sair tão regrado quanto uma comunicação escrita pode sair. O final da explicação novamente aborda o fato de possivelmente apontar junto aos alunos “eventuais desvios ao uso recomendado”, o que deixa em dúvida a respeito do tratamento da língua dado pelo manual: Qual o intuito de apontar “desvios”? Seria pensado em explicar o teor do que chamam desvios, como informalidade e

algo normal do uso da língua ou há um viés de seguimento da norma-padrão que não aceita desvios? Seria importante esse cuidado para não cair em eventual ensino de norma curta, que traz a norma-padrão como forma de controlar os usos linguísticos falados e escritos pelas pessoas (MARTINS; VIEIRA; TAVARES, 2021, p. 11).

Na página 92, temos a continuação da reflexão:

Figura 20: Fala e escrita e o monitoramento da língua

Para evidenciar algumas características das modalidades em estudo, peça aos alunos que comparem o trecho da transcrição da entrevista e a reformulação ao lado e citem as diferenças.

Nas interações imediatas – bate-papo, entrevista, conversa telefônica etc. –, os falantes precisam construir sua fala rapidamente porque o interlocutor está esperando para tomar para si o **turno conversacional**, isto é, para começar a perguntar, a responder ou a apresentar novas ideias.

O planejamento da fala conta com um tempo bem pequeno, ou seja, o falante não pode demorar muito para construir seu texto. Como consequência, as falas são marcadas por hesitações, repetições, pausas e correções, pois o falante está procurando a maneira mais eficiente de comunicar suas ideias. Essas são **marcas** típicas da oralidade.

Já nas situações de escrita, o leitor não tem acesso ao processo de formulação do texto. Quem o escreve pode corrigir aquilo que não ficou claro, eliminar repetições, reorganizar a ordem das palavras, entre outras intervenções, e o texto só será lido quando o autor estiver satisfeito com a maneira como expressou suas ideias. Há, na escrita, um tempo maior de planejamento. Observe uma sugestão de como poderia ser escrita a terceira resposta do entrevistado no trecho transcrito:

Há muitos filmes em produção agora: o Bom dinossauro, o Procurando Nemo. Assim apareceu a oportunidade. Perguntaram-me: "Qual é o próximo que você quer fazer?". Eu respondi que trabalharia nesse porque era a "minha praia".

Essa diferença não significa, contudo, que a modalidade oral seja mais descontraída que a escrita e vice-versa. Algumas situações de fala são **formais** e exigem um uso cuidadoso da linguagem, com vocabulário mais preciso, frases mais complexas e maior monitoramento em relação ao uso das variedades urbanas de prestígio. Por outro lado, há situações de escrita **informais**, em que se nota um uso mais descontraído da língua.

As particularidades que diferenciam a língua escrita da língua falada são produzidas, principalmente, por diferentes **tempos de planejamento e formas de interação**.

O uso **monitorado** da língua caracteriza-se pela maior atenção à maneira de formular o texto, o que costuma ser mais comum nas situações de comunicação formais.

92

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 92)

O texto esclarece mais uma vez, pensando no que diferencia as modalidades linguísticas, sobre o planejamento mais rápido e muitas vezes menos monitorado das interações orais e o maior tempo de planejamento da escrita, em que se pode monitorar melhor a língua. No entanto, Ormundo e Siniscalchi (2018) deixam claro que apesar dessa distinção, a modalidade falada não é mais descontraída ou a escrita é mais formal, isso depende da situação de comunicação, há falas que exigem mais formalidade, monitoramento, atenção às palavras e à variedade urbana de prestígio ao formular o texto e escritos com menos monitoramento e mais informais, assim, os autores estão de acordo com o esclarecimento de Bagno (2021), que defende que há gêneros tanto orais quanto escritos que caminham tanto sob a linguagem formal, quanto sob a linguagem informal.

Nesse viés, na página 93, há uma tabela com exemplos dos usos da língua escrita e falada.

Figura 21: Usos formais e informais da língua falada e da língua escrita

Observe alguns exemplos de uso da língua falada e da língua escrita na tabela a seguir e reflita sobre suas diferenças e semelhanças.

	Língua falada	Língua escrita
Informal	Bate-papo presencial <ul style="list-style-type: none"> • Troca rápida dos papéis de falante e de ouvinte • Fala produzida no momento da conversa, sem planejamento • Uso descontraído da língua 	Troca de mensagens entre amigos pelo celular <ul style="list-style-type: none"> • Troca rápida dos papéis de quem envia e de quem recebe as mensagens • Planejamento rápido • Uso descontraído da língua
Mais ou menos formal	Entrevista com personalidade da política <ul style="list-style-type: none"> • Troca constante dos papéis de falante e de ouvinte • Fala produzida no momento da conversa, sem planejamento • Uso monitorado da língua 	Letra de música popular <ul style="list-style-type: none"> • Produção do texto sem interação com o leitor/ouvinte • Planejamento longo • Uso descontraído da língua
Formal	Palestra para profissionais da saúde <ul style="list-style-type: none"> • Texto produzido pelo palestrante sem interrupção • Fala produzida no momento da interação, com planejamento anterior • Uso monitorado da língua 	Reportagem sobre economia <ul style="list-style-type: none"> • Texto produzido sem interação com o leitor • Planejamento longo • Uso monitorado da língua

III e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 93)

A tabela traz a noção de como os gêneros orais e escritos podem caminhar entre o uso monitorado ou formal e o uso descontraído ou informal, provando que essas modalidades não são estanques a esse respeito, assim demonstrando o que foi colocado por Bagno (2021), os gêneros orais e escritos estão em um *continuum*, por isso formalidade e informalidade perpassam ambas as modalidades. Apreendemos também assim que os autores trabalham nessas exposições com as *variações estilística ou diafásica* e a *diamésica*, por demonstrar que os falantes optam pela variedade de acordo com a situação de fala e também que os gêneros orais e escritos vão comportar diferentes variedades, assim como vimos na transcrição, apresentados os níveis de variação *lexical e sintática*.

Temos ainda o nível de variação *pragmático*, não vislumbramos os exemplos, mas o verificamos pensando nas classificações de formalidade/informalidade da língua, a depender dos fatores de intimidade entre os falantes e do gênero e meios pelos quais se desenvolve a comunicação.

Observemos agora, no capítulo três, página 95, na questão três do exercício *Língua falada e língua escrita na prática*, o teor da transcrição do trecho da reportagem da TV Cultura paraense sobre a participação da equipe do estado em campeonatos de Kung Fu, bem como as dicas adjacentes à questão:

Figura 22: Variação no gênero textual Reportagem

- 3** Leia agora a transcrição de um trecho de reportagem da TV Cultura do Pará sobre a participação da equipe paraense no 9º Campeonato Brasileiro de *Kung Fu* e no 10th Hong Kong International Wushu Competition 2015.

[Repórter em off] Uma paixão que saiu das telinhas para a vida real. Cada vez mais o *kung fu* vai ganhando espaço aqui no estado. Em 2012, surgiu a primeira liga paraense da modalidade. Mas você sabe o que é essa arte marcial chinesa? Quem explica é o professor Pablo.

[Pablo Silva] O principal objetivo do *kung fu* é o autocontrole e o autoconhecimento. Se você se conhece, se você sabe... é... é... pra onde movimentar e como movimentar o seu corpo, você tem completo controle sobre o oponente, sobre o inimigo... É uma arte marcial que d... d... é... é... enfatiza a defesa pessoal, mas o principal objetivo é se autoconhecer.

[Repórter em off] Os movimentos do *kung fu* chamam a atenção, assim como a possibilidade de servir como técnica de defesa pessoal. Mas praticar essa arte marcial milenar requer muita atenção, esforço e muita dedicação.

[Pablo Silva] O *kung fu* tá dividido em duas vertentes, né? O tradicional e o moderno. O moderno é... é o que tá sendo mais divulgado na mídia. Tem muitos saltos, lutas... é... é... com muitas acrobacias, né?, e isso chama muito a atenção dos jovens, né? Veem que podem executar esses movimentos mais acrobáticos e acabam vindo pra academia buscando isso.

[...]

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=z8raZG9aRs4>>.

Acesso em: 13 jun. 2018.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 95)

Situações de interação face a face, com troca de turnos, costumemente exigem um planejamento mais acelerado e podem resultar em um monitoramento imperfeito da língua. Se achar conveniente, comente isso com os alunos, apontando eventuais desvios em relação ao uso recomendado. Mencione também que nenhum falante deve ser censurado em razão da variedade linguística que emprega, mas é interessante que possa se apropriar de construções mais adequadas a situações de fala formais. Essa discussão foi iniciada no volume do 6º ano e deve ser retomada sempre que for oportuno.

Aproveite a correção para avaliar a aprendizagem da segmentação de frases e para verificar como o recurso expressivo (as reticências) foi relacionado ao sentido produzido pelo texto.

Como vemos, a transcrição traz a conversação dos participantes na íntegra, conforme defendido por Bagno (2021), sendo assim um ponto positivo, pois há a possibilidade de atestar a *variação diamésica* no sentido da língua veiculada ao gênero oral, percebendo que tais gêneros também podem comportar o grau de formalidade, como visto nas falas, não tão somente ocorrem na informalidade como se pensa, confirmando o que disse Bagno (2021), os gêneros orais e escritos se dão ambos tanto na formalidade como na informalidade.

Podemos também perceber ainda na questão do monitoramento da fala, como o repórter e o entrevistado utilizam-se das variedades em graus diferentes de monitoramento, ambas intentam caminhar pelo viés culto para atuar no evento de comunicação entrevista, embora notemos que o repórter consegue ater-se mais ao monitoramento, e o entrevistado demonstra mais variação entre o formal e o informal em sua fala. Ambos praticam, dessa forma, a chamada *variação estilística*, conforme visto em Bagno (2021). Podemos considerar também, nesse sentido, o nível de *variação pragmático*.

Atentando-nos agora a nota adjacente em rosa logo acima, vemos que Ormundo e Siniscalchi (2018) preocuparam-se em propor aos professores que expliquem aos alunos os usos variados da língua, ao passo que tratam da situação de comunicação oral e os desdobramentos da mesma, que nem sempre permite o monitoramento mais formal sem nenhum sinal de informalidade, como percebemos na entrevista trazida na questão trabalhada. Os autores oferecem ao professor a possibilidade de “apontar os desvios em relação ao uso recomendado”, como professores atentos às concepções sociolinguísticas, muitos podem compreender o teor da sugestão, entretanto, seria importante que fosse mais clara, ou mesmo em outros termos, pois o que seriam esses “desvios”? E o que seria esse “uso recomendado”? Tais palavras podem soar como parte de um ensino de norma curta, focado em apontar erros e que recomenda um uso de padrão normativo, conforme as palavras de Faraco (2015), sendo assim segundo o mesmo uma forma de ensinar sem flexibilidade e que acaba por incapacitar os falantes da língua.

Em seguida, Ormundo e Siniscalchi (2018) trazem uma sugestão mais moderada e clara, defendendo o respeito por meio da não censura aos falantes de diferentes variedades linguísticas, propondo assim que essas variedades são sim válidas e devem ser consideradas. Explicam ainda a importância da apreensão da adequação das variedades às situações de comunicações formais/informais, o que seria algo relacionado a aprendizagem escolar, como já tratado aqui, o ensino de língua deve trazer as condições necessárias para uma aprendizagem das diversas variedades, e também ajudar com a apropriação das variedades mais formais, as quais os alunos teriam menos contato fora da sala de aula.

Ainda no capítulo três, no exercício *Língua falada e língua escrita na prática*, na página 97, observaremos o seguinte box:

Figura 23: Atividade sobre variação fonético-fonológica

A língua nas ruas

Você já reparou que alguns moradores do Brasil nascidos e criados em outros países pronunciam os sons da língua portuguesa de maneira diferente daquela dos que nasceram e cresceram aqui? Mesmo sabendo usar determinada palavra no contexto adequado, o sotaque evidencia que a pessoa não é um falante nativo do português.

Com seu grupo, entreviste um imigrante para saber as maiores dificuldades dele no aprendizado e no uso da língua portuguesa. Peça autorização para gravar estas palavras pronunciadas por ele: *você, coração, leite, acerto, cola, carro e milho*. Leve o material para a sala de aula para partilhar suas observações com os demais colegas. Não se esqueça de anotar o nome do entrevistado, o país de origem e a língua nativa dele.

A língua nas ruas – Como estratégia, sugerimos que sejam anotados na lousa o nome dos entrevistados, o país de origem e a língua de cada um. Depois, cada grupo poderá relatar o conteúdo da entrevista feita e reproduzir as palavras gravadas. A intenção da atividade não é desenvolver um conhecimento específico de fonética e fonologia, mas estimular os alunos a observar o uso efetivo da língua. Espera-se que percebam que o sistema que relaciona letras e fonemas não se mantém idêntico em todas as línguas, mesmo quando elas têm uma origem comum.

97

O box, intitulado *A língua nas ruas*, busca explicar que pessoas de outras nacionalidades que habitam o Brasil e falam o português, costumam ter uma pronúncia das palavras, sons de nossa língua, distinta da forma que nós, brasileiros natos, temos. Propõe também que os alunos entrevistem imigrantes sobre o aprendizado e o uso do português que fazem. Conforme também assinalam os autores, a intenção é observar os usos efetivos da língua, no qual o sistema de letras e fonemas nem sempre é igual. Temos assim um trabalho com a variação no nível *fonético-fonológico*, pensando as maneiras de pronúncia dos falantes, o que deveria ser bem explorado em questões de preconceito também, seja relacionado aos estrangeiros em território brasileiro, como ao preconceito à própria linguagem dessas pessoas, que deve ser respeitada e tratada como variação linguística normal.

Temos, na página seguinte, 98, a seção *Isso eu já vi – Os fonemas e as letras*, da qual observaremos o enunciado.

Figura 24: Regras para escrita e variação na pronúncia das palavras

As unidades mínimas de som da língua são chamadas de **fonemas**. As **letras** são as representações escritas dos fonemas. Pronuncie em voz alta algumas palavras e observe a correspondência entre sons e letras.


hoje: a letra *h* não representa nenhum som
barro: duas letras representam um único som
táxi: uma letra representa dois sons
exame e **azar**: letras diferentes representam o mesmo som
caixa e **exercício**: a mesma letra representa sons diferentes

As letras usadas para representar os sons seguem **regras ortográficas**, que garantem que as palavras sejam escritas da mesma forma por todas as pessoas, independentemente da maneira como os sons da língua são produzidos nas várias regiões do Brasil.

O quadrinista Diogo Salles decidiu escrever "paulixta" (com *x*) porque quis representar a maneira como os cariocas pronunciam o *s* em certas palavras. Contudo, esse é um uso excepcional, realizado para produzir determinado efeito. As regras ortográficas preveem uma única forma de representação dos sons de cada palavra.

Faça as atividades a seguir para estudar esse tema.

Os fonemas são representados entre barras inclinadas. Esse tipo de representação é usado para distingui-los das letras.



Reprodução proibida
© DIOGO SALLES

Aqui, os autores esclarecem o que são os fonemas enquanto unidades de som e as letras como suas representações escritas, explicando que há regras ortográficas que orientam a escrita das palavras, para que todos os falantes possam acompanhar a mesma forma ao escrever, mas, reconhecem que a produção do som, a pronúncia das palavras pelas pessoas nas regiões do país, podem ser distintas, portanto, entendemos assim que haja diferenças na língua, neste caso as variações *fonético-fonológicas*.

Os autores não tendem a defender que haja uma imposição de regras nesses casos, nesse sentido, entendemos que cabe à escola encontrar formas de fazer o alunado compreender os caminhos para uma boa escrita e desenvoltura da oralidade, sejam comunicações mais formais ou como aprimoramento das comunicações menos formais, mas de forma que seja previsto, conforme trouxe Faraco (2008), uma flexibilização maior da norma, como vem ocorrendo nas abordagens de alguns linguistas: uma “norma gramatical”, que não deixa de lado os pressupostos gramaticais, mas que também pensa na língua real utilizada pelos falantes, diminuindo os preconceitos, como aqui no caso, acerca das falas, das pronúncias das pessoas.

Assim, como compreendemos, as regras ortográficas sempre existirão para organizar, mas que entendamos que quando a fala do outro diferir, isso não significa que esteja errado, é apenas um uso normal da língua. Diante disso, passemos ao capítulo quatro, página 131, na questão dois do exercício *Flexão e variação do substantivo na prática*, no qual é trabalhado o gênero textual Tirinha:

Figura 25: Variedade popular e preconceito linguístico

2 Leia esta tirinha do paranaense Will Leite.



- a) Embora inadequado no contexto da tirinha, o substantivo feminino *grama* também existe. O que ele significa?
- b) Qual recurso foi usado pela mulher, no segundo quadrinho, para mostrar que, naquele caso, o termo é masculino?
- c) Considerando a correção feita pela mulher, como o açougueiro deveria formular sua fala caso o excesso de peso fosse o dobro do indicado?
- d) Suponha que o excesso tivesse sido a metade do que foi indicado no primeiro quadrinho. A ideia para a construção dessa tira continuaria válida? Justifique sua resposta.
- e) Como *grama*, algumas outras palavras costumam causar dúvida quanto ao gênero. Qual é o gênero recomendável para as palavras *dó*, *alface*, *cal*, *eclipse*, *dinamite* e *sentinela*?
- f) Pode-se dizer que a reação irritada do açougueiro resultou apenas da correção gramatical feita pela mulher? Por quê?
- g) Procure os verbos *cuspir* e *guspir* em um dicionário. A informação dada pela cliente está correta? Justifique sua resposta.

2a. A *grama* designa ervas que formam jardins, pastagens etc.

2b. Ela empregou o artigo o antes de *grama*.

2c. *Passou quatrocentos grammas*.

2d. Não. Caso o excesso fosse de cem grammas, não haveria distinção entre masculino e feminino; logo, a mulher não poderia corrigir o açougueiro.

O significado de alguns substantivos muda conforme o gênero. Isso ocorre com os pares o *grama* – a *grama*, o *caixa* – a *caixa*, o *lotação* – a *lotação* etc.

2e. Femininas: a *alface*, a *cal*, a *dinamite*, a *sentinela*; masculinas: o *dó*, o *eclipse*.

2f. Não. A irritação veio também do fato de a mulher não ter aceitado a quantidade de carne que excedeu o pedido.

Fala aí!

Há situações em que pessoas irritadas têm atitudes inaceitáveis para um bom convívio social, como cuspir em algo ou em alguém para se vingar de uma reclamação. Você conseguiria indicar outros casos em que algo parecido pode ocorrer? Por que ações assim são condenáveis?

Questão 2c – Comente com os alunos que não foi feita a concordância entre *duzentos grammas* (plural) e *passou* (singular). De acordo com a norma-padrão, a fala deveria ser *Passaram duzentos grammas*.

Questão 2g – Comente com os alunos que, apesar disso, o uso da palavra *guspir* é constatado na fala como variação popular em situações informais.

131

Fala aí! – Podem ser citadas discussões ofensivas no trânsito, por exemplo. Enfatize aos alunos que, em uma sociedade saudável, as pessoas procuram agir com tolerância e de modo condizente com a civilidade e a boa educação. Essa é a forma de evitar situações de violência, que geram consequências negativas para todos.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 131)

A tirinha retrata uma situação de compra de carne no açougue, na qual o açougueiro, ao indicar a quantidade de peso do alimento, acaba formulando construções que não estariam de acordo com os moldes normativos, quando usa “duzentas grammas” ao invés de “duzentos grammas” e “guspir” ao invés de “cuspir”. O estudo em si vai tratar da flexão ligada aos

substantivos, mas acaba trazendo também questões de variação linguística, ao passo que tais construções são corriqueiras na fala de muitas pessoas. Notamos a variação no nível *semântico*, por meio da palavra “grama”, com diferentes significados, o que é abordado na letra *a* da questão dois e no quadro explicativo existente na atividade, que traz também outros exemplos de palavras no campo semântico.

Em geral, podemos ver, ao observar a tirinha, a situação incômoda que se revela no semblante e nas palavras do açougueiro, com as correções descontextualizadas da compradora, constrangimentos públicos que ocorrem no cotidiano por parte de pessoas que consideram as formas de falar do outro como erradas (FARACO, 2008). A personagem, assim como muitas pessoas, não estava ali em uma situação de ensino-aprendizagem, além do que, se estivesse, deveria fazer uma abordagem mais cuidadosa e embasada, pensando nos fatores que levam a pessoa a expressar-se de tal maneira, qual norma ela segue, e de forma que respeitasse essa variedade falada pelo sujeito, não como um erro em contraposição ao “correto”, pois, como visto em Faraco (2008, p. 36), “Se um enunciado é previsto por uma norma, não se pode condená-lo como erro com base na organização estrutural de uma outra norma [...]”.

Portanto, há de se refletir cuidadosamente com os alunos sobre este exercício, para que esses não reproduzam as falas da compradora de tal maneira, vejam se realmente cabe fazer tais correções ou apenas respeitar, e saibam compreender, se caso estiverem no lugar do açougueiro, que não devem se envergonhar de sua variedade, e que falar dentro de uma norma-padrão a todo momento não é uma obrigação, portanto coerções a isso não estão a serviço de uma verdade absoluta.

Nas dicas adjacentes sobre as questões, vemos que os autores se preocupam em demonstrar aos professores que expliquem aos alunos questões de concordância e a qual norma ela se refere, assim o professor deverá expor de forma que os alunos entendam como cada norma atua, entretanto, sem classificá-las como melhor ou pior, é o que vemos ainda na segunda dica abaixo, em algumas variedades populares essa palavra (guspir) tem uso normal, ou seja, é válida para uma norma de uso concreto e recorrente pelos falantes de uma comunidade (MARTINS; VIEIRA; TAVARES, 2021), que não corresponde ao molde padrão, mas que deve ser considerada pois serve de instrumento de comunicação tal qual “cuspir”, visto que, a própria compradora entendeu o que o rapaz queria dizer.

Dessa forma, entendemos que a atividade proposta deve ser trabalhada enfatizando tais pontos acerca da correção, e das normas, para que não se reproduza o preconceito linguístico por meio dela, por confusões entre o normativo e a língua como um todo. Conforme ressalta Bagno (1999, p. 9), “O preconceito lingüístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi

criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. [...]”, sendo importante a reflexão completa, entendemos assim a postura do professor como cientista da língua, tal qual indica Faraco (2008, p. 36): “[...] o linguista não pode escapar da tarefa de desenvolver instrumentos descritivos adequados para dar conta das diferenças de organização estrutural entre as muitas normas de uma língua. Os fatos não lhe autorizam optar pela solução simples do conceito de erro”. Portanto, não cabe apenas ensinar sobre a concordância dos substantivos, mas ensiná-la e de forma crítica, para que se evite qualquer injustiça que possa acontecer a respeito dos falantes da língua.

Vimos, nesse sentido, a mostra da nuance do preconceito que pode ser destinado às variedades, visando esclarecer e subsidiar o professor a ampliar a discussão, porque muitas pessoas ainda têm dúvidas a respeito do que seja preconceito linguístico e até mesmo que o praticam, pois parecem achar que a “correção” feita de qualquer maneira e o “humor” sobre as variadas falas é algo normal e corriqueiro no dia-a-dia.

Nessa linha, observando o estudo, aguardamos mais ênfase na explicação do que seja o preconceito linguístico, ou até exemplos mais claros, no texto e nas questões práticas, segundo receita Lima (2021), que essa ênfase ocorra de forma que as pessoas entendam que não devem utilizar-se de práticas discriminatórias a respeito da língua de quem quer seja. Entretanto, entendemos que em suma, seguindo ainda o que diz esse citado autor, o livro busca trazer o conhecimento e o respeito às variedades, defendendo-as, mostrando como ocorre de forma natural e não se tratam de erros, mesmo com a importância da adequação linguística.

Passemos agora às páginas 132 e 133, no capítulo quatro, que trabalha o gênero relato de experiência, observaremos a questão quatro do exercício *Flexão e variação do substantivo na prática*:

Figura 26: Fragmento de Notícia**4** Leia o fragmento de uma notícia sobre a 90ª edição do Oscar.

A forma da água, narrativa fantástica de Guillermo del Toro sobre o relacionamento amoroso de uma faxineira muda com uma criatura anfíbia amazônica capturada e levada para um laboratório secreto americano durante a Guerra Fria levou as estatuetas de melhor filme, diretor, trilha sonora e direção de arte.

Claramente um filme sobre cidadãos oprimidos por sua posição social, mas que não se rendem nem abrem mão de seus sonhos e sua ética, *A forma da água* recebeu 13 indicações, incluindo a de melhor roteiro original.

Disponível em: <<https://www.uai.com.br/app/noticia/cinema/2018/03/05/noticias-cinema,223238/a-forma-da-agua-leva-oscar-de-filme-e-diretor-para-guillermo-del-to.shtml>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

com o masculino de -is, e da segunda, com a troca de -l por -is.



132

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 132)

Figura 27: Flexão de palavras e a norma-padrão

4a. O fragmento destaca que o filme tem uma mensagem social, já que fala de cidadãos que lutam contra a opressão, sem desistir.

- O fragmento sugere que *A forma da água* não é um filme que busca apenas divertir. Como isso se evidencia?
- Que palavra o produtor da notícia emprega para sugerir que a interpretação que faz da obra não é discutível? **Claramente.**
- Após o título *A forma da água*, há uma longa explicação acerca do filme. Depois de qual palavra deveria ser introduzida uma vírgula para encerrar essa explicação e retomar a oração iniciada pelo título?
- A flexão do substantivo *cidadão* não está de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa. Qual é a forma prevista? **Cidadãos.**
- Em sua opinião, o que explica os equívocos na flexão de número de palavras com a terminação *-ão*?
- A palavra *posição* apresenta o mesmo modo de flexão de número previsto para *cidadão*? Justifique sua resposta.

Não. O plural de *posição* é feito com a terminação *-ões: posições.*

4c. Após a palavra *Fria* ("Guerra Fria").

4e. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos indiquem que a possibilidade de três formas diferentes de flexão de número leva à dificuldade em estabelecer o plural dos substantivos terminados em *-ão*.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 133)

A questão quatro explora uma notícia sobre o prêmio Oscar, dado ao filme “A forma da água”, que foi muito bem recebido. Como podemos perceber, os questionamentos feitos são mais na área gramatical, e focaremos com isso nas letras *d*, *e*, e *f*, que vão tratar da flexão de palavras, pensando no campo da norma-padrão. Como vimos em Martins, Vieira e Tavares (2021, p. 11), a norma-padrão é um modelo para os usuários da língua, que controla os comportamentos linguísticos desses, e não uma variedade usada realmente, apenas há práticas que se aproximam, como podemos constatar ao lermos o texto da notícia, é tanto que ao lermos a palavra “cidadões”, notamos que destoa, pela *variação morfológica* apresentada.

Na questão *d*, os autores afirmam que a flexão do substantivo “cidadão” não está de acordo com a norma-padrão do português e pedem que seja informada a forma prevista por essa norma: “cidadãos”. Na questão *e*, é pedido a opinião do aluno a respeito do porquê dos equívocos na flexão das palavras terminadas em “ão” e na *f*, se pergunta sobre a terminação da palavra “posição”: “posições”, em intenção de comparar com o modo de terminação de “cidadão”.

Durante o exercício, em nenhum momento os autores tecem uma reflexão sobre o que chamam de norma-padrão - ao invés de norma-culta, já que a norma-padrão foi tratada antes pelos autores como um ideal inalcançável -, deixando passar a troca de terminação apenas como um “equivoco” ou erro, nem buscando ver essa troca pelo viés da norma ou variedade culta, que corresponde a um uso real da língua, que intenta seguir uma forma mais próxima do padrão, entretanto também possui variação. Compreendemos que nos gêneros escritos, é importante que se siga uma forma comum, todavia, achamos que faz falta uma maior reflexão sobre esses assuntos nesse momento, para que se não se entenda pelo viés do erro ou com a norma-padrão como única verdade.

Apenas um fator foi tratado, mas sem muita profundidade, na resposta da questão *e*: os autores indicam que o equívoco teria se dado pelo fato de que há três formas diferentes de flexão de número dos substantivos terminados em “ão”, o que causaria confusão, sendo assim, podemos pensar em como a norma-padrão, muitas vezes, possui regras e detalhes padronizadores que às vezes nos causam mais dúvidas do que servem. Como citado anteriormente, um ensino mais flexível a pensar na língua real dos falantes é de suma importância.

Observaremos, agora no capítulo cinco, que trabalha o gênero poema, nas páginas 157 e 158, a questão dois do exercício *O adjetivo na prática*:

Figura 28: Gênero Tirinha

Reprodução proibida. Art. 170.º do Código Penal e Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 2001.

2 Leia agora esta tirinha com os personagens Níquel Náusea e Gatinha, a rata por quem ele está apaixonado. palavra derivada.

Níquel Náusea **Fernando Gonsales**

© FERNANDO GONSALES

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 157)

Figura 29: Variedade popular e variedade urbana de prestígio

f) Brilhante, brilhosa. Comente com os alunos que, assim como os substantivos, os adjetivos também podem ser derivados, como é o caso dessas palavras, ou compostos, como *azul-marinho* ou *amarelo-canário*.

e) No terceiro quadrinho, a fala de Níquel Náusea equivale ao pensamento expresso nos quadrinhos anteriores. Copie a tabela em seu caderno e complete-a comparando os termos equivalentes nos dois casos.

"cada partícula do universo"

"as coisa"	
"fica"	"se torna"
"brilhenta"	

"viva e cintilante"

f) O termo *brilhenta* não aparece nos dicionários. Que adjetivo expressaria a mesma ideia?

g) Por que o ratinho ^{2g. Porque, diante da ratinha, ele se atrapalhou e acabou} conclui que precisa ensaiar mais? ^{produzindo uma} ~~fala bem menos elegante e romântica do que aquela que havia planejado dizer.~~ ^{Pronta atenção nas palavras usadas por Armandinho na tira a seguir.}

Sabia?

Em algumas variedades populares de linguagem, é comum a noção de plural ser expressa apenas no artigo ("As coisa fica brilhenta"). Contudo, nas variedades urbanas de prestígio, usadas em comunicações formais, essa noção é indicada em todos os termos variáveis em número: "As coisas ficam brilhantes".

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 158)

Na tirinha, Níquel Náusea aparece ensaiando para se declarar para sua amada, mas, quando a vê, troca a variedade culta que estava ensaiando por uma variedade popular: "as coisa fica brilhenta", menos prestigiada socialmente, ele percebe e diz que precisa ensaiar mais. Na questão *e*, os autores fazem o quadro para que se complete com as equivalências as duas frases, na *f*, enfatizam que o termo "brilhenta" não é dicionarizado, sendo uma forma diferente de expressar o mesmo significado de "brilhante" e "brilhosa", dessa forma, vemos variação no nível *lexical* e no nível *morfológico*, pela mudança de sufixo. A frase em si também revela-se como *variação social*, exprimindo a variedade popular.

No box adjacente *Sabia?*, os autores explicam sobre a questão do plural, presente na construção falada por Níquel, sendo usado apenas no artigo "As coisa fica brilhenta", eles assinalam que é uma forma recorrente em certas variedades populares, mais a frente, explicam que nas variedades urbanas de prestígio, mais formais, essa construção não é indicada, sendo feito o plural em todas as palavras. A informação é válida e necessária, pois não estigmatiza como erro, demonstra que é um uso normal da língua popular, então a fala não se caracterizaria como um problema, no entanto também é importante a atenção ao uso formal para situações necessárias. Um maior debate sobre a questão do prestígio de ambas as variedades também seria relevante, até mesmo para entendermos a reação de Níquel e Gatinha e a própria concepção de "fala bem menos elegante" que o livro trouxe.

Dando um salto para o oitavo e último capítulo, na seção *Mais da língua*, analisaremos na página 253, a questão três do exercício *O sujeito determinado na prática*:

Figura 30: Concordância do sujeito

3 Leia uma tirinha do quadrinista roraimense Armando Vitor.

Turma da Jurema



aos; "peia conta do twitter @USNavy"; "por um avião da Marinha americana".

- a) No primeiro quadrinho, Jurema conta o motivo de sua animação. Qual é?
- b) Como a sequência da tirinha desconstrói a declaração inicial?
- c) Com base nas duas respostas, conclua: o que provoca o humor da tira? *A quebra de expectativa.*
- d) Qual é o sujeito da locução verbal *vai começar*, do primeiro quadrinho? *O sujeito é "as Olimpíadas".*
- e) Explique por que a concordância entre essa locução verbal e seu sujeito não está adequada à norma-padrão.
- f) O equívoco indicado no item **e** é admitido no contexto da tira, que é informal. E em uma situação de fala formal, esse tipo de desvio é aceitável? Explique. *Não. Em uma situação de fala formal, espera-se um uso mais cuidadoso e monitorado da língua.*

3a. O início das Olimpíadas em breve, já que Jurema gosta muito de esportes.

3b. Embora queira aumentar o volume da TV, Jurema fica com preguiça de se levantar para pegar o controle remoto, o que sugere que ela é sedentária, e não esportista, como havia afirmado.

3e. O sujeito está no plural (as Olimpíadas), e a locução verbal deveria concordar com ele (vão começar).

253

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 253)

A tirinha aborda o entusiasmo da personagem Jurema com as Olimpíadas, no entanto, seu sedentarismo demonstra que ela não é muito de praticar esportes. Assim, o gênero trabalha com a quebra de expectativa e também com a concordância do sujeito, como Ormundo e Siniscalchi (2018) indicam nas sugestões de respostas, o sujeito “as Olimpíadas” não está em concordância com a locução verbal “vai começar”, havendo uma *variação morfossintática*: “vão começar” - “vai começar”, portanto, a construção não estaria de acordo com a “norma-padrão”, que novamente eles citam ao invés de “norma culta”. Complementam também que se trata de um equívoco e que é aceito no contexto da tirinha, por ser informal, todavia, não seria aceitável em um contexto formal, pois seria um desvio da norma, esperando-se um uso monitorado da língua.

Consideramos que a informação procede, mas seria interessante ainda mais reflexões sobre o assunto, sobre a questão da norma padronizada como absoluta e sobre a adequação a situação, pois, como visto González (2015, p. 235): não há como dizer que uma forma é a priori inadequada, depende também dos objetivos e da interação para a formulação do sentido.

Por fim, na página 256, há um quadro resumo com regras de concordância previstas pela norma-padrão:

Figura 31: Regras de concordância

A língua nas ruas – É provável que os alunos tragam exemplos de orações em que há inadequações em relação ao que é previsto na norma culta. Anote algumas delas na lousa e, evitando o uso da palavra erro, discuta qual seria a forma adequada a essa norma. Depois, explique a eles que, nas variedades populares, não é incomum que a ideia de plural seja expressa apenas por um dos termos, como ocorre em “Os menino adora feijão-preto” ou “Nós pegou o ônibus errado”. Reforce que o uso feito nas variedades urbanas de prestígio considera a concordância de todos os termos que podem ser flexionados no plural quando se deseja indicar esse número e que, como eles estão avançando em seus estudos, é interessante que se valham dessas formas que são valorizadas pela sociedade. Não obstante, reafirme que não é correto considerar tais construções e outras das variedades populares como inferiores ou precárias. A maior valorização de uma forma em detrimento da outra, como eles já vêm estudando, reflete a maneira como a sociedade se estrutura.


Este quadro resume algumas regras de concordância previstas na norma-padrão.

1. Sujeito simples: o verbo concorda com o núcleo em pessoa e número.

As portas do armário emperraram.

2. Sujeito composto: se estiver antes do verbo, a concordância ocorre no plural; se estiver depois, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo ou aparecer no plural.



O pai e os filhos viajaram.
Viajou o pai e os filhos.
Viajaram o pai e os filhos.



Casos especiais

3. Porcentagem: se for acompanhada por substantivo, o verbo concorda com ele; caso contrário, a concordância é feita com o número da porcentagem.

60% da turma prefere vôlei a futebol.
60% dos alunos preferem vôlei a futebol.
15% gostam mais de queimada.

4. Expressão partitiva (parte de, metade de, a maioria de, a maior parte de etc.): quando está acompanhada por um substantivo ou pronome no plural, a concordância pode ser feita no singular ou no plural.

Boa parte dos funcionários já deixou / deixaram o prédio.
A maioria de vocês já pode / podem sair de férias.

5. Expressão que indica quantidade aproximada (cerca de, mais de, menos de, perto de etc.) acompanhada de numeral e substantivo: o verbo concorda com o substantivo.

Cerca de trinta moradores compareceram à reunião do condomínio.
Mais de um morador contraiu dengue.

A língua nas ruas

Neste capítulo, você estudou os casos de sujeito simples. Nos próximos dias, preste atenção na fala das pessoas ao seu redor e verifique como é feita a concordância entre o verbo e os sujeitos desse tipo. Anote exemplos que chamem sua atenção e traga para a aula.

---● 256

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 256)

Como podemos ver, o quadro traz as regras de concordância verbal, com exemplos, de forma clara e sucinta, como sendo exemplos pertencentes à norma-padrão. Logo ao lado, há o

box *A língua nas ruas*, o qual propõe que os alunos prestem atenção e anotem exemplos de concordância na fala das pessoas no dia a dia, para compartilhar em sala de aula.

Há ainda um comentário/explicação relacionado à atividade, no qual os autores iniciam dizendo que os alunos poderão trazer orações que contenham inadequações ao que é previsto pela “norma culta”, assim não é possível entendermos muito bem se os autores com essa fala estão confundido os conceitos, querendo dizer norma-padrão, como anunciam no quadro, ou realmente norma culta, sendo que essa não é tão rígida quanto a norma-padrão. Tendo em vista os teóricos, a norma culta faz parte dos usos comuns da língua, nem sempre segue à risca todas as regras, e conta com maior prestígio social, a norma-padrão é a própria regra, uma idealização.

Em seguida, Ormundo e Siniscalchi (2018) reafirmam que se deve evitar chamar de erros as inadequações e pensar em como devem ser usadas na norma, explicam novamente como nas variedades populares a concordância de plural se faz diferente da variedade urbana, e como é importante que adotem esse uso valorizado pela sociedade. Um ponto importante é que eles defendem ao final com bastante ênfase que o erro está em desvalorizar e diminuir as variedades populares, uma variedade não deve ser tida como melhor que a outra, embora seja o reflexo do que acontece com seus próprios falantes, diferenciados pelo fator social. Consideramos que esta é uma abordagem positiva e proveitosa da língua e suas variedades.

Assim, com estes exemplos, sugestões e explicações, entendemos que os autores trouxeram o quadro pensando em um ensino de norma culta, e não de norma-padrão, pois reconhecem a flexibilidade da língua, e ensinam com o que deve ser trabalhado nas aulas de língua: dar possibilidade aos alunos do contato e aprimoramento das variedades de prestígio, ao mesmo tempo que estes compreendem e valorizam as variedades populares que usam e que são usadas por todos os grupos sociais, sabendo utilizar cada uma delas de acordo com as necessidades.

Desse modo, concordamos com um ensino que pense nos alunos, nos falantes, que saiam dali respeitados e sabendo respeitar, que sintam orgulho de como falam e possam ir além em quesito de letramentos, para assim ir mais além nas diversas situações da sua trajetória. É o que defende Bagno (1999, p. 168):

Ensinar bem é ensinar para o bem. Ensinar para o bem significa respeitar o conhecimento intuitivo do aluno, valorizar o que ele já sabe do mundo, da vida, reconhecer na língua que ele fala sua própria identidade como ser humano. Ensinar para o bem é acrescentar e não suprimir, é elevar e não rebaixar a auto-estima do indivíduo [...].

Em resumo, compreendemos que o LD busca conceituar a língua e sua nuance da variação linguística não tão somente no capítulo específico, mas ao longo dos capítulos e

temáticas, isso condiz com a proposta de Lima (2021). Assim, o livro não atua separando língua e variação linguística, mas tentando fazer com que o aluno compreenda a realidade, a importância e a validade dos usos das variedades da língua com a qual se comunica e vive em sociedade, entendendo essas variedades como intrínsecas à língua e portanto, não devem ser discriminadas ou cerceadas, bem como devem ser aprimoradas para um uso eficiente às diferentes ocasiões.

Dessa maneira, enfatizamos, de acordo com González (2015, p. 245), um ensino de variação e de preconceito linguístico por meio do livro didático que pense essas temáticas de forma positiva, sistematizada e como importante e rica que é para a língua. Acreditamos ainda que o professor deverá munir-se de mais informações e fontes que subsidiem o manual nesse estudo. Como apontam os PCNs (BRASIL, 1998), os professores devem observar a qualidade e as restrições em relação aos objetivos de ensino, assim buscando outros materiais de apoio para complementar e ampliar o contato dos alunos com o tema e os conhecimentos necessários.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das teorias vistas ao longo deste estudo e do que pudemos observar ao analisar o livro didático do 6º ano, a língua é composta por variedades linguísticas que constituem a riqueza da nossa expressão, e que carecem de um tratamento escolar sério, pensado para potencializar o uso linguístico dos alunos/falantes, de maneira que eles possam entrar em contato com essa riqueza e evoluir sua comunicação e, com isso, ter uma boa vivência em sociedade. Não menos importante é o fato necessário da erradicação do preconceito linguístico contra as diferentes variedades utilizadas, o que deve ser pauta importante nas aulas de português.

Uma experiência escolar que acolhe as diferenças, que quebra estigmas e busca proporcionar um estudo da língua inovador, fora do já conhecido tradicionalismo engessador que não traz compreensão, motivação, nem sentimento de pertença em relação à língua, é algo a ser tomado como meta, para tornar o ensino de língua mais atrativo e realmente exitoso naquilo que deve ter serventia: não ensinar uma “língua padrão” inutilizada, estranha e coercitiva aos alunos, mas dar a possibilidade de que eles possam entender melhor o funcionamento de sua língua, sua validade e como podem usá-la de diferentes maneiras em diferentes ocasiões.

Pensando nas questões propostas por esse trabalho, como vimos, o livro didático organizou sua abordagem sobre as temáticas da variação e do preconceito linguístico explorando-as de forma conceitual, gradativa, ao longo de todo os seus capítulos, destacando o trabalho com a variação em seção própria, entretanto também em um bom número de atividades no decorrer de outros assuntos, sejam referentes ao estudo de gêneros, sejam aos trabalhos gramaticais, demonstrando que o aspecto da variação linguística faz parte, como eles, do todo da língua, que acontece conjuntamente.

Reiteramos que, algumas vezes, as questões relativas à variação ainda são poucas, ou não tão enfáticas, dentro de algumas atividades, sendo assim poderiam ser melhor exploradas, indo mais direto ao foco da temática. Todavia, como já dito, notamos o esforço em trazer o tema ao longo dos estudos do livro, o que se configura como um fator positivo.

As atividades foram desenvolvidas buscando mostrar por meio de textos, exemplos, exercícios e explicações sobre possíveis dúvidas, os tipos e níveis de variação. Entendemos que as atividades contribuem para esclarecer a temática, pois embora tenham sido apontadas algumas poucas questões ambíguas em algumas discussões, relacionadas aos conceitos de norma-padrão e norma culta e também a falta de mais explicações em alguns pontos que

poderiam abrir margem para o preconceito, percebemos que a intenção dos autores não era seguir o ensino de “norma curta”, tampouco disseminar falas preconceituosas, entendemos que os professores deverão complementar as discussões, mas que têm em mãos um material que busca um ensino efetivo de variação.

Quanto aos objetivos, com relação ao geral e ao primeiro, analisamos o tratamento dado à variação e ao preconceito linguístico no LD apresentando suas atividades, descrevendo, explicando e consideramos que os autores esforçam-se dentro das possibilidades do material didático para explorar positivamente os conceitos sociolinguísticos como variação linguística, norma-padrão, norma de uso concreto, norma culta ou variedades cultas, variedades populares, adequação linguística, preconceito linguístico etc, de forma acessível ao alunado.

Com relação ao segundo objetivo, constatamos que os autores tiveram a preocupação em abranger em suas atividades os tipos de variação: social ou diastrática, variação estilística (a nuance relativa ao grau de formalidade da língua é a mais abordada ao longo do livro nas interpretações textuais), variação histórica ou diacrônica, variação regional ou diatópica e variação diamésica, bem como abordaram também os níveis de variação: morfológico, sintático, fonético-fonológico, vocabular ou lexical, semântico e pragmático, e esclarecem assim que a variação realmente faz parte da língua e pode ser constatada de várias maneiras e níveis de estudo.

Sobre o terceiro objetivo, salientamos que o livro didático, embora ainda deva buscar trabalhar a temática do preconceito linguístico com mais densidade, se propõe a discutir sobre ele em muitos momentos, seja na seção especial do estudo, seja durante as demais atividades, sempre orientando os alunos de forma direta, como também nas dicas aos professores, para que sempre seja enfatizado o respeito às variedades linguísticas das pessoas, que a discriminação é algo errado e não deve ser reproduzida pelos discentes, o que entendemos iluminar também a própria prática do professor, conduzindo-o a não reproduzir o preconceito em sala de aula com seus alunos.

Em resumo, nossos objetivos foram alcançados e pudemos explorar o livro didático enquanto material de ensino de língua atual, levantando discussões sobre a importância do estudo da variação linguística, em vias de combater o preconceito linguístico, bem como sobre o próprio livro didático e sua relevância como suporte ao professor, um bom condutor de conteúdos e material acessível aos alunos, todavia compreendemos as dificuldades de uso que o livro e o sistema de ensino e distribuição suscitam, além da necessidade de apoio de outros materiais que deverão ser buscados pelos professores e instituições.

Por fim, reiteramos que as discussões sobre o ensino de variação linguística não devem encerrar tão cedo, é necessário que haja sempre professores, instituições, formações, políticas que busquem debater o assunto, inseri-lo nas aulas de Português de maneira comprometida, para que os alunos entrem, permaneçam nas aulas e saiam delas sentindo-se bons falantes da língua que são, sem sofrerem com nenhuma segregação pela forma como se expressam, mas que compreendam como é válida essa expressão, além do que possam aprimorá-la e apropriar-se também das variedades que ainda não dominam, por meio de um ensino que alie o que recomenda o uso normativo com o uso verdadeiro e necessário para os alunos.

Enfatizamos a importância de que o debate continue, para que fora da sala de aula, alunos, professores e a sociedade como um todo, tenham a compreensão do que é realmente “saber o português”, que nada tem a ver com decorar uma norma-padrão, mas sim com o uso comum que fazemos, seja qual for a variedade, todos sabemos português e, portanto, ninguém deverá ser discriminado pela forma que reproduz a língua.

Visto isso, entendemos que este estudo pode contribuir para aqueles que se interessarem pela área do ensino de língua, para quem busca refletir sobre o uso do livro didático ou busca metodologias para o trabalho com variação linguística, até mesmo pode servir como ferramenta de debate sobre a maior inserção da temática em sala de aula, para a melhoria do interesse nas aulas de português.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- BAGNO, Marcos. **O lugar da variação linguística na aula de português**. GELP UFCG, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8SwXexFAfXw>. Acesso em: janeiro de 2022.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico**: o que é, como se faz. 49. ed. São Paulo: edições Loyola, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001. 144 p.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Valores de Aquisição por Título – Anos Finais – PNL D 2020**. Brasília, 2020.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.
- FARACO, Carlos Alberto. **História do português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: construção e ensino. IN: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto. **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FREITAS, O. **Equipamentos e materiais didáticos**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/equip_mat_dit.pdf>. Acesso em 26 de setembro de 2021.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GONZÁLES, César Augusto. Variação linguística em livros de português para o EM. IN: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto. **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- ILARI, Rodolfo. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. IN: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Org). **Introdução a linguística**: fundamentos epistemológicos. 5. ed. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2011.
- KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

LIMA, José Ricardo. Variação linguística e os livros didáticos de português. IN: MARTINS, Marcos Antonio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice. **Ensino de português e sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

MARTINS, Marcos Antonio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice. Contribuições da Sociolinguística brasileira para o ensino de português. IN: MARTINS, Marcos Antonio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice. **Ensino de português e sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

OLIVEIRA, Thiago Soares de. A sociolinguística e a questão da variação: um panorama geral. **R. Letras**, Curitiba, v. 19, n. 25, p. 01-18, jan./jun. 2017.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua**: leitura, produção de texto e linguagem. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2018.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. IN: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.